Diário de Lisboa

ANO 63.° N.° 21 363
Janeiro 1984
Segunda-feira

20$00

23

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ABORTO

Cardeal Patriarca ameaçou partidos que aprovem

Igreja joga com o voto dos católicos

É já na próxima quarta-feira que se inicia, no Parlamento, o debate dos projectos de lei sobre despenalização do aborto, apresentados pelo PCP e pelo PS.

Extra Assembleia da República, as movimentações multiplicam-se. De um e de outro lado da barricada, as forças que apoiam ou repudiam a regulamentação duma prática até agora só possível através de meios clandestinos e por isso altamente perigosos e especulativos, queimam os últimos cartuchos.

Enquanto dirigentes partidários e outras figuras públicas não se cansam de propagar as respectivas posições é a hierarquia católica, inequivocamente, quem chama a si a liderança da campanha antidespenalização. O Cardeal-Patriarca, em Lisboa, e o arcebispo-primaz, em Braga, servem-se dos actos de culto ou das manifestações de rua para a movimentação da opinião. **Pág. 20**

Foi no decorrer desta manifestação, realizada em Braga, no fim-de-semana, que o arcebispo-primaz de Braga disse que «o princípio da ilegalidade do aborto deve manter-se intacto»

Coligação governamental está ameaçada pela posição do PSD

Pág. 4

Em Fóia e ligada ao Comando NATO

Base de radares dos EUA estará operacional em 1987

Pág. 20

Amanhã em Lisboa

Gama e Wiesner debatem África

Chega esta noite vindo de Cabo Verde o subsecretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Frank Wiesner, que amanhã à tarde manterá um encontro com o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama. Wiesner avista-se ainda com os embaixadores dos EUA em Maputo e Bissau, respectivamente Peter de Vos e Wesley Egan. Lisboa será, portanto, e mais uma vez, o palco de conversações sobre a situação na África Austral, depois de Pretória e Maputo formalizarem relações, e no momento em que foram divulgados encontros exploratórios entre as autoridades angolanas e sul-africanas, realizadas em Cabo Verde. A visita do subsecretário de Estado americano, e membro do governo de Washington que mais visita Portugal, ocorre nas vésperas da partida de Jaime Gama para a Guiné-Bissau, país que actualmente coordena toda a acção conjunta dos cinco países africanos de expressão portuguesa. **Pág. 4**

Lourdes Pintasilgo e José Carlos de Vasconcelos: vingou a posição da primeira, mas ficaram as reticências do segundo

Ainda é cedo para ser partido

MAD opta pela intervenção social

No decorrer do seu plenário nacional, reunido no Porto durante o último fim-de-semana, o MAD (Movimento para o Aprofundamento da Democracia) optou pela intervenção social, colocando num plano mais reduzido a intervenção propriamente política. **Pág. 5**

Renúncia de Mário Soares não paralisaria o País

— afirma Ramalho Eanes

Pág. 8

Inquérito DL • Inquérito DL • Inquérito DL • Inquérito DL

Nova política, novo Governo: é mesmo necessário?

António Galhordas, médico e dirigente do MDP/CDE e Luís Moita, ex-sacerdote católico e dirigente do CIDAC (Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral), depõem hoje no inquérito que «DL» tem vindo a promover sob o título em epígrafe. Isto tendo em conta que a maior central sindical, a CGTP, se prepara para pedir a demissão do Governo nas jornadas de luta que está a convocar para os dias 26, 27 e 28 do corrente.

António Galhordas (MDP/CDE)

Há risco de se reconstituírem importantes concentrações de capital financeiro

Para responder mais explicitamente à pergunta que me é formulada, preferia dissociar as duas questões – uma nova política um novo Governo – que consituem os objectivos essenciais da acção de massas do próximo dia 28 de Janeiro.

Não tenho qualquer dúvida em afirmar que se impõe neste momento em Portugal uma nova política.

Com efeito, em nome da austeridade e de um pretenso rigor, foram e estão a ser tomadas medias económicas e financeiras com profunda repercussão social, que estão à beira de alterar esruturalmente a sociedade portuguesa.

Há um risco objectivo (ou será mesmo uma intenção?) de se reconstituirem importantes concentrações de capital financeiro com o regresso à estrutura económica dos monopólios, com a consequente repercussão no plano político, alterando-se o regime e o Poder de Estado.

Porque isto pode realmente acontecer, dar-se-ia o facto, já historicamente conhecido, de a liberdade ser estrangulada e o regime democrático substituído, com a utilização dos próprios mecanismos da democracia.

A política levada a cabo pelo actual Governo, na continuação de resto, da que a AD fizera, tudo aponta que poderia conduzir,a uma situação de alteração profunda do nosso processo político, no sentido estutural que atrás se descreve. Daí decorre o abaixamento acelerado do nível de vida, a diminuição assustadora, quase diária, do poder de compra pela psicose da alta de preços e pela inflação desenfreada, a perda da esperança e a descrença no futuro, a falta de capacidade e de ânimo de vastos sectores da Administração Pública para responder à ansiedade cada vez maior dos cidadãos.

Nestas condições a denúncia tem que ser feita em toda a sua extensão e a luta tem de ser lançada com tenacidade e sem tréguas.

Todo o meu apoio, por isso, à iniciativa da CGTP-IN.

A segunda parte da questão que me é colocada diz respeito à necessidade de um novo Governo.

Poder-se-á perguntar se uma nova política que reponha a esperança e trave decisivamente a queda acelerada do nível de vida dos portugueses pode ser realizada pelo actual Governo.

A actual coligação governamental não era de forma alguma a única alternativa possível após as últimas eleições em 25 de Abril. Como dirigente do MDP CDE recordo soluções adiantadas pelo meu próprio partido que constituiam uma séria alternativa à política da AD.

Esta coligação anulou o verdadeiro resultado das eleições e defraudou a vontade do Povo português.

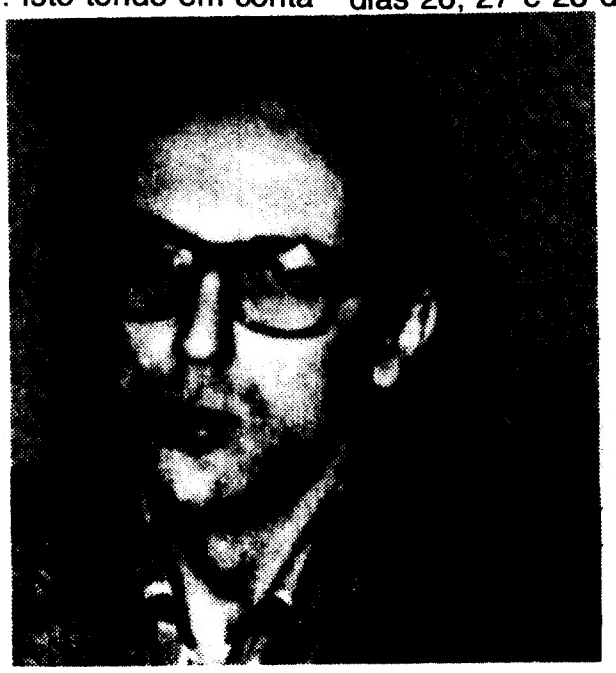
O entendimento do PS com o PSD nada alterou no essencial, daquilo que a AD tinha realizado e manteve a mesma situação totalmente desajustada entre a prática política do Governo e o quadro económico-social definido no nosso regime consititucional.

Por razões, porventura não exactamente coincidentes, mas que acabaram por confluir, o PS e o PSD tendem para alterar as regras da vida democrática e provocar uma mudança no quadro político-social referido na Constituição.

São exemplos, as alterações impostas nas fronteiras dos sectores económicos, o controlo pelo Governo e o aviltamento da Comunicação Social, a perturbante situação na Educação e na Saúde, o desprestígio em que é colocada a Assembleia da República, a tentativa de refrear os direitos e liberdades dos trabalhadores e dos cidadãos em geral.

Nesta ordem de ideias, torna-se evidente que uma inflexão importante desta política terá que corresponder uma nova composição governativa consentânea com a vontade do eleitorado que, terminada a triste experiência da AD, votou pela reposição do 25 de Abril no próprio Dia da Liberdade.

A luta tem pois de continuar para que aquela vontade seja cumprida.



Luís Moita

Clientelismo dos clans tem primazia sobre os interesses nacionais

Um caso exemplar exprime com cruel evidência a prática deste Governo: o que se passa com o ministro da Educação. Pela informação de que o público dispõe, quase todos estão contra a sua política, desde os seus (ex) secretários de Estado até ao Sindicato dos Professores, desde os movimentos estudantis até ao próprio PS. Só que o ministro tem o apoio de Mota Pinto, ao que parece por razões de tipo político-eleitoral, atendendo à posição de alguns sectores do Norte do País. Não interessa a política de educação, não interessa o presente e o futuro do nosso sistema de ensino, o que interessa é que o vice-Primeiro-Ministro não aliena uma pequena fatia da sua base de apoio!

No seu simbolismo, este caso manifesta uma constante da prática governamental. O clientelismo dos clãs tem a primazia sobre os interesses nacionais.

No domínio da política económico-social esta prática atinge uma dimensão intolerável. Parafraseando o tema de uma revista recentemente publicada, poderia dizer-se que não há apenas uma crise da economia, existe sobretudo uma crise da política económica. Não é só a tão denunciada ausência de horizontes e a total incapacidade de definir objectivos a médio e a longo prazo, objectivos esses que deveriam evidentemente determinar as medidas conjunturais. O que é grave é que as decisões já tomadas estão a provocar custos sociais sem precedentes, ao mesmo tempo que delas resulta um conjunto de feridas profundas na própria estrutura produtiva da economia portuguesa (ausência de investimentos, falências em cadeia,, ruptura de circuitos económicos...)

Atenção, porém! Não se diga, sem mais, que existe uma crise económica em Portugal, como se a sociedade portuguesa fosse uma realidade homogénea. Não é verdade que continuam os negócios prósperios em muitos sectores? Não é verdade que o consumismo de luxo continua a proliferar em várias camadas das classes favorecidas? O que se passa é uma crise do modelo de acumulação a nível do capitalismo mundial e que a reacção das classes dominantes a essa crise traduz-se numa gigantesca transferência de recursos: no interior de cada sociedade há uma transferência de recursos das classes trabalhadoras para os detentores do capital (em ordem a um novo processo de acumulação); à escala internacional há uma transferência de recurssos dos povos do Terceiro Mundo para os grandes centros dominantes. O preço da crise é pago, por uma lado, pelos povos de África, da Ásia e da América Latina, e, por outro pelas massas trabalhadoras dos países industrializados. Assim se tenta modernizar o sistema capitalista e adaptar aos novos tempos os mecanismos de exploração.

Que o digam os trabalhadores portugueses! Este fenómeno geral, que pode parecer um dado abstracto é sentido bem concretamente na nossa carne. Não é por acaso que na repartição do rendimento nacional, o factor **trabalho** reduz progressivamente a sua percentagem, em favor de uma crescente remuneração do factor **capital**. O que está em jogo é uma recomposição do capitalismo português à nossa custa. Com a agravante de que a dependência externa atinge números nunca igualados.

Quem pensa que não é possível e necessário inverter a marcha dos acontecimentos?

DELEGADOS DE PUBLICIDADE

Para jornal diário e outras publicações

PRETENDE-SE:

- **Bom nível cultural**
- **Capacidade de comunicação**
- **Dinamismo**
- **Com ou sem experiência**

Resposta detalhada ao n.° 19.103 deste jornal

VAAP — AGÊNCIA DOS DIREITOS DE AUTOR DA URSS

VAAP
Exportação e importação de direitos de autores soviéticos e estrangeiros.
A VAAP contribui para o intercâmbio cultural entre os povos:
— Representa os direitos e interesses de autores soviéticos e estrangeiros;
— elabora contratos sobre a concessão e aquisição de direitos para uso de obras de autores soviéticos e estrangeiros nos campos da ciência, literatura, dramaturgia, música e artes plásticas;
— informa sobre novidades literárias de autores soviéticos.

A VAAP
participa nas grandes feiras internacionais do livro, em festivais de música e teatro.

Para obter qualquer informação sobre a aquisição ou concessão de direitos de obras de autores soviéticos ou estrangeiros, dirija-se à VAAP — AGÊNCIA DE DIREITOS DE AUTOR DA URSS.

103670, GSP, Moscovo K-104
B. Bronnaia, 6-A
Telefone — 203-45-99
Telex — 411327
Telegramas — Moscovo, autor.

Crónica de Economia Política

Quanto pior melhor?

Mário Murteira

AS notícias mais recentes sobre a conjuntura económica portuguesa levam a admitir uma redução no défice das transacções correntes mais pronunciada do que o objectivo acordado com o FMI. Tal como na execução do programa de estabilização negociado com o Fundo em finais dos anos 70, parece assim avizinhar-se um êxito espectacular no domínio dos pagamentos externos. No entanto, tal «êxito» significa também outras coisas: por exemplo, um aumento no desemprego nos finais de 1983 da ordem dos 10% relativamente ao ano anterior; e certamente aumento também espectacular no número de falências, no volume de trabalhadores com salários em atraso, etc.. Por outro lado, como reconheceu Peter Drucker em entrevista recente à revista **Expansion** (Outubro 1983) «em período de crise e inflação é preciso seguir de perto não a curva dos lucros, mas a evolução do **cash flow** e da tesouraria. Uma empresa pode sobreviver a longos períodos de lucros reduzidos ou de margens estreitas na condição de dispor de uma base financeira suficiente». Ora, em Portugal, esse período de crise e inflação é precisamente acompanhado do encarecimento e rarefacção dos meios financeiros postos à disposição das empresas, o que torna ainda mais dura a sua luta pela sobrevivência. Neste contexto, tais «êxitos» da austeridade são assim – pelo menos –ambíguos e interrogamo-nos sobre o sentido desse masoquismo económico que pretende levar-nos a sorrir com tanta maior satisfação quanto pior vão as coisas.

Em suma: é verdade que quanto pior melhor? Melhor em quê, para quê, quando, onde? Questões que sendo fundamentais não têm resposta fácil. Mas é preciso procurá-la, ao menos encontrar a **pista das respostas necessárias e possíveis.**

Neste espírito, parece-me que a questão central a colocar é a seguinte: a «estabilização» em curso altera para melhor ou para pior o modo de funcionamento da economia portuguesa? O ideal seria que este tempo de vacas magras servisse para algo mais que (digamos) O Grande Aperto; que servisse também e sobretudo para preparar as condições (que Mao nos perdoe) do **Grande Salto para Diante.** Como sabê-lo? Talvez definindo o sentido das mudanças desejáveis e confrontando-o com aquilo que se passa.

As mudanças desejáveis têm a ver, antes do mais, com a natureza e estrutura do sistema produtivo da economia portuguesa. Esse sistema é, em grande parte, na agricultura e na indústria, **matéria de arqueologia económica,** isto é, algo que pode ser interessante para estudo do passado mas que não tem qualquer interesse e justificação do ponto de vista do futuro. Tal como refere Drucker na entrevista que citei, há duas maneiras de encarar uma situação desse tipo: procurar, a todo o custo defender o velho, ou criar o novo, minimizando os custos da agonia do velho.

O modo actual de funcionamento da economia portuguesa vai mais no primeiro sentido do que no segundo, tal como antes do 25 de Abril, mas por processos diversos e justificações distintas. É paradoxal afirmar isto quando a crise que atravessamos pareceria limpar o terreno, permitindo apenas a sobrevivência dos mais aptos. Mas não é assim, e vale a pena tentar explicar porquê.

A maneira como tem funcionado nos últimos anos a economia portuguesa pode caracterizar-se nalguns aspectos simples e essenciais: a nossa economia tem perdido posição na chamada divisão internacional do trabalho; a excessiva desvalorização internacional do escudo premiou indevidamente actividades tradicionais de exportação, baseadas em mão-de-obra barata e pouco qualificada; a inflação muito superior à média dos países da OCDE permitiu substanciais transferências de rendimentos entre classes e estratos sociais com acentuação das desigualdades na repartição do rendimento; o funcionamento do Estado como agente económico predominante mas frouxo nas suas intenções e motivações permitiu, entre outras consequências, o florescimento de práticas especulativas e ilegais que determinou a expansão espectacular da chamada economia subterrânea; enfim, a política do **pára e anda** (stop and go), ou seja, de oscilação entre rédea curta e rédea larga na condução da actividade económica não serviu nenhum cenário convincente de desenvolvimento a prazo, em particular, quanto à garantia de emprego produtivo para os jovens.

Tudo somado, e pese embora a irracionalidade aparente de tudo isto, o resultado líquido vai mais no sentido da conservação de uma velha ordem económica do que na criação de uma nova. Basta pensar na maneira como têm sido geridos – globalmente – o sector público produtivo e a banca nacionalizada.

Voltemos então à questão anterior: a «estabilização» em curso altera globalmente este modo de funcionamento irracional e ineficaz da economia nacional?

Infelizmente, não creio ser possível afirmar, até à data, que esteja real e concretamente em curso alguma alteração qualitativa fundamental que possa considerar-se positiva.

Vejamos alguns dos sinais necessários para que fosse diferente a resposta.

Um primeiro sinal consistiria na **selectividade** rigorosa das medidas conjunturais em função de objectivos a prazo, por exemplo, em matéria de crédito e de isenções fiscais.

Um segundo sinal, seria dado por uma política bem definida de investimentos do sector público ao serviço de um quadro coerente de ajustamento estrutural da economia portuguesa, devidamente perspectivada no âmbito das suas relações económicas internacionais.

Um terceiro sinal, consistiria na definição precisa de objectivos e instrumentos da política de desenvolvimento regional do país, como é sabido, área crítica da valorização dos recursos materiais e humanos do país.

Um quarto sinal, residiria na definição séria de uma política de cooperação económica com os jovens Estados africanos de expressão portuguesa.

Com efeito, está por provar que a política económica restritiva em curso (PERC) sirva mais do que objectivos precários e transitórios formulados exclusivamente em termos financeiros. Desejar-se-ia muito mais, para compensação dos sacrifícios exigidos: por exemplo, uma noção sobre como vai auto-regular-se no futuro a economia portuguesa, se por projecto, vontade e dinâmica próprios, ou antes por solavancos e tropeços do tipo **stop and go,** como o velho calhambeque que segue penosamente o seu caminho para parte incerta (1).

(1) Um colóquio sobre «Crise da Economia e Crise da Política Económica em Portugal», com a participação de João Cravinho, J. Torres Campos, Augusto Mateus, Vítor Martins e Mário Murteira terá lugar na próxima quinta-feira, dia 26, às 18 horas, no ISCTE (Av. das Forças Armadas). O colóquio é organizado pela revista «Economia e Socialismo».

ponto a ponto

MEP-PV

O Partido Os Verdes exigiu que seja aberto «um grande debate público» sobre a paz e sobre «as facilidades cada vez maiores dadas a potências estrangeiras para a utilização militar do nosso território».

De acordo com um comunicado deste Partido, «para além dos compromissos assumidos no acordo com os EUA sobre a base das Lajes, fala-se já da possibilidade da base de Beja vir a servir para a força de intervenção rápida dos mesmos Estados Unidos e da instalação de uma estação de rastreio de satélites de natureza científica e estratégica no Algarve».

O pr[illegible] no Secundário Basílio Machado foi eleito presidente [illegible] concelhia do PSD de Pombal.

Na pre[illegible]esa do plenário concelhio foi reconduzido o advogado Ar[illegible] çalves e para delegados à assembleia do distrito foram [illegible]hidos o bancário Landeiro de Carvalho e o farmacêutico Luís To[illegible]s.

A Comissão Permanente Nacional da Juventude Social-Democrata convocou a Comissão Política Nacional para reunir nos próximos dias 28 e 29, em Leiria, com ordem de trabalhos que será divulgada oportunamente. A Comissão Permanente Nacional da JSD convocou também para dia 29 de Janeiro, no mesmo local, os presidentes das comissões políticas distritais e regionais, para fazer a análise da situação política e para nele apresentar a moção que será defendida no XI Congresso Nacional do PSD.

AUTARCAS do PPM reafirmaram que «a regionalização não poderá prosseguir contra a criação de novos concelhos, quando viáveis e desejados pela população, como é o caso de Vizela».

Num encontro de autarcas do PPM pertencentes às zonas Centro e Sul de Portugal, foi também acordado, que «em face da catástrofe que constituiram as **recentes inundações** na área de Lisboa, se torna necessário criar uma entidade inter-municipal que garanta uma acção de conjunto imediata e eficaz».

A acção da referida entidade deveria englobar, no entender dos autarcas monárquicos, a região metropolitana de Lisboa e a península de Setúbal» como um todo articulado».

O segundo encontro dos trabalhadores democratas-cristãos da região Norte considerou que «os gastos diários de um governante português no estrangeiro correspondem em média a meio ano de salário mínimo nacional».

Os trabalhadores presentes no encontro consideraram ainda que, apesar de todas as dificuldades do país, o Governo não diminui as suas despesas, e, neste sentido, alertam «os mais altos responsáveis do País para terem em atenção a real contenção de despesas, muito especialmente as que implicam gastos de divisas».

Recordando a revista «Lusitânia»

Reinaldo Varela Gomes

Passa este mês o sexagésimo aniversário do início da publicação de uma das melhores revistas culturais portuguesas de todos os tempos, a «Lusitânia».

A sua publicação teve início em Janeiro de 1924, vindo a concluir a sua efémera existência, com a saída do fascículo X, verificada em Outubro de 1927.

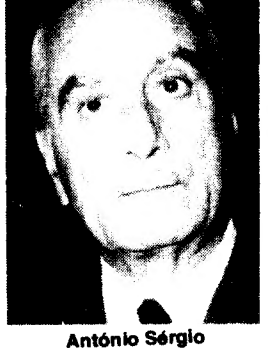
A origem remota da edição de uma revista em que se agregassem todas as forças que pretendessem «dar um conteúdo renovador e profundo à revolução portuguesa», segundo a expressão de Jaime Cortesão, foi a criação, em 1911, do Grupo Renascença Portuguesa, que em Janeiro do ano seguinte, inicia a publicação da revista «Águia», dirigida por Teixeira de Pascoaes (2.ª série, que sobrevive até 1930).

Após a nomeação de Jaime Cortesão para a direcção da Biblioteca Nacional de Lisboa (1919), torna-se esta instituição em local de encontro de uma prol de intelectuais por tugueses que incluía monárquicos, principalmente integralistas , e republicanos de todas as tendências salientando-se os «seareiros».

No «Grupo da Biblioteca», como passou a ser conhecido, vão nascer profundas amizades, apesar dos antagonismos políticos existentes, como a de Afonso Lopes Vieira e António Sérgio. São estes pensadores que conseguem uma plataforma de entendimento intelectual, que

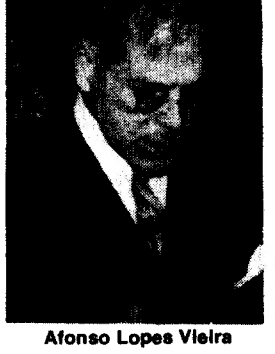
Jaime Cortesão

Aquilino Ribeiro



António Sérgio

Raúl Proença



Afonso Lopes Vieira

irá permitir a publicação da revista de estudos portugueses a «Lusitânia», na qual vão colaborar integralistas, «seareiros» e outros independentes.

A direcção do empreendimento foi dado à ilutre filóloga Carolina Michaëllis de Vasconcelos, a título honorífico, pois esta, na altura, era lente na Universidade de Coimbra. O cargo de editor e redactor-gerente pertencia a Câmara Reis.

Do secretariado da redacção foram encarregados Afonso Lopes Vieira e Reinaldo dos Santos. O corpo redactorial era composto pelas figuras vintistas mais representativas dos assuntos tratados. Assim, a secção de literatura foi entregue a Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos e António Sardinha. António Sérgio desempenhava as funções de crítico oficial da revista. A Carlos Malheiro Dias competia a parte dos estudos luso-brasileiros; a Pedagogia, a Faria de Vasconcelos; a Etnografia, a José Leite de Vasconcelos; as Ciências Matemáticas, a Luciano Pereira da Silva; a Agronomia, a Mário de Azevedo Gomes; a Arte e a Arqueologia eram da responsabilidade de José de Figueiredo e de Reinaldo dos Santos; as Ciências Biológicas, era estudadas por Ricardo Jorge; e, finalmente, o responsável pela secção musical era o famoso pianista Viana da Mota.

A administração funcionava na Praça Luís de Camões, 46-2.º, onde se encontravam sediadas igualmente a redacção da «Seara Nova» e a Universidade Livre

Todavia, devido a divergências internas, provocadas por uma polémica no seio da própria revista entre António Sérgio e António Sardinha, iniciada por uma crítica mordaz feita pelo primeiro a um livro de Manuel Murias, o benjamam dos integralistas, sobre o século XVII, a administração foi transferida para as Livrarias Aillaud & Bertrand (e Câmara Reis abandonou os cargos administrativos que desempenhava, apesar de se manter como colaborador.

A «Lusitânia» publicou um total de dez fascículos. Quatro em 1924 (Janeiro, Março, Junho e Setembro); três, no ano seguinte (Abril, com um número duplo dedicado a Camões, Outubro e Dezembro); um, em 1926 (Abril); e, termina, no X fascículo, dado a público em Outubro de 1927, dedicado à ex-directora da revista, Carolina Michaëllis de Vasconcelos, falecida a 16 de Novembro de 1925.

Os objectivos da revista, apesar dos seareiros não concordarem em absoluto com o que se escreveu, como se pode ver na correspondência enviada por António Sérgio a Afonso Lopes Vieira sobre o assunto, são explicitados na sua nota de abertura: (1)

«Aspira a «Lusitânia» a ser um órgão da nossa cultura ao serviço da Reconstrução Nacional. Órgão independente, empresa espiritual – pois nem sequer tem a revista outro editor que não seja a sua própria redacção – vem esta publicação enquadrar-se no grande movimento de re-criação do Espírito da Pátria, para o servir com sinceridade pura, isenção honrada e fé ardente na verdade imortal da Nação Portuguesa – verdade imortal e pairante sobre o medíocre, o contingente e o provisório. Amamos e queremos servir a Terra Lusa em todas as irradiações da sua alma avoenga e contemporânea. Eis o nosso programa.»

Depois desta alocução introdutória, promete uma boa secção bibliográfica e dar a conhecer «os valores nacionais que fazem parte da civilização do mundo», pedindo para o efeito a colaboração de todos os intelectuais portugueses, sem distinção de conotações políticas.

Promete, igualmente, dispensar uma atenção muito particular ao que se viesse a passar no Brasil e em Espanha.

Esta apresentação termina dizendo:

«E ao depor nas mãos do leitor o Primeiro Fascículo da Lusitânia, rogar-lhe-emos que atenda com amorável cuidado ao ânimo que nos inspira, nos guarda e nos norteia.»

A revista dividia-se em quatro partes, sistema que manteve em todos os seus números: I – Artigos de fundo, sobre as mais variadas matérias; II – A secção crítica que se subdividia em: bibliografia, música e artes plásticas; exposições, concertos e conferências; e arte e arqueologia; III – «Marginalia», secção onde, normalmente, se davam pequenas notícias de carácter literário, artístico ou científico; IV – «Sommaire», onde se faziam os resumos dos artigos insertos em língua francesa.

Do corpo redactorial da revista, foi Afonso Lopes Vieira, que teve uma participação ininterrupta na revista e, conseguiu publicar na íntegra a sua versão e interpretação em prosa da gesta castelhana do Século XII, «Cantar de Mio Cid».

Continua na pág. 18

Eleitos corpos gerentes da Associação 25 de Abril

O major Vasco Lourenço, o brigadeiro Pezarat Correia e o general Rangel de Lima foram eleitos neste fim-de-semana presidentes da Direcção, Mesa da Assembleia Geral e Conselho Fiscal da «Associação 25 de Abril», respectivamente.

Votaram 500 dos 2792 militares do Quadro Permanente dos três ramos das Forças Armadas. A constituição dos corpos gerentes é a seguinte: na Direcção, presidida por Vasco Lourenço, o vice-presidente é o coronel Costa Neves (Força Aérea), o secretário o major Lopes Camilo (Exército) e o tesoureiro o coronel Nápoles Guerra (Exército). São vogais os majores do Exército Antero Ribeiro da Silva e Brás da Costa e os primeiros-tenentes da Marinha, Simões Teles, Almeida de Moura e Lorena Birne.

O almirante Vítor Crespo foi eleito vice-presidente da Mesa da Assembleia Geral, sendo primeiro e segundo secretários, respectivamente, o capitão-de-mar-e-guerra Martins Guerreiro e o tenente-coronel Maia Balacó. São substitutos o coronel Tomás Ferreira (Exército) e o major Lemos Alho (Força Aérea).

Do Conselho Fiscal fazem parte ainda, como secretários, o coronel Moreira de Azevedo (Exército) e o capitão-tenente da Marinha, Nunes da Cruz.

Os novos corpos gerentes da «Associação 25 de Abril» tomarão posse na sua sede, Forte do Bom Sucesso, no próximo dia 31 de Janeiro.

A Assembleia Geral dirigida por Pezarat Correia tratou de assuntos correntes da vida associativa, discutiu e aprovou o relatório e contas da comisssão instaladora, ratificou a admissão de 265 novos sócios efectivos, bem como as realizações já levadas a efeito e programadas, no âmbito das comemorações do décimo aniversário do 25 de Abril.

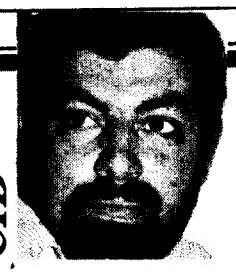
O plenário aprovou também a admissão, prevista pelos estatutos, de um corpo de apoiantes não militares, que deverá começar a processar-se em breve.

RIO DE MOURO
SERRA DAS MINAS

MARIA HELENA DIAS AGUIAR

Missa do 7.º Dia e Agradecimento

Seu marido, filha, genro, irmãos, cunhados e mais família participam que será celebrada missa do 7.º Dia, na igreja de Rio de Mouro pelas 18 horas, do dia 24/1/84, agradecendo a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto, bem como aos que de uma forma ou de outra lhes manifestaram o seu pesar.



PEDRO CID

Equipa de Seabra: existem nomes mas não se sabe se serão aceites

Aborto ameaça coligação

A nova equipa de secretários de Estado conseguida por José Augusto Seabra pode vir a ser contestada pelo PSD devido à sua falta de credibilidade, seja ao nível político, seja na área específica do Ministério da Educação. Esta questão só será resolvida amanhã, no regresso de Mota Pinto dos Estados Unidos, mas o assunto foi já abordado brevemente na reunião de sexta-feira passada da Comissão Permanente dos sociais democratas.

Oficialmente, José Augusto Seabra ainda não deu conhecimento a ninguém da sua nova equipa – nem ao partido, nem ao Primeiro-Ministro, a qual, após sucessivas recusas será constituída (se não for rejeitada) pelo dr. René da Silva, um independente que foi subsecretário de Estado de Fraústo da Silva, por Maria Helena Carvalho Santos, militante do PS, mas indigitada sem a aprovação e mesmo ao arrepio do maior partido da coligação, e pelo prof. Pinto Machado, apoiante caloroso do Presidente Ramalho Eanes, mas que foi companheiro de Sá Carneiro na ala liberal do marcelismo e nos primeiros tempos da Revolução de Abril.

A posse dos novos secretários de Estado é ainda assunto relativamente demorado. Seja porque, tanto quanto se sabe o dr. Mário Soares ainda nada disse oficialmente ao Presidente da República, seja porque o assunto deverá ser levado às cúpulas dos partidos, seja porque o Primeiro-Ministro sairá do País esta semana, e seja, ainda, finalmente porque a semana será politicamente dominada pela discussão parlamentar da despenalização do aborto. O tempo escasseia portanto para as modificações pontuais no seio do Governo.

Como se desencadeará a «mais grave crise?»

A febre da ruptura da coligação parece ter-se atenuado no interior do PSD, mesmo entre os mais directos apoiantes de Mota Amaral, alguns dos quais terão achado «excessiva» a declaração de há uma semana à Rádio Renascença do já candidato presidencial. Porém é inquestionável que o projecto sobre o aborto serve de pretexto apropriado para as lutas internas que se vão desenvolvendo no PSD, com vista ao congresso de Braga.

A esta súbita descida de pressão não deve ser alheio o aviso dos empresários ligados ao PSD e feito chegar aos seus mais altos responsáveis, incluindo a Mota Amaral. Segundo esses empresários «qualquer abanão nesta fórmula governamental que viesse a gerar uns meses de instabilidade política, deixaria o País de pantanas e em situação ainda mais dramática do que a que tem hoje, seja no domínio económico ou no financeiro».

Uma digressão que pudemos fazer ao longo do fim-de-semana pelos homens que detêm o poder colectivo das decisões no PSD (a Comissão Política Nacional) permite ao jornalista o risco de afirmar que a maioria desses homens não advoga o termo da coligação, sem embargo de uma tomada de posição enérgica oriunda de um Conselho Nacional Extraordinário, que não está excluído, possa ocorrer já no fim-de-semana próximo.

Talvez por isso ninguém nos soube explicar como é que Mota Pinto vai desencadear «a mais grave crise na coligação». É verdade que o acordo político, parlamentar e de Governo PS/PSD afirma que **não são de admitir iniciativas parlamentares que entrem em conflito com a execução dos programas de Governo ou que hostilizem a linha programática do parceiro da coligação.** À face deste articulado, compreende-se que o PSD encontraria aqui justa causa de rescisão do acordo. Mas, à face daquilo que se convenciona chamar o interesse nacional, os sociais-democratas vão ter que engolir, com maior ou menor rapidez este «sapo vivo»...

Há que ter em conta, apesar de tudo, que a proximidade do Congresso do PSD força Mota Pinto a uma estratégia suplementar e nessa medida poderá não querer deixar fugir, também ele, a oportunidade política que agora se lhe oferece numa altura em que a sua liderança é contestada um pouco por toda a gente.

Sejamos mais claros – círculos muito ligados a Mota Pinto não nos excluíram que ele irá propor nos órgãos competentes do PSD a ruptura do acordo, com o fundamento na sua violação por parte do PS. Invocará questões de princípio e se for posto em minoria (o que será provável), assumirá o risco de se demitir, recolhendo-se a Coimbra e preparando-se aí para o combate do Congresso. O PSD indicaria então um vice-Primeiro-Ministro. Talvez Eurico de Melo que se manteria não até ao congresso mas até à decisão da escolha das candidaturas presidenciais.

Valerá a pena, ainda referir que as estratégias dos diversos grupos do PSD não estão ainda totalmente clarificadas. E lembrar, a talhe de foice que ninguém até agora, em boa verdade, pôs em causa a liderança de Mota Pinto.

Isto é, o professor de Coimbra não é um homem completamente perdido, a questão que se lhe pode colocar é a sua opção em matéria de aliados. Juntar-se-á a Mota Amaral – com a esperança de poder vir a ser o seu primeiro-ministro se o actual líder açoriano vencer a corrida para Belém (corrida para a qual já conta com importantes trunfos) ou prefere ser o vértice superior de um triângulo entre os seus actuais apoiantes e o grupo de Lisboa, este último disposto a oferecer-lhe o apoio com vista a travar a ascenção de Mota Amaral?

A abertura da mais grave crise na coligação está no pensamento de Mota Pinto. E constitui a incógnita mais importante após o debate parlamentar do projecto de despenalização do aborto. Ou será também que não passa, mais uma vez de ameaça vã? É o que se saberá mais para o fim da semana.

Concessão do Casino Estoril antecipação do concurso público

Um pouco à margem da ribalta, política mas objecto de actuações muito fortes de bastidores, o Governo, poderá decidir na reunião do Concelho de Ministros de quinta-feira a questão da concessão do jogo no Casino Estoril. A matéria lá está, de resto, agendada como se sabe, foi constituído um grupo de trabalho que, entre outros, inclui os ministros de Estado, Almeida Santos, (que antes de entrar para o Governo deu apoio jurídico a uma das partes agora ligada á actual concessionária), do Comércio e Turismo, Álvaro Barreto, (familiar de um dos hoteleiros da zona, interessado em participar numa empresa que se associasse à Estoril Sol) o ministro da Justiça, (de nenhum modo ligado ao assunto, em funções que não sejam as que agora mantém) e o ministro da Qualidade de Vida, António Capucho, (presidente da Assembleia Municipal de Cascais, cuja presidente da Câmara e cuja Misericórdia local têm desencadeado uma acção junto das autoridades governamentais no sentido da abertura de concurso público). A Misericórdia de Cascais ameaça mesmo a impugnação de quaiquer decisão em sentido contrário ao concurso público. Embora tenha de constituir uma sociedade para concorrer expressamente a tal concurso (com um capital mínimo de 60 000 contos) a Misericórdia de Cascais está convicta de poder ganhar o concurso dado que, como não tens fins lucrativos, pode oferecer contrapartidas sociais que não estarão ao alcance das outras concorrentes.

Existe, no entanto, o problema de fundo, ainda mal esclarecido, dos verdadeiros objectivos e finalidades da participação de capitais chineses através de sr. Stanley Ho, capitais esses que adquirirão posições relevantes da Sociedade Estoril Sol. Por outro lado, assevera-se que poderá surgir um novo grupo com amplo suporte em capitais árabes. É que, para além de outros interesse, de orde política, estão em jogo muitos milhões de contos. Como quer que seja, uma fonte governamental asseverou-nos que o Grupo de ministerial decidiu consensualmente propor ao Plenário da próxima quinta-feira a **abertura de concurso público antecipado.** E um importante membro do Governo disse-nos esta manhã não ignorar as pressões que têm vindo a ser feitas para a prorrogação pura e simples da concessão. «Além de ter base legal muito duvidosa, farei escândalo se não vier a ser aberto concurso público».

A firmado por ambos em conferência de Imprensa

Pierre Mauroy não veio a Portugal fazer campanha eleitoral de Soares

A visita do primeiro-ministro francês a Portugal saldou-se pela renovação das promessas de apoiar a adesão portuguesa à CEE, de intensificar a cooperação bilateral e de salvaguardar os direitos adoquiridos pelos emigrantes portugueses em França.

Quanto à CEE, Pierre Mauroy viu-se obrigado na conferência de Imprensa que deu no sábado, antes do seu regresso a Paris, a pedir aos jornalistas para não insistirem. A «cassete» foi repetida em Lisboa, Sintra e Porto. Anteriormente, lembrou-o o próprio governante fracês, essa posição já havia sido tornada pública por diversas vezes.

De tal modo considerou o assunto como esclarecido e suficientemente debatido que se substituiu ele próprio aos jornalistas: – «Querem saber se a França é ou não favorável à entrada de Portugal para a CEE?», perguntou a si próprio em voz alta. A resposta deixoua correr imediatamente, com algum enfado, em jeito de quem repete a mesma coisa pela milésima vez: «Sim, a França é favorável». Mas logo a seguir vieram os «mas»: «mas é preciso que os nossos parceiros da Comunidade estejam todos de acordo sobre o alargamento e sobre as suas consequências orçamentais...», «mas é preciso que sejam resolvidas prévia e favoravelmente os últimos dossiers técnicos em negociação» entre Portugal e a Comunidade... e em conclusão: «não pode haver alargamento se não houver acordo entre os europeus...»

E quais as perspectivas de todos estes «mas» serem ultrapassados? Mauroy lembrou que até Junho a França ocupa a presidência da CEE e que vai apresentar propostas concretas e fazer tudo o que puder para que os problemas internos dos «dez» sejam resolvidos na cimeira de Março, ou, o mais tardar, na de Junho. «Desejamos que ainda durante este primeiro semestre seja dada uma resposta clara a Portugal» sintetizou.

Ainda sobre a CEE o resultado das conversações entre Soares e Mauroy, afirma-se numa «espécie de declaração comum» (como lhe chamou o primeiro-ministro francês): «depois de sublinharem a sua comum preocupação de que a negociação progrida de modo a que dentro de alguns meses se possa dar uma resposta clara ao pedido de adesão de Portugal e relembrando a necessidade de permitir que os Parlamentares nacionais ratifiquem simultaneamente o tratado de adesão de Portugal e relembrando a necessidade de permitir que os Parlamentos nacionais ratifiquem simultaneamente o tratado de adesão e a reforma de financiamento da Comunidade, concordaram em fazer tudo o que puderem para que estes objectivos sejam atingidos».

Sobre o calendário de tudo isto, nem uma palavra. Apenas: «os dois chefes de governo quiseram reafirmar a sua vontade de alcançar rapidamente resultados decisivos com vista à entrada de Portugal na Comunidade».

– «Face à escassez de resultados concretos não significou a sua visita a Portugal apenas uma «mãozinha» na campanha do seu amigo e correlegionário Mário Soares para a Presidência da República?» perguntou um jornalista francês a Pierre Mauroy. A resposta de fundo veio de Mário Soares: «a sua pergunta é abusiva porque não estou em campanha eleitoral...»

No que respeita à cooperação bilateral, ficou-se a saber que os franceses vcieram a Lisboa tentar vender aviões à TAP, centrais nucleares e equipamentos ligados ao sector do audiovisual e das telecomunicações (ficou mesmo combinado a vinda a Portugal do ministro francês do pelouro).

Produtos agrícolas e bancos foram outras das áreas em que os franceses se mostraram interessados. No primeiro caso o objectivo é exportá-los para Portugal, prometendo mesmo uma linha de crédito de 50 milhões de dólares para esse efeito. Quanto aos bancos foi Soares que lembrou já haverem pedidos de instalação entre nós do banco de Suez, do Crédit Agricole e do banco de Paris e Pays Bas.

África em destaque

Frank Wiesner de novo em Lisboa

O subsecretário de Estado norte-americano para os assuntos africanos, Frank Wiesner – o membro do Governo dos EUA que mais visit Portugal – chega hoje à noite a Lisboa, menos de um mês depois da sua última estadia, em Dezembro de 1983 acompanhando George Schultz. Para além de umencontro previsto para amanhã à tarde, no Palácio das Necessidades, com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, Wiesner avista-se também com os embaixadores norte-americanos em Maputo e Bissau, respectivamente Peter de Vos e Wesley Egan.

A visita do subscretário norte-americano a Portugal ocorre poucos dias depois de terem sido divulgados novos encontrosexploratorios entre autoridades angolanas e sul-africanas, na Ilha do Sal, Cabo verde, e no momento em que Pretória e Maputo formaliam relações, procurando áreas de entendimento em diversos campos.

Coincidindo ainda com esta visita, foi divulgda a elaboração de um acordo Lisboa-Wahingon-Bissau que, de acordo com o embaixador Wesley Egan deverá ser assinado dentro de três meses. O acordo, segundo Egan, será terminado durante uma próxima visita a Bissau de delegações portuguesas e norte-americanas.

Destaque-se ainda que a Guiné-Bissau se encontra actualmente como coordenadora de toda a acção conjunta dos cinco países africanos de expressão portuguesa, podendo assim veicular posições assentes na última cimeira daqueles países, realizada em Bissau. Neste sentido, para além da importância da visita que Jaime Gama inidicada quarta-feira a Bissau, salienta-se ainda a visita que o presidente João Bernardo Vieira fará esta ano a Portugal, em data a anunciar.

Esta manhã não havia, de fonte oficial, qualquer informação sobre a agenda da reunião de amanhã entre Gama e Wesner, sendo no entanto dado como certo que a situação africana será o tema dominante, provavelmente com incidência nas relações Luanda-Pretória e Maputo-Pretória e na quesão da Namíbia.

Embora fontes oficiais americanas não tenham cofirmado a presença no Sal de Frank Wiesner, a ANOPemdespcho de Bissau, indica que o subsecretário de Aestado viajava de Cabo Verde para Lisboa, informação cofirmado em Lisboa.

Pela embaixada dos EUA.

Na presente aproximação entre Maputo e Pretória Portugal desempenhou um papel decisivo, tendosido através do embaixador Matos Proença, do gabinete de Negócios Políticos do MNE, que o ministro moçambicnodos Negócios Estangeiros, Joaquim Chissano, foi informado da concordância sul-africana quanto à abertura de negociações bilateriais, assunto tratado durante a passagem por Lisboa do ministro «Pik» Botha.

Embora seja diferente a situação no que se refere às negociações entre Luanda e Pretória, dado o estado pouco satisfatório das relações luso-angolanas, há a salientar que, neste caso, Cabo Verde tem servido de intermediário e que as relações deste país com Lisboa são as melhores.

Plenário do Porto decide...

MAD vai reforçar intervenção social

Durante dois dias, o MAD Movimento para o Aprofundamento da Democracia – reuniu-se em plenário nacional. O debate foi animado, vivo e prolongou-se para além do tempo previsto. Passava já das 20,30 quando, ontem, terminou na Faculdade de Economia do Porto. Em todas as intervenções, uma tónica dominante. A opção entre a intervenção social e política. Esta foi uma demarcação social, colocando num plano mais reduzido a intervenção propriamente política. Por isso, para aqueles que viram no documento dos 199 e na criação do MAD, há nove meses, o germen de um novo partido, a frustação tem sido visível. E esteve patente no plenário.

No seu discurso de abertura, já Maria de Lourdes Pintasilgo tinha dito que não era intenção, nem sequer preocupação do MAD, chegar a curto prazo a uma proposta unificada da gestão da coisa pública». Haverá um longo caminho a percorrer ainda. O movimento não dispõe ainda do crescimento suficiente para poder dar eventualmente aquele salto.

E quererá mesmo dá-lo?

Embora Lourdes Pintasilgo diga que «nunca este movimento, com a sua especificidade própria se pretendeu transformar, enquanto tal, em partido», já José Carlos Vasconcelos disse concretamente aos jornalistas que, nesse caso, «poderia pensar em erguer uma nova força política que, ocupando um enorme espaço vazio na esquerda portuguesa, pudesse concorrer eventualmente a eleições intercalares». O MAD seria o embrião.

Presidenciais: só perfil

Independentemente da definição das linhas de força do movimento, uma das questões que esteve mais em foco foi a das presidenciais de 85. Sobretudo nos debates de ontem. Deverá o MAD avançar concretamente com um candidato ou não? – era a questão.

Um grupo de aderentes do Porto, integrantes do RAS, defendia uma intervenção activa na caracterização de uma candidatura. Esta solução incluía-se, de resto, na perspectiva de que o movimento deveria fazer uma aposta mais no campo político do que no social. Acabou por vencer a proposta da Comissão Coordenadora Nacional, da maioria. Esta era também a posição de Maria de Lourdes Pintasilgo que no sábado tinha dito que o MAD deveria ser rampa de lançamento de qualquer candidatura presidencial.

No texto aprovado sobre as linhas estratégicas lê-se concretamente que a acção do MAD deverá ficar-se pela intervenção apenas, «no debate nacional sobre as próximas eleições presidenciais, chamando a atenção para os critérios políticos e éticos que deverão presidir à escolha dos futuros candidatos».

Aos jornalistas diria a ex-primeira-ministro que, quando muito, o movimento poderá definir um certo perfil para o Presidente da República.

«Uma passo em frente»

Na opinião de vários elementos do MAD, este segundo plenário nacional constitui «um passo em frente». Lourdes Pintasilgo de resto, no final, não escondia ao «DL» a sua satisfação pela forma como tinham decorrido os trabalhos. «O dinamismo e o interesse manifestados mostram que há vontade de avançar», frisou.

De acordo com as linhas de orientação aprovadas, o MAD propõe-se contribuir para o reforço da intervenção social a todos os níveis, para a renovação dos mecanismos do regime democrático contidos na Constituição da República, quer no plano da democracia representativa, quer no plano da democracia directa a exercer por todos os cidadãos, e ainda contribuir para um debate alargado sobre os processos de desenvolvimento adequados e viáveis para o nosso país. Concretamente no segundo plano da intervenção, o MAD propõe-se contribuir para a elaboração através da prática, «de uma nova cultura política baseada numa permanente articulação entre o político, o económico e o cultural».

Apesar de ter considerado que tinha sido dado um passo em frente, Luís Moita não integra a nova comissão coordenadora. Segundo nos disse, foi por vontade própria: «Prefiro trabalho de grupos.»

Na altura da apresentação das listas verificou-se aliás uma significativa agitação de bastidores. Teresa Santa Clara Gomes e Strech Ribeiro, mais este que aquela, eram os núcleos da divergência. Acabaram por ser apresentadas duas listas: uma a da Coordenadora Nacional e a outra de um grupo que incluía vários elementos do RAS. Seis das propostas eram comuns às duas listas. Resultado: 87 votos para a 'A' (da maioria) e 29 para a 'B'. Feitas as contas pelo método de Hondt, Strech Ribeiro acabou por entrar para a coordenadora. Foi o único.

O conselho consultivo, novo órgão agora criado no âmbito de uma reestruturação organizativa do movimento, será formado por quinze figuras de relevo político, social e cultural. Entre estes incluem-se Paulo Quintela e Eduardo Lourenço, por exemplo.

Os próximos meses dirão concretamente o espaço de que dispõe o MAD e qual a sua capacidade de resposta às exigências da situação. O passo em frente pode não ter sido o salto desejado...

Luís Humberto Marcos

Com uma mensagem de solidariedade do PCP

Cunhal chegou ontem a Manágua

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, chegou ontem a Manágua, procedente de Cuba, para uma visita oficial de três dias a convite da Frente Sandinista.

O líder comunista declarou no aeroporto César Augusto Sandino, em Manágua, ser portador de uma mensagem de solidariedade do PCP para com a luta do povo nicaraguense pela sua «independência e progresso social».

Cunhal acrescentou ter a firme convicção da vitória do povo nicaraguense na luta contra o imperialismo que ameaça a nova vida do país.

Receberam o dirigente comunista português o vice-ministro dos Negócios Estangeiros, Victor Hugo Tinoco, a comandante guerriheira Dora Maria Telez, o chefe do Departamento das Relações Exteriores da FSLN, Júlio Lopez, e o delegdo sandinista na Quarta Região, Federico Lopez.

Ao dar as boas vindas a Álvaro Cunhal, Julio Lopez sublinhou a sua «longa trajectória de luta antifascista», acrescentando que para a FSLN era uma grande honra acolher um dirigente possuidor dos méritos do secretário-geral do PCP.

Hoje, Álvaro Cunhal e Jorge Araújo, do Secretariado do CC do PCP, que o acompanha, terão sessões de trabalho com os membros da direcção sandinista Bayardo Arce e Carlos Nunez, Presidente do Conselho de Estado da Nicarágua.

Em Cuba

Ontem, antes da partida de Havana para Manágua, Álvaro Cunhal, em declarações prestadas no aeroporto José Marti, disse ter analisado com as autoridades cubanas a situação internacional, com relevo para a América Central e a crise criada nessa região pela «política agressiva do imperialismo norte-americano».

Neste contexto denunciou as agressões dos EUA contra Cuba, Nicarágua e El Salvador, salientando «a determinação dos cubanos em defender a revolução».

«Cuba está onde sempre tem estado, vai construir o socialismo e continuará a sua ajuda internacionalista a outros povos que lutam pela sua libertação» – frisou Cunhal.

No tocante a África, o secretário-geral do PCP referiu-se às relações de longa data existentes entre o seu partido e os movimentos de libertação nacional africanos, muitos dos quais se encontram presentemente no poder após terem derrubado o colonialismo português. Condenou, ainda, «as agressões da África do Sul e o apoio do imperialismo ao regime racista de Pretória» contra os países independentes de África e louvou a «conhecida solidariedade de Cuba com os povos africanos.»

Cunhal anunciou também a próxima publicação de um comunicado conjunto do PCP e do Partido Comunista de Cuba.

Durante a sua estadia em Cuba, Cunhal foi recebido pelo Primeiro Secretário do PCC, Fidel Castro, avistou-se com relevantes personalidades políticas do país, teve um encontro com Carlos Rafael Rodriguez, visitou a província de Santiago, na zona oriental da ilha, e foi condecorado com a Ordem Nacional Playa Giron, a mais alta condecoração cubana.

Relações pesqueiras luso-espanholas

MADRID — Os secretários de Estado das Pescas de Portugal e Espanha manterão contactos esta semana para continuar as conversações sobre um plano de pesca para 1984.

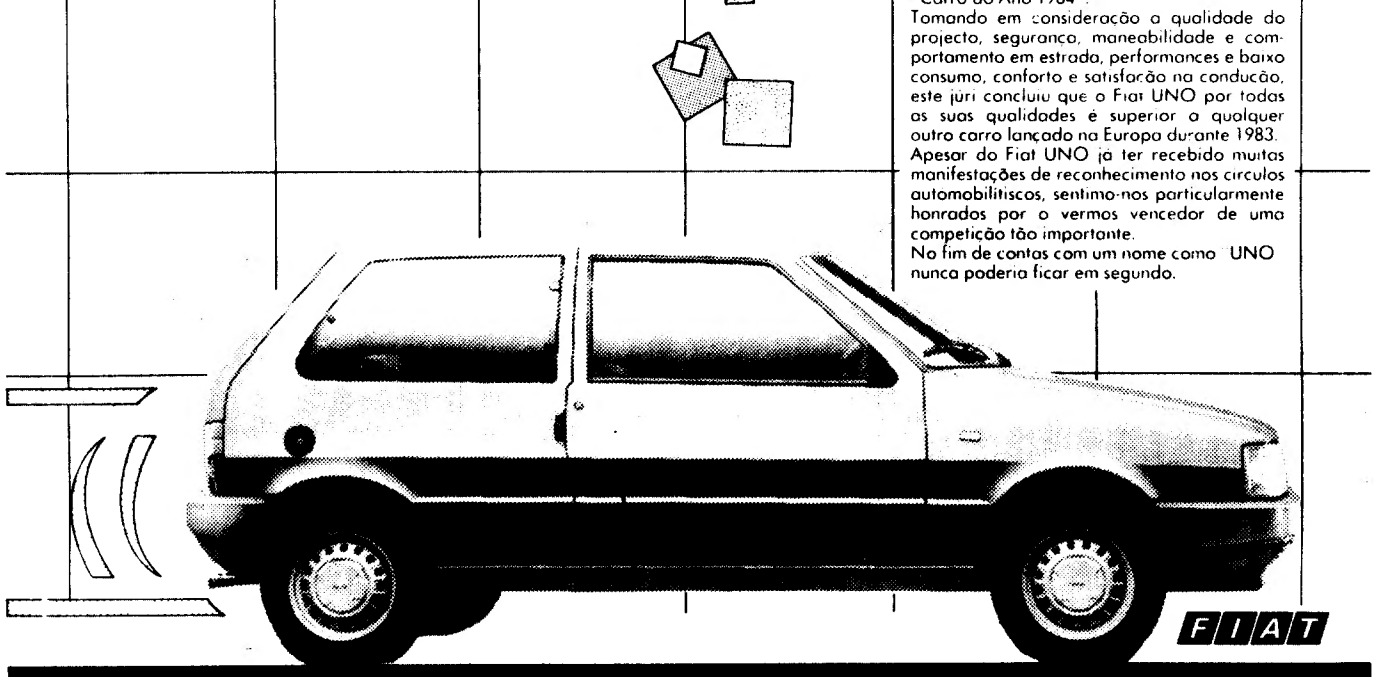
Ainda não está decidida a data destas conversações.

A decisão sobre este contacto entre Miguel Oliver, secretário de Estado das Pescas de Espanha, e o seu homólogo português Faria dos Santos foi tomada pelos ministros do sector dos dois países, durante conversa telefónica que mantiveram há duas semanas.

ADAPT SISTEMA

MUITOS PARTICIPAM. UNO GANHA.

Este anúncio não precisa de cantar louvores ao Fiat UNO: os factos falam por si.
53 jornalistas especializados de 16 países europeus acabaram de eleger o Fiat UNO "Carro do Ano 1984".
Tomando em consideração a qualidade do projecto, segurança, maneabilidade e comportamento em estrada, performances e baixo consumo, conforto e satisfação na condução, este júri concluiu que o Fiat UNO por todas as suas qualidades é superior a qualquer outro carro lançado na Europa durante 1983.
Apesar do Fiat UNO já ter recebido muitas manifestações de reconhecimento nos círculos automobilísticos, sentimo-nos particularmente honrados por o vermos vencedor de uma competição tão importante.
No fim de contas com um nome como UNO nunca poderia ficar em segundo.



FIAT

FIAT UNO. CARRO DO ANO 1984.

Investigadores exigem ao INIC

Até dia 27 deve justificar como seleccionou projectos de investigação

Investigadores científicos ligados aos centros do Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC) reunir-se-ão em Coimbra, no próximo dia 1 para debater a política científica universitária em geral e a actual prática do INIC em particular.

A causa do descontentamento e agitação que passam por este grupo profissional, foi o que consideram a aplicação distorcida da Portaria 439/83, do ex-ministro Fraústo da Silva, que regulamenta uma nova modalidade de financiamento de projectos de investigação com base em critérios de qualidade.

Antes da entrada em vigor da Portaria referida, a verba destinada à investigação – aliás baixíssima – era distribuída mais ou menos equitativamente pelas várias unidades, individuais ou colectivas, de investigação.

A Portaria determina que anualmente o Instituto Nacional de Investigação Científica (organismo de cúpula equivalente a uma direcção-geral e directamente dependente da Secretaria de Estado do Ensino Superior) fixe por meio de edital as datas para entrega de propostas de projectos de investigação. Os projectos a financiar pelo INIC são seleccionados entre os que se apresentam a concurso e a selecção obedece a critérios de qualidade, envolvendo uma apreciação por especialistas. A seriação final dos projectos cabe às comissões consultivas do INIC.

De acordo com a Portaria podem concorrer e apresentar propostas de projectos todos os docentes e investigadores de universidades portuguesas «com curriculum científico reconhecido».

Apresentados 500 projectos

Esta nova modalidade de financiamento da investigação científica em que a entidade financiadora e a entidade proponente dos projectos, ficariam vinculados por um contrato de investigação, foi pela primeira vez posta em prática o ano passado. O concurso foi aberto, por edital assinado pelo ex-presidente do INIC (prof. Dias Agudo), datado de 19 de Maio último.

O novo esquema provocou tal entusiasmo entre os investigadores científicos que nada menos que 500 projectos deram entrada no INIC. Em particular, o Complexo II do Instituto Nacional de Investigação Científica empenhou-se activamente na elaboração desses projectos com eventual prejuízo de actividades regulares.

Depois de entregues os projectos, foi o silêncio por parte do INIC. Em ofício datado de 26 de Junho último que acompanhava as propostas dos contratos de investigação de que era proponente o Centro de Física da Matéria Condensada (Complexo II), a respectiva comissão directiva lembrava que os cientistas portugueses não tinham sido consultados sobre definição de áreas prioritárias a desenvolver e que «seria conveniente» que os critérios usados na aprovação das propostas fossem tornados públicos.

Manifestava ainda o desejo de que fosse igualmente tornado público o ordenamento relativo das propostas e um prazo para apresentação de recursos contra esse ordenamento, se eventualmente viessem a surgir.

Posteriormente, a 8 de Novembro, vários professores universitários e investigadores enviaram novo ofício ao presidente do INIC no qual perguntavam: «Quais as decisões tomadas? Que projectos foram aprovados? «Quais as verbas distribuídas? Com que critérios foram atribuídas?»

E afirmavam: «A comunidade científica nacional e o País em geral têm que saber que política científica segue o INIC. Têm que saber como são gastos os poucos recursos destinados à investigação e qual a produtividade dos investimentos realizados. Têm que saber como foi feita a apreciação dos projectos e que política científica serve de fundamento aos critérios utilizados».

Finalmente, o presidente do INIC anunciou em ofício-circular que «por razões de todos conhecidas» só tinham sido concedidos 30 mil contos para despesas correntes pelo que só alguns projectos poderiam ser subsidiados. O secretário de Estado do Ensino Superior demissionário, Britaldo Rodrigues, veio à televisão no final do ano falar de várias intenções e realizações, uma delas prendia-se com os projectos de investigação cuja selecção estaria já concluída.

Do processo de apreciação e seriação nada se disse e ao certo sabe-se apenas que dos 500 projectos foram seleccionados 41, ao que consta provenientes de investigadores não ligados aos centros do INIC.

Mas o que os investigadores científicos contestam não é fundamentalmente a proveniência dos projectos seleccionados (que não sabem ainda ao certo quais são) nem o facto de apenas 41 entre 500 terem sido escolhidos. O que gerou um geral descontentamento foi o silêncio do INIC e a falta de transparência em todo este processo, nomeadamente no tocante a critérios de selecção.

Resta dizer que o presidente do INIC deixou oficialmente o cargo em finais de Novembro último.

Explicações devem ser dadas ou pelo INIC ou pelo ministro

Quando as notícias vieram a lume, os centros reagiram desfavoravelmente, através de telegramas e protestos, dos quais um exemplo é a moção subscrita pelos centros da Faculdade de Engenharia do Porto, datada do passado dia 11. Nela se propõe que sejam solicitadas ao INIC as seguintes informações: quais os critérios seguidos para a avaliação dos projectos e quem os elaborou e determinou: quem analizou os projectos e quem determinou essa análise. Os signatários propõem igualmente que se exija ao INIC os pareceres que recaíram sobre cada projecto subsidiado ou não e quem o subscreveu, bem como a classificação seriada dos 500 projectos. E ainda: que se solicite ao INIC os montantes que couberam a cada projecto subsidiado e qual o critério seguido na atribuição de verbas. Finalmente é apresentada a data de 27 do corrente como limite do prazo dentro do qual o INIC deve responder às perguntas.

A resposta deverá ser debatida em nova reunião e, caso essa resposta não chegue, deverá ser solicitada ao ministro da Educação, enquanto deverão ser alertados os grupos parlamentares da Assembleia da República para tal situação. Caso o silêncio se mantenha até 15 de Fevereiro, deverá ser promovida uma conferência de Imprensa para dar conta ao país do que se passa.

No dia seguinte ao desta moção ter sido aprovada no Porto, ou seja, no passado dia 12, delegados dos maiores centros do INIC, situados em Lisboa, Porto, Coimbra e Universidade do Minho, reuniram-se nas instalações do Complexo II em Lisboa para debater a mesma questão. Neste documento, as mesmas reivindicações fundamentais são apresentadas ao INIC. O prazo para recepção da resposta mantido em 27 do concorrente, mas alterou-se a data da sua apreciação para 1 de Fevereiro, dia em que os delegados dos centros se reunirão em Coimbra.

Independentemente da apreciação desta questão concreta prevê-se que em Coimbra serão debatidas questões mais amplas ligadas à política de investigação científica.

D eum modo geral, os investigadores científicos consideram necessária a existência de um organismo coordenador do tipo do Instituto Nacional de Investigação Científica, mas que funcione de modo a, na prática, dinamizar, de facto, a investigação científica e a promover a sua qualidade.

Em particular, consideram que as comissões consultivas do INIC deveriam ter uma acção mais interveniente, visitando os centros de investigação, contactando as necessidades dos investigadores, tomando a noção da realidade existente a decidindo de acordo com ela. Deveriam fazer uma avaliação dos resultados finais apresentados. Nesse sentido, os investigadores científicos defendem que as comissões consultivas do INIC deveriam ser pelo menos parcialmente eleitas pelos investigadores (actualmente são nomeadas pelo presidente do INIC).

Defendem ainda dum modo geral o princípio do duplo financiamento, no qual as verbas de manutenção seriam dadas às estruturas de base – centros, departamentos e complexos ou institutos – de acordo com a sua especificidade. As verbas verdadeiramente destinadas à investigação seriam subsidiadas através de projectos seleccionados por critérios científicos, de modo a assegurar a qualidade da investigação científica.

Mota Amaral espera Congresso do PSD

Rei mago açoriano inicia em Braga longa caminhada para Belém...

Mota Amaral continua a afirmar que o Congresso de Março do PSD, que se realizará em Braga, constituirá a «altura adequada» para dizer em definitivo se aceita ou não candidatar-se às eleições presidenciais.

Após um encontro com o Presidente da República, no final da semana passada, Mota Amaral, embora confirmando estar em curso uma recolha de assinaturas para apoio à proposta da sua candidatura, insistiu que não deverá decidir-se, em definitivo, sobre o assunto, enquanto não se realizar o congresso de Braga. De resto, na moção que vai apresentar à reunião máxima do partido, o presidente do Governo Regional dos Açores considera que deverá ser exactamente o PSD a indicar um candidato e a divulgar o seu nome no congresso.

Quanto à liderança futura do PSD, Mota Amaral considera, também, que a mesma deve ser assegurada apenas por um dirigente e que, em princípio, não recusa o seu apoio a Mota Pinto. Isso, no entanto, irá depender muito da «compatibilidade» da moção do actual presidente da comissão política (Mota Pinto) com as linhas gerais da que o dirigente açoriano subscreve.

Mota Amaral afirmou que questões relativas ao sistema eleitoral são algumas preocupações que deverão ser propostas na revisão do acordo com o PS – matéria que constitui uma das orientações da sua moção. «Só clarificando estas questões se evitarão aquelas a que agora estamos a assistir», concluiu o dirigente regional do PSD, referindo-se ao futuro debate no Parlamento sobre a despenalização do aborto.

Sobre esta matéria, Mota Amaral afirmou que se «fosse Presidente da República vetaria o projecto sobre a despenalização do aborto, com fundamento expresso na sua constitucionalidade». Neste momento, o presidente do Governo Regional dos Açores é, apenas, um possível candidato a Belém.

Na audiência com o Chefe do Estado, o dirigente açoriano deu conhecimento a Ramalho Eanes das conversações que teve com membros do Governo devido às reduções orçamentais para a Região Autónoma dos Açores.

Mota Amaral: a sua moção

Na moção entretanto divulgada, e subscrita em primeiro lugar por Mota Amaral, considera-se que o «FMI acabou por ser mais um pretexto fácil para as políticas dificilmente justificáveis». Nela se afirma que a competitividade das exportações «não exigia a desvalorização de Junho de 1983 e que a recuperação da balança com o exterior era evidente desde fins de 1982».

De acordo com a moção, distribuída às distritais, verifica-se, a nível nacional, «uma incapacidade generalizada do Governo para ultrapassar as soluções de conjuntura» e na utilização da Constituição revista para «actuar sobre a estrutura».

Para os subscritores liderados por Mota Amaral, a «maioria forte» tornou-se numa «maioria fraca», que «nada fez» quanto a medidas de fundo, não tendo sequer implementado as cem medidas do PS e não desenvolveu as 300 do PSD. Sublinha-se ainda que a orientação do Governo «secundarizou o conceito de autonomia regional», o que transpareceu na discussão do orçamento para 1984.

As presidenciais e a coligação

Também Mota Pinto subscreve uma moção na qual se defende que uma candidatura presidencial do partido não pode pôr «em causa a coligação». Apesar de não ser tornada oficialmente pública, sabe-se, no entanto, que para o proponente «a salvaguarda da coligação se invoca em nome do interesse do País que foi a razão da participação do PSD neste Governo com o PS». No documento defende-se que o candidato a Presidente da República seja um «militante do partido», mas já nada se diz sobre se tal candidato deve ser um civil ou um militar.

A moção de Mota Pinto prevê um congresso extraordinário do PSD para que o «perfil do candidato presidencial social-democrata seja personalizado no momento oportuno».

Entretanto, em declarações à ANOP, Francisco Sousa Tavares revelou que encabeçará uma moção de estratégia a apresentar ao congresso de Braga. O director de «A Capital» revelou que o documento contém «um exame aos problemas políticos, económicos e sociais do País e à situação do partido». Como prioridade «do plano de recuperação económica», Sousa Tavares indica o sector agrícola. A sua moção, subscrita em nome da Comissão Distrital de Évora, não põe «a coligação em causa». O texto do documento será tornado público, oficialmente, durante a próxima semana.

Eleições intercalares em duas freguesias

PSD vence em Cela e Rocas do Vouga

Com uma vantagem de 982 votos, o PSD venceu as eleições intercalares que se disputaram entre quatro listas na freguesia de Cela, concelho de Alcobaça, Leiria.

Os resultados do acto eleitoral foram os seguintes: PSD – 982 votos, que correspondem a nove mandatos; APU – 215, dois mandatos; PS – 146, um mandato; CDS – 139, um mandato.

As eleições foram convocadas na sequência da demissão dos membros da Assembleia da AD.

Outra vitória do PSD registou-se na freguesia de Rocas do Vouga, concelho de Sever, Aveiro, onde obteve 406 votos na eleição intercalar.

Concorreram também listas do PS, APU e CDS que obtiveram respectivamente, 235, 132 e 96 sufrágios.

De um total de 1574 inscritos votaram 890 eleitores, tendo-se registado 12 votos brancos e oito nulos.

O cabeça da lista vencedora é o industrial Albano Coutinho Tavares.

Nas eleições de 1982, entre 1488 eleitores então recenseados, o PSD obtivera 644 votos, seguido do PS, 181, CDS 168 e APU, 72.

As intercalares resultaram do facto de a Junta de Freguesia então eleita, e que era presidida por Armindo Tavares da Silva, se ter demitido em meados de 1983.

Agricultores reclamam os subsídios

A Federação das Uniões e Ligas de Agricultores do Baixo Mondego reclamou do Governo o pagamento imediato dos subsídios do gasóleo e do arroz relativos a 1983.

Em comunicado divulgado em Coimbra, a Federação afirma que os agricultores precisam do dinheiro daqueles subsídios para fazer face a várias despesas, designadamente a preparação dos terrenos para as novas sementeiras.

«Não estamos dispostos a esperar muito mais tempo para que o Governo cumpra as suas promessas e ao mesmo tempo dê cumprimento às leis que promulgou», salienta o comunicado.

A Federação ameaça ainda desencadear «as formas de luta mais convenientes» caso o Governo não satisfaça as suas reclamações.

comunicação social

"Primeira Página" cancelada...

Questão do aborto foge dos écrans

A questão do aborto não será amanhã discutida perante as câmaras de televisão. As razões que conduziram a essa impossibilidade de última hora constituem mais um episódio burlesco da administração Palma Ferreira. Um episódio com várias personagens.

O cancelamento do programa da RTP-1 «Primeira Página», continua a provocar reacções. O programa, que seria transmitido amanhã à noite, abordava a questão do aborto. Convidados: representantes do PS, PSD, PCP, CDS, um médico e um sacerdote.

À última hora, o Partido Socialista recusou participar no programa. Oficialmente, as razões invocadas pela direcção socialista tinham a ver com o facto de o aborto ser uma questão a discutir apenas no quadro da Assembleia da República, não se justificando por isso a presença de um representante socialista num programa de televisão.

Só que informações recolhidas pelo «DL» junto de fontes bem informadas contrariam essa versão oficial. O PS recusou estar presente no «Primeira Página» agendado para amanhã porque «não está interessado em confrontar as suas posições com as da Igreja» e porque o debate contaria com a presença de um representante do PCP.

Logo que a administração da RTP soube da recusa do PS, de imediato decidiu cancelar o programa.

Margarida Marante, responsável por «Primeira Página», já antes deste episódio tinha mostrado o seu desagrado pelo modo como tinham sido planificadas as emissões de programas de informação não-diária desta semana. Perante a decisão da administração, o desagrado aumentou mas nada fez para tentar fazer vingar qualquer outra solução.

Curiosamente, a questão do aborto não se viu completamente arredada dos écrãs da Televisão. Hoje à noite, o programa «Parlamento» vai dedicar quase toda a sua atenção ao problema do aborto. Nele se incluirá, nomeadamente, um depoimento de Beatriz Cal Brandão, a primeira subscritora do projecto de lei do PS sobre o aborto.

Além deste depoimento, o programa – da responsabilidade do jornalista Jorge Nuno Oliveira –, inclui entrevistas com deputados dos três restantes maiores partidos parlamentares: José Gama, do CDS, Zita Seabra, do PCP e Malato Correia, do PSD.

Curioso é anotar que Jorge Nuno Oliveira tem feito as últimas edições de «Parlamento» na situação de demissionário. Segundo o «DL» apurou, o jornalista apresentou o seu pedido de demissão de editor de «Parlamento», depois de um dos administradores da RTP, José Niza, ter tecido comentários desfavoráveis ao programa, numa entrevista ao semanário «Expresso».

Cena de pugilato no «Tempo»

Costa Carneiro, sub-chefe de redacção do semanário «Tempo», pôs há alguns dias um dos seus redactores com o olho ao peito. A vítima, o jornalista Júlio Santos, viu-se brindado com um belo murro, quando menos o esperava, depois de ter tratado o seu superior hierárquico de «pulha».

Foi necessária a rápida intervenção do jornalista António Fontoura, coordenador da secção económica daquele semacário, para impedir que Costa Carneiro continuasse a dar largas à sua senha vindicativa.

Calvão da Silva pode e manda

Mas «Tempo» continua a ser notícia. Por ordem de Calvão da Silva, secretário de Estado-adjunto de Mota Pinto, duas redactoras daquele semanário foram mudadas de secção.

As duas jornalistas, Anabela St. Maurice e Eva Cabral, que estavam destacadas para a cobertura jornalística do PSD, receberam ordens de Nuno Rocha para se ocuparem a partir de agora de outras áreas: a primeira passou a ocupar-se de assuntos relacionados com a Educação, a segunda da Assembleia da República.

Segundo as informações disponíveis, Calvão da Silva não gostou da cobertura feita pelas duas profissionais do último Conselho Nacional do PSD, que teve lugar no Hotel Berna, em Lisboa.

Bastou-lhe um telefonema para resolver o problema. Anabela St. Maurice e Eve Cabral «mudaram de ares».

Contra extinção da EPNC

Paralisações no dia 27 sem perda de edição

Os trabalhadores da Empresa Pública «Notícias/Capital» (EPNC) decidiram paralisar o trabalho no dia 27 do corrente sem perda de edições, concentrando-se junto à sede do Governo – segundo declarações da respectiva Comissão de Trabalhadores.

Em conferência de Imprensa ontem realizada, a CT referiu que os trabalhadores deram um prazo até ao dia 26 para que o Governo dê «provas concretas de vontade série de diálogo».

Aliás, já num plenário efectuado quinta-feira, os trabalhadores da EPNC rejeitaram um projecto de despacho que prevê a venda do edifício do «Diário de Notícias» e das acções do «Jornal de Notícias» pertencentes à EPNC – e a cisão daquela empresa pública.

Os trabalhadores consideraram aqule documento como «factor de continuidade da tentativa do Governo de destruir a EPNC».

Decidiram ainda os trabalhadores pedir audiências aos órgãos do Poder, realizar acções de sensibilização da opinião pública e solicitar a discussão dos problemas da EPNC no plenário da Assembleia da República.

O plenário deliberou também propor aos Sindicatos representativos do sector que exijam a suspensão das medidas para a ANOP e a EPNC e abandonem a Comissão Tripartida caso essa exigência não seja satisfeita.

Ostrabalhadores da EPNC aprovaram igualmente uma proposta alternativa à do Governo para a viabilização da empresa.

Lucas Pires com autarcas centristas

Governo é incapaz de governar o País

O presidente do Centro Democrático Social (CDS) Lucas Pires, afirmou em Castelo Banco que alguns casos de corrupção se encontram nas cercanias do Governo. Lucas Pires falava no decorrer de uma sessão pública que encerrou o I Encontro Distrital de Autarcas do CDS do distrito de Castelo Branco.

O dirigente centrista criticou a acção do Governo que classificou de «coligação estéril incapaz de governar Portugal».

Numa análise da política governativa, disse que a posição de Portugal no domínio internacional se agravou e considerou um «bluff» do Primeiro-Ministro Mário Soares a afirmação de que existiam alternativas à eventual entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia.

Acrescentou que «não há autoridade política para resolver muitos casos, como o de Vizela, não há autoridade económica, solidariedade social e imaginação face ao índice de desemprego».

Referiu-se às relações com as ex-colónias afirmando que «com Angola e Moçambique se agravaram» e comentou que uma proposta portuguesa apresentada na cimeira de Bissau dos países de expressão portuguesa não fora previamente negociada nem dado conhecimento do seu conteúdo aos países referidos.

No plano económico, disse, «Portugal limitou-se a aceitar as condições do Fundo Monetário Internacional aquando das negociações para a concessão de um empréstimo».

No plano interno, Lucas Pires considerou que a questão de apresentação ao Parlamento do decreto de liberalização do aborto de autoria do Partido Socialista (PS) «é um pretexto para pôr em causa a coligação com o Partido Social Democrata (PSD)». «Não há direito de transformar a consciência das pessoas num instrumento de acção política» – salientou.

Criticou o facto de o Partido Socialista «estar a produzir dois candidatos socialistas às eleições presidenciais quando não é capaz de governar Portugal».

No domínio do trabalho, Lucas Pires afirmou que nenhuma empresa adoptou até agora as medidas previstas no decreto do «lay-off».

Depois de considerar que «o Governo se está a destruir a si próprio» referiu que o executivo «não conseguiu até agora fazer uma remodelação de secretários de Estado no Ministério da Educação».

Sobre a actual crise económica portuguesa disse Lucas Pires que «Portugal não é mais governável como o foi até aqui enquanto que o Governo nos está a conduzir à maior crise».

Referiu depois a «crise entre o Governo e a magistratura, entre miliatares e Governo», como sectores de crise institucional».

Acrescentou que o Governo «está voltado para o Atlântico com vícios ultramarinos quando a modernidade e a entrada para a Europa se deve realizar pelo interior».

SISTEMA4

FESTEJAMOS CONSIGO A ENTREGA DO 1000º BEM*

Festejamos consigo o esforço do nosso trabalho comum.
Desejamos por isso que compartilhe do nosso entusiasmo ao assinalarmos a entrega do **1000.º bem e de 1 milhão de contos em bens atribuidos** entre os nossos participantes que contamos em número superior a 3.000.
Sentimo-nos com razão, orgulhosamente "vaidosos".

CONSÓRCIO LIDER®

*Automóveis ligeiros • Veículos Comerciais • Veículos todo o terreno • Barcos a motor • Caravanas • Motos

1900 LISBOA - R. Sarmento de Beires, Lote 35 - A B - Telefs. 80 74 21 - 80 78 22 - 80 78 72
1000 LISBOA - Av. da República, 95 - 3.º - Telefs. 76 05 69 - 73 21 53
4000 PORTO - R. 31 de Janeiro, 250 - 1.º - Telefs. 38 48 60 - 38 48 40
8000 FARO - R. de Loulé, 2 - B - Telef. 2 05 39

em duas palavras

Preso em Itália assaltante do Estoril

A Polícia italiana prendeu ontem em Roma Giuseppe Pietrini, 45 anos que desde 1979 era procurado pelo roubo de sete milhões de escudos de um cofre do Casino do Estoril. Pietrini, actuando em conjunto com outros indivíduos, ainda não capturados na totalidade, levou a cabo o roubo à saída da casa de jogo, na altura em que o dinheiro chegava ao local numa carrinha blindada. A Polícia portuguesa prendeu três dos implicados no assalto, um dos quais, um espanhol, era proprietário de um bar em Lisboa frequentado por Piertrini.

Português matou actor na Venezuela

Um português e um sírio planearam e executaram o assassínio do actor chileno fixado em Caracas, Hector Duvauchelle, no dia 24 de Dezembro último, segundo apurou a Polícia Técnica Judicial da Venezuela. O actor residia na Venezuela desde 1973 e juntamente com os seus irmãos organizou um grupo teatral, «Los Cuatro de Chile», que tinha conquistado êxito. Os seus restos mortais foram entretanto transladados para a capital chilena. Duvauchelle foi encontrado moribundo, na manhã de 24 de Dezembro, entre o bar «Teresa» e uma bomba de gasolina. Foi levado urgentemente para um hospital, mas faleceu. Tinha sido apunhalado.

Acordo de pescas com a Noruega

O secretário de Estado das Pescas, Faria dos Santos, anunciou ter negociado na Noruega, de onde regressou, um aumento substancial das quotas de pesca do bacalhar para a frota portuguesa. Concretamente, disse ter sido acordada nas negociações a atribuição pela Noruega de uma quota de dez mil toneladas para pesca nas suas águas territoriais e «sem limite» no arquipélago de Svalbard. «Cinco navios de longo curso vão poder pescar nas águas territoriais norueguesas e em Svalbard – referiu, frisando que o acordo culminará «negociações que são cada vez mais difíceis devido à desvalorização da nossa moeda».

Sindicância à Câmara de Viana do Castelo

O processo de sindicância à Câmara Municipal de Viana do Castelo, determinado por despacho da Direcção-Geral da Administração Interna começa hoje, – soube-se de fonte oficial. A proposta de sindicância aos serviços municipalizados, apresentada por iniciativa dos vereadores da Administração Interna começa hoje – soube-se de fonte municipal. A proposta de sindicância aos serviços municipalizados, apresentada por iniciativa dos vereadores da APU, foi aprovada em sessão ordinária do executivo comarário em Setembro do ano trasacto. Nos fundamentos da proposta, os vereadores da APU afirmam que «a sindicância é necessária para dignificar os serviços camarários, dadas as crescentes vozes de corrupção que extravasam a cidade».

Miranda do Corvo descontente com CP

O presidente do Município de Miranda do Corvo manifestou «total surpreza» por alguns comboios da Linha da Lousa terem terminado o seu curso no apeadeiro de S. José, extremo leste de Coimbra. A explicação obtida posteriormente para essa paragem dos comboios longe do centro da cidade foram os trabalhos em curso para construção de um apeadeiro terminal na Insua dos Bentos. Jaime Ramos lamentou que tal medida se tenha processado «sem prévia auscultação das autarquias interessadas e dos utentes que diariamente se servem da Linha da Lousa».

«A Câmara de Miranda do Corvo repudia as tentativas de prejudicar os passageiros servindo interesses não totalmente claros» – afirmou o presidente do Município prejudicado.

As florestas portuguesas

Ministro preocupado com fogos madeireiros a pedirem novos preços

O ministro da Administração Interna, Eduardo Pereira, ao presidir em Fátima, ao encerramento de um «forum» sobre incêndios florestais e meios de combatê-los, afirmou que o seu Ministério e o Serviço Nacional de Bombeiros, de protecção civil e as entidades policiais têm conhecimento da gravidade do flagelo que os fogos nas florestas representam, mostrando-se preocupado com aspectos financeiros que impedem a aquisiço de todos os meios adequados ao seu combate.

A necessidade de sensibilizar a opinião pública para as negligências causadoras de incêndios e para os problemas de fogo posto foi acentuada na reunião. Uma das concluões aprovadas aponta para a implementação de um sistema punitivo e de vigilância suficientemente dissuasores das acções criminosas dos pirómanos.

A abertura de caminhos e aceiros, que facilitem acessos e a limpeza das florestas constituiu outra tónica do encontro em que estiveram representadas dezenas de corporações e serviços, num total de centena e meia de pessoas.

Madeireiros querem novos preços

Em paralelo com este encontro, madeireiros reunidos este fim-de-semana pediram revisão dos preços da madeira.

Um plenário que reuniu na Sertã, Castelo Branco, mais de 500 produtores florestais, exigiu a imediata fixação de um preço justo para os produtos lenhosos.

O encontro, que foi presidido pelo governador civil e em que participaram todos os presidentes da Câmaras Municipais da zona do Pinhal, concluiu pela necessidade da reestruturação da comissão para o estudo da conjuntura madeireira portuguesa.

No final, Costa Oliveira, da Direcção da Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP), disse que «o problema do escoamento das madeiras é, cada vez mais, grave, pois as celuloses caminham para o auto-aprovisionamento».

«Aquelas empresas – adiantou – funcionam na sua política de compras baseado em princípios que contemplam exclusivamente as suas necessidades».

Além dos preços e do escoamento, o plenário que teve a participação do presidente da CAP, José Manuel Casqueiro, defendeu «a implementação e incentivação do associativismo e do cooperativismo».

Grupo de estudo na Zona Centro

Em Coimbra sete organizações da lavoura ligadas à exploração florestal constituíram-se num grupo de estudo e debate dos diversos problemas que afectam o sector.

O grupo vai propor às entidades oficiais as medidas que julgue necessárias à defesa do património florestal nacional.

A prorrogação imediata do funcionamento, com a actual composição da comissão para o estudo da conjuntura madeireira portuguesa, vai ser imediatamente reclamada pelas organizações integrantes do grupo de trabalho.

O grupo também vai reclamar a imediata publicação da legislação já elaborada para atender aos problemas do sector florestal, mas ainda não publicada.

Integram o grupo de estudo a A Confederação Nacional da Agricultura Cooperativa Florestal das Beiras e Cooperativas Agrícolas de Mortágua, Nelas, Condeixa, Águeda e Penacova.

Conclusões do encontro de Évora

Clínica geral tem de ser disciplina médica específica

O reconhecimento da clínica geral como disciplina académica específica foi uma das principais conclusões do Encontro Internacional da especialidade que decorreu a semana passada em Évora.

No encontro, cuja sessão de encerramento foi presidida pelo ministro português da Saúde, participaram cerca de quatro centenas de médicos nacionais e estrangeiros, numa iniciativa da Associação Portuguesa dos Médicos de Clínica Geral, com o apoio da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Durante três dias os participantes no encontro analisaram e debateram a situação actual da clínica geral em Portugal e nos países da Europa, tendo em vista a modificação e melhoramento dos cuidados de saúde primários portugueses.

Na opinião dos participantes, a clínica geral deve envolver uma prática médica personalizada, integral, continuada e profundamente humana, que tenha em conta a inserção familiar e ambiental dos indivíduos.

Reconhecendo que existe uma grande diversificação de figurinos para a organização da prática clínica nos vários países da Europa, os congressistas concluíram que essa situação a funcionar em pleno, demonstra que o mais importante é a adequação dinâmica às condições e necessidades locais.

A igualdade de importância no estatuto do médico de clínica geral e outros especialistas foi igualmente reconhecida durante os trabalhos de Évora.

Os médicos salientaram que «todo o trabalho desenvolvido em clínica geral deve ser avaliado, para que dessa avaliação de qualidade resulte uma melhoria de prestação».

Na sessão de encerramento do encontro falaram, além do ministro, o professor Pinto Correia, em representação do Presidente da República, e o presidente da Assembleia da Associação Portuguesa de Médicos de Clínica Geral, doutor Grande.

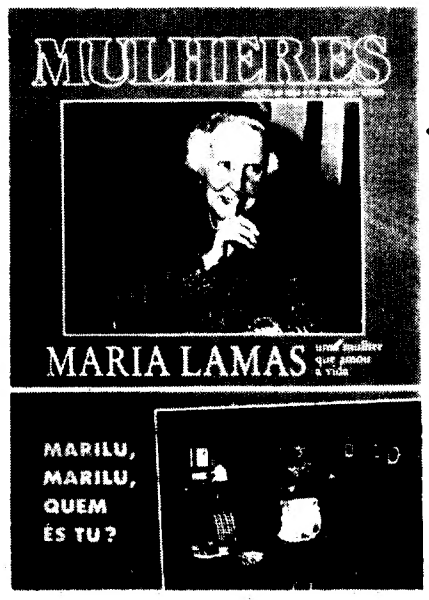
A tónica das suas intervenções centrou-se no papel importante dos clínicos gerais e o modelo que se pretende para Portugal.

No seu discurso, Maldonado Gonelha precisou que existem ainda 1700 vagas no país para médicos de clínica geral e 700 lugares para generalistas.

Centenário de Jaime Cortesão comemorado em Cantanhede

Com vista à comemoração do centenário de Jaime Cortesão que ocorre em Abril, está já organizada em Cantanhede uma comissão a que preside Eva Neves Dias, vereadora responsável pelo pelouro da Cultura do município daquela simpática vila. Iniciou já a elaboração do programa das cerimónias e homenagens a efectuar durante a efeméride em Ançã, terra natal do escritor, bem como em Cantanhede, sede do concelho.

Estarão presentes diversas e destacadas individualidades do meio cultural do país a quem foi solicitada a participação nas festividades comemorativas.



EXCLUSIVO
- MARIA LAMAS
- De novo o aborto em discussão

ESPECIAL
- AGNÉS VANDA — entrevista de Pedro Garcia Rosado
- A moda de ANA SALAZAR
- MARILÚ, MARILÚ — quem és tu?
- ISABELLE HUPERT responde ao questionário PROUST

A LUTA, A FALA
O GRITO DAS MULHERES

E AINDA: daqui dali, Reportagens, Actualidade, Livros, Cinema, Música, etc., etc.

REVISTA MULHERES

A REVISTA MENSAL DE MAIOR TIRAGEM

Eanes ao semanário "Oriente"

O País não vai parar se Soares renunciar

Sob o título «O País não vai parar se Soares renunciar», o semanário «Oriente» publica no seu último número uma entrevista com o general Ramalho Eanes, na qual o Presidente da República afirma, designadamente, que «um país onde a vida política respeite a democracia terá sempre soluções governativas e elas serão sempre soluções democráticas».

A uma pergunta através da qual e entrevistador pretendia saber o significado da afirmação feita por Eanes de que «a democracia não se esgota numa solução governativa qualquer que ela seja», o Presidente da República respondeu que «se a actual solução viesse a fracassar (qualquer que fosse o motivo desse fracasso), nem o País iria parar, nem a democracia ficaria em perigo. Apenas se encerraria um ciclo partidário, pois seria então óbvio que novas possibilidades viriam a ser necessárias. Outra fase começaria, com algumas diferenças em relação à actual, beneficiando de tudo o que esta primeira fase nos ensinou. Se esta solução governativa provar a sua eficácia e a sua capacidade para resolver os problemas dos portugueses, não haverá nenhum obstáculo para que ela continue o seu curso normal».

Sobre a questão de um novo partido disse o PR: «Em minha opinião não é um novo partido que falta. O que talvez falte é uma revisão de comportamentos políticos, naturalmente englobando também os dos partidos, que são as pedras-chave para um bom funcionamento da democracia. Ao sublinhar esta dimensão partidária tenho de apontar para o efeito que uma nova formação possa ter na revisão dos modos de actuação dos partidos existentes.»

Escola Secundária do Barreiro degrada-se

Estudantes ameaçam com formas de luta radicais

A Associação de Estudantes da Escola Secundária do Barreiro convidou ontem o ministro Seabra para ali se deslocar no próximo dia 27, a fim de verificar, com os seus próprios olhos a eficiência do seu Ministério. Ao mesmo tempo entregou-lhe um abaixo-assinado com cerca de 750 assinaturas de alunos da escola no qual se queixam da degradação progressiva da mesma, da falta de material de laboratório e de um modo geral da ausência de condições mínimas para que a escola possa funcionar.

Neste momento são os próprios alunos que, sozinhos, conduzem uma luta esforçada para terem uma escola capaz, para terem aulas, para poderem estudar.

Construída numa vertente, sobre socalcos, a Escola Secundária do Barreiro fica inundada cada vez que chove e coberta pela lama arrastada pelas enxurradas, tornando impossível o seu funcionamento.

Em Novembro do ano passado, os alunos decidiram iniciar uma luta pela recuperação da escola que, aberta no dia 14 de Novembro, fechou logo no dia 17 por se ter inundado, reabrindo só no dia 3 de Janeiro deste ano.

Uma manifestação com cerca de centena e meia de alunos foi o início de um movimento estudantil que se tem vindo a alargar, e neste momento congrega praticamente toda a população escolar do Barreiro.

Constituídos em comissão, cerca de 30 alunos daquela escola foram à Assembleia da República onde falaram com representantes de todos os grupos parlamentares. Alguns destes terão feito requerimentos ao ministro Seabra, mas os resultados foram nulos.

Os estudantes do Barreiro foram depois à Direcção-Geral do Ensino Secundário, onde perguntaram quais as garantias que os alunos tinham. Ali, a resposta foi de que não podiam fazer nada, ou seja, foi a resposta do costume. Até hoje, continuam à espera.

Estiveram também no Equipamento Escolar, organismo responsável por um plano de emergência.

As necessidades mais imediatas da escola consistiam na impermeabilização das salas, impedir que a água das enxurradas entrasse, material de laboratório, etc.

Finalmente, a escola recebeu a visita de um engenheiro do Equipamento Escolar.

Quando se esperava que o problema iria ser, finalmente, resolvido, verifica-se que o saldo de toda esta engenharia fora a colocação de uns telheiros, uns paus espetados no chão, uma calçadinha à portuguesa e dois muros à volta da escola.

Consta que foram gastos cerca de 12 mil contos, esgotando a verba.

Os técnicos do Ministério do dr. Seabra nada garantiram porém quanto à resolução do problema das chuvas. A não ser que se fecharia a escola sempre que chovesse de mais, ou seja, aplicar-se-ia uma solução condizente com a dinâmica governamental: chove de mais na escola, fecha-se a escola; chove de mais na vila, fecha-se a vila; chove de mais no distrito, fecha-se o distrito. E se chover de mais no País todo, fecha-se o País.

Os estudantes é que parece não estarem dispostos a que lhes fechem as escolas, as oportunidades e a que lhes fechem o futuro.

Organizaram nova manifestação e desta vez já com mais de um milhar de participantes e a solidariedade das outras escolas do concelho. E para sexta-feira, com ministro ou sem ministro, prometem fazer alguma coisa que chame a atenção.

Um outro exemplo elucidativo da capacidade de gestão e racionalização do dr. Seabra foi o que se passou com os alunos «excedentários». Foram transferidos para outras escolas fora do concelho.

O IASE comprometeu-se a pagar os transportes a cerca de 700 alunos mas até agora ainda ninguém recebeu nada.

O mais curioso é que alunos que moravam ao pé da escola foram transferidos para outra escola longe da sua residência e alunos residentes noutras zonas, com escola à porta, foram colocados no Barreiro.

Ribeiro Teles revela à ANOP

Mário Soares garantiu que Alqueva não será relançada

Ribeiro Teles (PPM) revelou à ANOP que o primeiro-ministro lhe garantiu «não ter sido relançado o projecto do Alqueva, mas apenas aprovado o aprofundamento dos seus estudos».

O dirigente popular monárquico, «sempre contrário àquele projecto», acrescentou que na audiência com o primeiro-ministro, no início da semana passada, a seu pedido, lhe expusera «as razões da inviabiliade do projecto».

Por outro lado, a ANOP apurou de fonte oficiosa, que as despesas com o gabinete de estudos, que se debruçará sobre o projecto do Alqueva, orçam em 400 mil contos em três anos, período previsto para o seu funcionamento.

O arquitecto Ribeiro Teles esquematizou as razões de rejeição ao projecto e que levam «a condená-lo, por estar, à partida, destinado ao fracasso».

Entre outras, Ribeiro Teles garante que «os caudais do rio Guadiana, vindos de Espanha, não são suficientes para justificar a polivalência da obra, isto é, rega, uso doméstico e electricidade».

A insuficiência, segundo ele, deve-se ao facto de «os espanhóis concluírem, em breve, o plano de rega de Badajoz, com uma capacidade de armazenamento de nove mil milhões de metros cúbicos de água realizados em três anos hidrográficos médios».

Ribeiro Teles acrescenta: «Como a Espanha tem, naquela área, seiscentos mil hectares potencialmente regáveis, toda essa água será aplicada na sua rega, à razão de seis mil metros cúbicos, por hectare e por ano».

Outro motivo de condenação apontado pelo líder monárquico é o de «a escorrência da água ser nula, porque está a ser utilizada rega automática por aspersão naquela área espanhola. (fecha automaticamente quando não é necessária»).

Acresce ainda que, na mesma região, «a Espanha está a fazer obras de florestação em terraço e um plano de pequenas e medias barragens, não colectivas no alto Guadiana».

Assim, Ribeiro Teles justifica o seu parecer: «Mesmo que houvesse água para o Alqueva, os custos da rega e da electricidade seriam tão exagerados que as as alternativas a uma e outra são absolutamente indispensáveis».

Bragança e Zamora com interesses comuns

Problemas das regiões de Bragança e de Zamora (Espanha) foram abordados este fim-de-semana, numa mesa redonda em que participaram autarcas e outras entidades das duas cidades.

Nos trabalhos do encontro, que decorreu em Zamora, concluiu-se que o maior problema para as duas regiões é o da construção da via rápida Porto-Bragança, que os espanhóis pretendem prolongada para Zamora, através de Quintanilha e Alcaniça, segundo disse um dos participantes.

No final do encontro os autarcas das duas cidades declararam que «estas iniciativas visam convencer os governos de Madrid e de Lisboa a apressarem o desenvolvimento» das duas regiões.

Durante o encontro foi aprovada uma moção de homenagem conjunta a Viriato, herói da resistência lusitana à ocupação romana, «por ter sido antepassado conjunto de portugueses e espanhóis».

A constituição de comissões paritárias para o estudo dos vários problemas de Zamora e Bragança foi umas das conclusões da mesa redonda sobre as duas regiões realizada na primeira destas cidades.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

EDITAL Nº 1

Concurso para atribuição de 235 fogos

JOSÉ MARTINS VIEIRA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA, TORNA PÚBLICO QUE ESTÁ ABERTO CONCURSO PELO PRAZO DE 30 DIAS A PARTIR DE 30 DE JANEIRO, PARA ATRIBUIÇÃO DE 235 FOGOS EM REGIME DE ARRENDAMENTO. ESTES FOGOS LOCALIZAM-SE NO EMPREENDIMENTO DE VALE FIGUEIRA - LOTES I E II.

AS HABITAÇÕES DEVERÃO PERMANECER DESABITADAS ATÉ QUE ESTEJAM CONCLUÍDAS O QUE SE PREVÊ PARA INÍCIO E MEADOS DE 1984 RESPECTIVAMENTE.

A CLASSIFICAÇÃO DOS CONCORRENTES E DISTRIBUIÇÃO DAS HABITAÇÕES SERÁ EFECTUADA DE ACORDO COM O REGULAMENTO APROVADO PELO DECRETO-LEI Nº 50/77 DE 11 DE AGOSTO. NOS TERMOS DA MESMA LEGISLAÇÃO O CONCURSO SERÁ VÁLIDO POR UM ANO APÓS A CONCLUSÃO DOS FOGOS, PODENDO HABILITAR-SE AO MESMO OS CIDADÃOS NACIONAIS MAIORES OU EMANCIPADOS CUJOS AGREGADOS FAMILIARES NÃO AUFIRAM RENDIMENTOS SUPERIORES A : 1 PESSOA - 32.500$00; 2 PESSOAS - 39.000$00; 3 PESSOAS 48.750$00; 4 PESSOAS - 52.000$00; 5 PESSOAS _ 58.500$00; 6 PESSOAS - 62.400$00; 7 PESSOAS - 68.250$00; 8 PESSOAS - 72.000$00 ; 9 OU MAIS PESSOAS - 76.050$00.

CONSIDERAM-SE HABILITADOS AOS FOGOS DESTE CONCURSO, SEM NECESSIDADE DE NOVA INSCRIÇÃO TODOS OS CONCORRENTES AO CONCURSO QUE TEVE LUGAR EM JUNHO/JULHO DE 1983 DESTINADO À ATRIBUIÇÃO DE 593 FOGOS NO P.I.A..

A ÁREA DE INFLUÊNCIA ABRANGE TODOS OS CIDADÃOS QUE RESIDAM OU TRABALHEM NO CONCELHO DE ALMADA.
AS RENDAS SERÃO CALCULADAS DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR.
OS QUESTIONÁRIOS PARA HABILITAÇÃO AO CONCURSO SERÃO PREENCHIDOS NOS SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO DE ALMADA, Rua Professor Egas Moniz, 1-A, ONDE PODERÃO SER PRESTADOS NO PERÍODO DO REFERIDO CONCURSO, OS NECESSÁRIOS ESCLARECIMENTOS, NAS HORAS NORMAIS DE EXPEDIENTE.

CONDIÇÕES DE EXCLUSÃO :
ALÉM DAS RESULTANTES DAS CONDIÇÕES DE ADMISSÃO SERÃO EXCLUÍDOS DO CONCURSO, SEM PREJUIZO DE PROCEDIMENTO JUDICIAL QUE POSSA CABER, OS CANDIDATOS QUE DOLOSAMENTE PRESTEM NO QUESTIONÁRIO DECLARAÇÕES FALSAS OU INEXACTAS, OU USEM DE QUALQUER MEIO FRAUDULENTO PARA OBTER CASA.
A AFIXAÇÃO DAS LISTAS DE CLASSIFICAÇÃO PROVISÓRIA DOS CANDIDATOS ADMITIDOS E EXCLUÍDOS SERÁ FEITA NOS SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO, NO PRAZO PREVISTO PELA LEI.

ALMADA ; 6 DE JANEIRO DE 1984

O PRESIDENTE DA CÂMARA
JOSÉ MARTINS VIEIRA

sagrup, lda.
GRUPOS AUTO CRÉDITO

SEM JUROS
SEM ENTRADA
EM 60 MESES

OPEL/BEDFORD

Sagrup, Lda., sociedade administradora de grupos de compra automóvel, oferece-lhe a possibilidade de adquirir uma viatura Opel ou Bedford, em 60 meses, sem juros, nem entrada inicial.

sagrup, lda.
(p.e.f.) Av. Estados Unidos da America, 49-2.º Dt.º Lisboa · Telefs. 80 80 20 / 80 36 58

INFORME-SE EM TODO O PAÍS NOS CONCESSIONÁRIOS GENERAL MOTORS.

MODELOS (entre outros)	MENSALIDADES DESDE*
Opel Corsa	11.494$00
Opel Kadett	17.784$00
Bedford KBD	13.438$00
Bedford Seta	22.630$00

* À data de 5 de Dezembro de 1983

24 horas

Governo argelino

Abdel Hamid Brahimi foi nomeado no domingo pelo presidente Chadli Bendjedid primeiro-ministro de um novo governo, anunciou no domingo à noite um comunicado oficial em Argel. Brahmi, ministro da Planificação e do Ordenamento Territorial no governo precedente, substitui Mohamed Benahmed Abdel Ghani, nomeado ministro de Estado junto da Presidência da República.

Defesa do Japão

A Agência Nacional de Defesa Japonesa conseguiu um aumento mínimo de 6,3% do seu orçamento para 1984, enquanto as despesas do Estado estão limitadas este ano a uma progressão de 0,5 por cento, a mais baixa registado no Japão desde há 29 anos, indicaram responsáveis do organismo. Como ainda prosseguem as neociações este último espera obter um aumento de pelo menos 6,5 %, ou seja, a mesma taxa do ano passado.

Greve da polícia

O principal Sindicato de Polícias franceses da Judiciária lançou, sábado, vigorosos ataques contra o Governo e ameaçou recorrer à greve para obter uma reforma da Polícia Nacional. Numa reunião em Paris, o Sindicato Nacional Autónomo dos Polícias (SNAPC – maioritário entre os inspectores e investigadores) declarou-se pronto a lançar uma «guerrilha sindical» para obter a satisfação das suas reivindicações.

Demissão em Washington

O Attorney General (ministro da Justiça) William French Smith apresentou a sua demissão ao presidente Ronald Reagan, indicaram no domingo fontes governamentais. Segundo essas fontes, que pretenderam manter o anonimato, o Attorney General decidiu que, após três anos no governo, durante os quais julga ter atingido os seus objectivos, é tempo de regressar à vida privada.

Manifestação em Gdansk

Cerca de três mil pessoas manifestaram ao princípio da tarde de ontem em Gdansk o seu apoio a Lech Walesa e ao Solidariedade, soube-se de fonte segura no local. Segundo testemunhas, os manifestantes formaram um cortejo atrás do presidente do sindicato dissolvido Solidariedade, à saída duma cerminónia religiosa celebrada pelo primaz Jozef Glemp à saída da basílica de Santa Maria por ocasião do 25.° aniversário da elevação ao episcopado de mons. Lech Kaczmarek, bispo de Gdansk.

Assassínios no Uganda

Três suíços e um britânico foram mortos ontem perto de Kampala, por um grupo de homens armados, segundo se soube hoje de fontes diplomáticas em Nairobi e Kampala. O incidente ocorreu na estrada que liga a capital do Uganda a um pequeno clube de vela nas margens do Lago Vitória.

Refugiados da RDA

Um porta-voz da Polícia de Berlim Ocidental confirmou à AFP que os seis alemães da RDA que estiveram refugiados durante três dias na Embaixada americana em Berlim transpuseram no domingo pelas 21 horas tmG o ponto de passagem da Invalidenstrasse em sector britânico.

Atentados na Etiópia

Registaram-se dois atentados na Etiópia na via férrea Djibuti-Adis Abeba, na sexta-feira e sábado, fazendo dez mortos e 35 feridos, soube-se de fonte ligada à companhia de caminhos de ferro.

Acordo sobre o canal de Blage

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Argentina e do Chile assinaram hoje uma «declaração conjunta de paz e amizade», informaram fontes oficiais do Vaticano. O documento, assinado por Dante Caputo, em representação da Argentina e Jaime Del Valle, em nome do Governo chileno, no Palácio Apostólico do Vaticano, em presença do Cardeal Agostino Casaroli, secretário de Estado da Santa Sé assinala a conclusão das negociações em curso desde há cinco anos para rsolver o diferendo relativo à soberania sobre o canal de Beagle, no extremo austral do continente americano.

Manifestação no Brasil

Mais de 10 000 pessoas participaram sábado na cidade brasileira de Campinas numa manifestação a favor de eleições presidenciais directas. Os manifstantes, convocados pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro, transportavam cartazes onde se lia as frases: «um, dois cinco mil, queremos eleger o presidente do Brasil» e «Arroz, feijão, saúde e eleição».

EUA querem retirar

O governo norte-americano está a estudar a possibilidade de cancelar a sua participação nos programas de auxílio e assistência ao Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA), revelaram hoje fontes oficiosas em Washington. A FIDA é um organismo da ONU com sede em Roma cuja actividade se orienta para o auxílio e assistência técnica aos agricultores dos países em vias de desenvolvimento.

Motins de Marrocos fizeram cerca de 150 mortos

Os motins que ocorreram nos últimos dias no norte de Marrocos teriam feito cerca de 150 mortos, indicou ontem, em Madrid, a Rádio Nacional de Espanha.

Os motins mais graves registaram-se em Nador, Tetuão e Alhecemas, segundo indicou a Rádio e o conjunto da Imprensa espanhola.

Ainda de acordo com a Imprensa espanhola, terá sido lançada para hoje uma palavra de ordem de greve geral em todo o país. Não se sabe ao certo quem decretou esta greve, referindo-se a Imprensa indistintamente a uma Federação de Estudantes ou a círculos muçulmanos integristas.

Entretanto, o rei Hassan II afirmou ontem à noite que as perturbações ocorridas em Marrackech e em várias cidades do Norte de Marrocos foram comandados pelo Irão e pelos marxistas.

Num discurso teledifundiddo, o soberano acrescentou ter decidido não aumentar os preços dos produtos de primeira necessidade, depois de no sábado tomar conhecimento do recenseamento dos lares necessitados.

O rei advertiu que «a última palavra caberá à autoridade e à lei» e que «ordens rigorosas» foram dadas para reprimir severamente qualquer atentado à ordem pública e à divulgação de falsas notícias.

Prisões entre a oposição

O órgão oficial da «União Socialista de Forças Populares», USFP, denunciou ontem a prisão de vários dos seus dirigentes na sequência dos incidentes ocorridos.

O jornal, «Al Ittihad-Al-Ichtraki», que se publica em língua árabe, precisa que «a campanha de detenções tem continuado em Jurizgar, Cjda e Nador», e que, em Tetuan, foram presos Uiad Daudi, dirigente regional da USFP, e Kassen Yacuby, membro do Conselho Municipal.

As sistemáticas referências da Imprensa estrangeira a «distúrbios e acontecimentos dolorosos» em cidades marroquinas são postas em confronto, pelo jornal com o «doentio silêncio dos meios oficiais de informação.

Fontes próximas dos sindicatos CDT (socialista), UMT (popuoar) e UGMT (nacionalista) confirmaram, entretanto, não ter sido feito qualquer apelo à greve geral na segunda feira.

Círculos da oposição admitem que a situação possa tornar-se explosiva se os incidentes envolverem, a partir de hoje, os centros operário e popular de Casablanca.

Entretanto, vários jornalistas foram expulsos e outros viram recusada a sua intenção de entrarem em território marroquino

Em Nador, um dos teatros dos confrontos, os correspondentes dos jornais italianos «Giornale» de Milão e «Messagero» de Roma foram expuosos ao alvorecer de ontem para Mellilla, enclave espanhol situado a 14 quilómetros daquela cidade.

Do mesmo modo, o correspondente da Rádio Nacional de Espanha, José Ramon Ganuza, foi também expulso, no sábado à tarde da cidade de Tetuan, Jacques-Nichel Tonddre, enviado especial da agência AFP, foi igualmente expulso no passado sábado de território marroquino depois de se ter deslocado a Ujda, na fronteira da Argélia.

Por outro lado, uma dezena de jornalistas que se deslocaram a Marrocos para cobrirem os incidentes foram impedidos de entrarem em território marroquino. Em contrapartida, as autoridades aduaneiras marroquinas não levantavam problemas à entrada de turistas.

De acordo com a "Der Spiegel"

"Revelações" sobre Kiessling vieram da sede da NATO

As «revelações» sobre o comportamento homossexual do general Guenter Kiessling, afastado do seu cargo de comandante adjunto da NATO, vieram da sede da Aliança Atlântica em Bruxelas, segundo divulgou ontem o semanário oeste-alemão «Der Spiegel».

A revista cita um relatório do chefe dos serviços de contra-espionagem militar alemães ocidentais (MAD), general Helmut Behrendt, datado de 10 de Janeiro, ao ministro da Defesa: «um conselheiro no ministério da Defesa alemão ocidental, informou, a 27 de Julho de 1983, um representante do Secretariado para a Segurança da Bundeswehr, em Colónia (sede do MAD) que o comandante chefe da NATO, general Bernard Rogers, não voltará a receber pessoalmente o general Kiessling por causa das pretensas tendências homossexuais deste último. Teria sido visto de mãos dadas com um coronel».

O «Spiegel» afirma também que Manfred Woerner, ministro da Defesa da RFA não era «obrigado» a afastar precipitadamente o general Kiessling no passado mês de Dezembro em vez de o colocar na reforma antecipada a 31 de Março de 1984, como combinado durante uma entrevista entre os dois homens no passado mês de Setembro.

Posição difícil para Khol

Inesperadamente o «caso» do general Kiessling transformou-se num motivo de contestação à direcção política do primeiro-ministro democrata-cristão Helmut Khol.

Para os conservadores, como sublinha um editorial do jornal direitista «Bild Am Sonntag», Khol é acusado de «moleza» por na passada sexta-feira não ter tomado a palavra no «Bundestag» para defender a decisão do ministro Woerner.

Para a oposição social democrata o afastamento de Kiessling foi feito à revelia de quaisquer provas consistentes. As revelações entretanto publicadas pela edição de ontem da «Der Spiegel» vêm corroborar a tese de que o afastamento do general alemão federal se deve mais a desentendimentos com o comandante chefe da Aliança Atlântica, general Bernard Rogers, do que com o comportamento menos ortodoxo de Guenter Kiessling.

Todas estas circunstâncias levaram que a oposição pedisse a demissão do ministro da Defesa e uma remodelação ministerial, que Khol recusa apesar de Manfred Woerner ter posto o seu cargo à disposição do chefe do Governo.

A comissão de inquérito entretanto nomeada para apurar da veracidade dos factos poderá, segundo meios governamentais, não esclarecer nada. Um informador do Governo de Bona sublinhou que o trabalho da comissão pode levar «meses ou até anos» e que não se põe a questão da demissão do ministro da Defesa. «Além disso», acentuou a mesma fonte, «nunca uma comissão parlamentar fez cair um ministro».

Indiferente às jogadas de bastidores a opinião pública da RFA tem já ideias definidas sobre o caso.

Segundo uma sondagem publicada pela Imprensa, 78 por cento dos alemães consideram que o general Kiessling foi injustamente afastado do seu cargo. Por outro lado, 34 por cento pensam que é chegada a altura do chanceler Khol se pronunciar abertamente. O que, até agora, o primeiro-ministro da República Federal Alemã se tem recusado a fazer.

Para o Governo, o «caso» Kiessling e a atitude tomada pelo ministro da Defesa «desvaloriza» um segundo elemento do seu elenco.

Depois do ministro da Economia, Otto Lambsdorf ter sido incriminado por corrupção no caso das «Luvas» entregues pelo grupo industrial «Flick», o ministro da Defesa ofereceu de bandeja à oposição, e à opinião pública, mais um escândalo que envolve o Governo.

Na Suécia

Partido Comunista quer colaborar com cristãos

O Partido Comunista Sueco (VPK) lançou no passado fim-de-semana uma campanha de «mão estendida» aos cristãos, com os quais deseja aprofundar a sua cooperação.

Durante uma conferência pública, que juntou, no último sábado, em Estocolmo, membros do VPK e cristão, o Secretário-Geral do PC sueco, Lars Werner, fez um apelo a favor de uma melhor compreensão mútua entre comunistas e cristãos.

Lars Werner saudou os cerca de 70 cristãos presentes, entre os quais figuravam vários pastores da igreja Luterana da Suécia, que tinham ido assistirá reunião a título pessoal.

Este comício é um facto único na história do Partido, disse o responsável do PC sueco, cujo formação dispõe de 20 dos 349 lugares no Parlamento.

O Secretário-Geral do VPK justificou a política de abertura do seu partido afirmando que as bases sentem necessidade de discutir problemas éticos. Por outro lado, Larss Werner felicitou-se com a cooperação existente há vários anos entre comunistas e cristãos, sobre temas como a energia nuclear, o movimento para a paz

EUA

Os Estados Unidos pre
no Líbano – é isso o que
rações ontem proferidas
norte-americano, George
Pentágono ter indicado ta
estabelecido um «períme
dos vasos americanos
costas libanesas. Dep
que comandos suicidas
sobressalentes para pe
mente destinados a ata
americanas no Líbano, o
orge Shultz, decidiu onte
chamado «antiterrorismo
tuais acções preventivas
no Líbano.

Shultz, cuja diplomacia no Médio Oriente tem sido um falhanço rotundo, acusou a Síria, a Líbia, a URSS e indirectamente o Irão de prosseguirem uma política sistemática de terrorismo no Médio Oriente e de estarem a preparar uma «escalada do terrorismo não só no Líbano, mas também no resto do mundo», para, a pretexto destas alegações, anunciar «raids preventivos» no Líbano.

Todo o discurso de Shultz frente às câmaras da TV (cadeia ABC) foi um autêntico retomar das acusações de «terrorismo» com que a Administração Reagan iniciou o seu mandato, para lançar a cruzada contra os países socialistas.

Ao mesmo tempo, o comando naval americano pediu, através dos organismos internacionais competentes, aos navios e aviões que passem na zona ao largo do Líbano que não sobrevoem espaço nem suquem águas nos locais onde se encontram estacionados vasos de guerra

Conversa

Conversações de Viena sobre limitação de armas convencionais na Europa recomeçam dia 16 de Março – anunciou ontem o secretário de Estado norte-americano, George Shultz.

Em entrevista à cadeia de televisão, ABC, Shultz confirmou que o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromiko, propôs essa data – na sua recente entrevista em Estocolmo» para o recomeço destas negociações entre os dois blocos.

Os Estados Unidos aceitaram essa data – revelou Shultz, que acrescenou que a chave destas negociações, iniciadas há mais de dez anos, é acordar medidas adequadas de verificação.

Apelo

A Comissão Palme sobre a Segurança e as Relações Leste-Oeste, de que fazem parte os dois antigos negociadores, americano e soviético, nas negociações «SALT», Paul Warnke e Gueorgui Arbatov, pediu no domingo uma moratória de um ano no desenvolvimento de armas nucleares.

O apelo foi lançado no final de uma sessão de trabalho de três

"Desaparec

O Presidente argentino, Raul Alfonsin, disse ontem que os desaparecidos na Argentina «são seguramente mais de 10 000» após a repressão levada a cabo pelas forças armadas desde meados da década de setenta.

Em declarações a um canal da televisão norte-americana, Alfonsin salientou que «nem todos os membros das forças armadas são responsáveis» pelo que aconteceu.

Acrescentou que a violência se instalou na Argentina «numa primeira etapa através da actividade dos grupos terroristas que pensaram que o caminho indi-

Líbano de novo em guerra

A preparam acção militar

os preparam uma acção militar
o que pode deduzir-se de decla-
ridas pelo secretário de Estado
eorge Shultz, e pelo facto de o
ado também ontem que se havia
erímetro de segurança» à volta
nos ctacionados ao largo das
Dep e de ter sido «anunciado»
cidas haviam adquirido peças
a pequenos aviões supostа-
a ataques contra instalações
no, o secretário de Estado, Ge-
u ontem relançar a cruzada do
rismo» para anunciar «even-
ntivas» das tropas americanas

a no
sido
sou
indi-
sse-
má-
édio
epa-
rro-
mas
do»,
ega-
ven-
hultz
(ca-
o re-
ter-
inis-
seu
cru-
ialis-
co-
pe-
smos
ntes,
pas-
Lí-
es-
nos
es-
erra

americanos, ao largo do Líbano. A justificação para este pedido: espera-se que «comandos suicidas» vão atacar essas unidades.

Isto deve juntar-se a informações provindas de Beirute segundo as quais na semana passada, por três vezes, aviões americanos F-14 sobrevoaram a Montanha e a cidade de Beirute, seguidos de aviões israelitas.

Ontem pelo segundo dia consecutivo se registaram duelos de artilharia nas frentes de Beirute e da Montanha, com um balanço de 16 mortos e 50 feridos. As trocas de tiros atingiram o Palácio Governamental de Baada. Este novo eclodir da luta deriva das hostilidades reabertas entre o exército libanês e os drusos de Walid Jumblatt. Este dirigente da oposição libanesa acusou Amin Gemayel de ter traído os acordos a que chegara chamado Congresso da Reconciliação Nacional do Líbano em Genebra. Segundo Jumblatt, a luta agora com o exército libanês não conhecerá tréguas «mesmo que o Líbano seja destruído».

Segundo tudo indica, prepara-se novo surto de guerra generalizada no Líbano. O dirigente do Parlamento iraniano, Hachime replicando às acusações de George Shultz, declarou que elas são apenas o pretexto dos EUA para prosseguirem a sua política aventureirista no Médio Oriente.

Diálogo OLP-Amã

Abu Kihad, comandante adjunto das forças palestinas (leais a Yasser Arafat) afirmou no sábado que a cooperação e o diálogo entre a OLP e a Jordânia recomeçarão «sem condições prévias e com o coração nas mãos».

Referindo em entrevista à AFP, o teor das suas conversações com o primeiro-ministro jordano, Ahmad Obeydat, Jihad declarou que elas tinham incidido sobre a definição das grandes linhas de acção política futura entre a Jordânia e a OLP, e sobre a forma a assumir pelo diálogo e cooperação entre as duas partes. Serão criadas comissões mistas para definir a aproximação entre Amã e a OLP.

Abu Jihad definiu cinco pontos que, segundo ele, constituirão a base do diálogo futuro: a necessidade das relações bilaterais e do seu desenvolvimento em razão dos laços históricos que ligal os dois povos. A posição geográfica da Jordânia, limitrofe de Israel, e a existência da vontade israelita de fazer da Jordânia uma pátria alternativa para os palestinos. Segundo Jihad, este projecto israelita é rejeitado pelos palestinnos – que vêem nele a negação da sua luta por uma pátria e pela Jordânia, que vê nesse plano uma agressão contra o seu território. A necessidade de levar em linha de conta, segundo ele, «a inércia árabe e o pouco interesse para a questão palestina. Este pontos era submetido à próxima cimeira árabe de Ryad e em Março próximo, precisou Jiad.

Pôr a nu a «tradição sírio-líbia» e as tentativas destes dois países para imporem a sua influência e o seu controlo sobre os palestinos. Finalmente o esforço comum para a procura de «horizontes internacionais que possam ser uma base na luta para uma solução da questão palestina».

Atentado anti-líbio em Roma

O secretário do «Comité Popular» líbio em Roma, Ammar Moktar Al Taggazy, foi gravemente ferido a tiro no sábado à tarde na capital italiana por dois desconhecidos, que conseguiram fugir, soube-se de fonte policial.

Amar Moktar El Taggazy é o diplomata de mais alto nível do «Comité Popular» líbio em Roma, que consta seis membros e foi criado em 1979 para substituir a embaixada.

O secretário foi atingido por dois projécteis diferentes: um, na cabeça de calibre 7,65 mm ou então 22 long rifle, e o outro, no ventre, de calibre 9mm, segundo a polícia.

Tendo sido levado inicialmente para o hospital policlínico de Roma, foi depois transferido para o Departamento de Neurologia da Universidade, onde se indica que o seu estado é considerado «muito grave».

O atentado, segundo uma primeira reconstituição da polícia, foi cometido cerca das 15h00 no domicílio do diplomata, na Rua Mogadiscio, a pouca distância do «Comité Popular» líbio, no bairro situado a Noroeste de Roma.

Ammar Moktar el Taggazy acabava de sair do seu domicílio e dirigia-se para a garagem do edifício, a pé, para se instalar no seu automóvel. Dois homens elegantemente vestidos, com o rosto parcialmente oculto por lenços, esperavam-no no alto da rampa de acesso à garagem, e obrigaram-no a voltar para trás, indica-se de fonte policial.

Chegados a um ponto onde não eram vistos da rua, os dois homens, cujas armas estavam, segundo parece, munidas de silenciadores dispararam vários tiros contra ele, e depois afastaram-se a pé.

O diplomata, que se encontra em Roma desde 1979, vive neste edifício da rua Mogadiscio há quatro anos. É casado e pai de nove filhos.

Segundo declarações dos vizinhos, tinha o costume de conduzir o automóvel ele próprio e sem escolta. Mantinha um horário muito regular: de manhã levantava-se cedo e levava os filhos à escola, de onde se diria para a embaixada. Bastante perto. Vinha almoçar a casa e regressava à embaixada cerca das 15h00, hora a que foi atacado.

A esposa e os filhos do diplomata estavam em casa quando foi cometido o atentado e foram avisados pelos vizinhos.

O atentado ainda não foi reivindicado. A OLP condenou o atentado, enquanto fontes líbias o atribuem à fracção da OLP leal a Yasser Arafat.

A partir de 1997

Soberania chinesa em Hong-Kong

A colónia britânica de Hong Kong terá soberania chinesa a partir de 1997, segundo um acordo de princípio a que chegaram recentemente as autoridades de Londres e Pequim, revelou no domingo o jornal «Sunday Times».

Depois de um longo ano de conversações, o Governo britânico aceitou uma série de garantias por parte de Pequim para que a China possa obter, desde aquela data, a soberania e o controle administrativo do território de Hong Kong.

O jornal londrino «Sunday Times» assegurou que o primeiro acordo entre a China e a Grã-Bretanha sobre Hong Kong foi concretizado nos fins de Dezembro último, se bem que se encontrem ainda pendentes muitos problemas que serão abordados numa próxima ronda de conversações a iniciar esta semana em Pequim.

A mesma fonte acrescenta que «a primeiro-ministro britânica, Margaret Thatcher, foi aconselhada, face à impossibilidade de defender Hong Kong militarmente, a aceitar a reivindicação chinesa sobre a colónia e negociar o melhor acordo possível».

O início do acordo entre Londres e Pequim registou-se no mês de Dezembro, com uma oferta do Governo chinês que garantiu a continuidade do sistema de vida da colónia por um período mínimo de meio século.

As propostas chinesas referem-se fundamentalmente à aceitação dos mecanismos políticos e económicos que funcionam em Hong Kong, como seja o sistema livre de mercado, o respeito pela propriedade privada, a facilidade de entrada e saída do território e a liberdade de expressão.

Em "áreas especiais"

Capitalismo de Estado vigora na pátria de Mao

Pela primeira vez a China reconhece que está a fazer «capitalismo de Estado» nas zonas económicas especiais criadas em 1980 para atrair os investidores estrangeiros.

Esta confissão surpreendente por parte de um país que se vangloriava até agora de se cingir estritamente ao sistema socialista, mesmo para além das inovações espectaculares registadas nos últimos anos, consta da edição do semanário «Peking Review» publicada ontem em Pequim.

O autor do artigo, o economista Xu Dixin, faz notar a propósito que «a exploração da mais valia que se verifica objectivamente nas zonas económicas especiais está em contradição com o sistema socialista chinês».

Existem actualmehte quatro zonas económicas especiais dotadas de grande autonomia, o que lhes permite designadamente autorizar a actividade de empresas com capitais totalmente estrangeiros e não apenas com capitais mistos sino-estrangeiros, como acontece no resto do país.

A mais florescente dessas zonas é neste momento a de Shenzhen, localizada junto à fronteira com Hong Kon, o sul da China.

As outras três zonas económicas especiais são as de Zhuhai (situada próximo de Macau), de Shantu e de Xiamen, na provincia do Fujian (sueste do país).

O articulista salienta que na medida em que essas zonas visam essencialmente a exportação, podem vir a ser influenciadas pelas alterações que se verifiquem nos mercados de Hong Kong e de Macau, bem como no resto do Mundo.

«Trata-se de uma situação objectiva e inevitável», acrescenta.

O economista faz todavia questão de notar que este «Capitalismo de Estado» não pode comparar-se ao que existe nos países capitalistas, na medida em que o Estado chinês continua a controlar fenómenos como o urbanismo, a utilização dos solos, a distribuição das industrias e os empréstimos bancários.

A concluir, recorda que a criação das zonas económicas especiais obedeceu à preocupação de aumentar as receitas da China em divisas, através da introdução de tecnologias e métodos de gestão avançados numa economia algo atrasada.

rsações de Viena recomeçam a 16 de Março

obre
ncio-
dia
m o
orte-
e te-
mou
Ne-
drei
– na
sto-
stas
blo-
ram
que
stas
mais
idas
e a
ões
arte
res,
ne-
rnke
no
um
de
l de
três

dias em que participou igualmente a Comissão Internacional das Relações Norte-Sul, presidida pelo ex-chanceler alemão Willy Brandt (Comissão Brandt).

Na sua declaração final, a Comissão presidida pelo primeiro-ministro sueco, convida «os Estados Unidos e a URSS a declarar respectivamente um ano de trégua no desenvolvimento das armas nucleares para permitir a abertura do caminho ao recomeço das negociações.

Missão Trudeau

O primeiro-ministro do Canadá, Pierre Elliot Trudeau, tentará esta semana dar novo vigor à sua iniciativa a favor da paz, e do desarmamento, com uma visita a três países da Europa socialista, Roménia, Checoslováquia e RDA.

Trudeau já se deslocou à França, RFA, China, Grã-Bretanha, Itália, EUA.

Supõe-se que a URSS não está incluída nesta viagem de Trudeau, por responsabilidade de ser recebido pelo líder soviético Yuri Andropov que não aparece em público desde Agosto. No entanto, os soviéticos disseram já que a iniciativa de Trudeau tinha interesse, e o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, referiu ao seu homólogo do Canadá em Estocolmo que Andropov, esteve disposto a avistar-se com Trudeau.

Trudeau afirmou ontem em Otava que os Estados Unidos e a União Soviética «decidiram deslocar-se à Conferência de Estocolmo, com os seus representantes diplomáticos de mais alto nível». «O seu objectivo – acrescentou o primeiro-ministro canadiano – consiste em reatar o diálogo, reduzir as tensões e pôr termo à diplomacia do megafone».

Trudeau sugeriu a realização de uma cimeira no quadro das Nações Unidas entre as potências nucleares, a interdição das armas nucleares no Espaço e a ratificação do Tratado Salt II, como primeiras etapas no sentido de um acordo global sobre o desarmamento.

Rearmamento

Os Estados Unidos efectuaram no sábado o primeiro voo experimental do seu novo missil anti-satélite disparado de um Supercaça «F 15» – anunciou a Força Aérea.

O porta-voz da Força Aérea, Ron Rand, disse que o míssil não se encontrava armado nem tinha nenhum alvo, mas escusou-se a revelar qual o resultado da experiência, ocorrida na base de Vandenberg, na Califórnia.

Por outro lado, e segundo a agência soviética TASS, o mais sofisticado submarino nuclear atómico, norte-americano, foi lançado esta semana na base naval de Groton (Connecticut).

Trata-se, segundo a mesma fonte, do submarino «August», do tipo «Los Angeles», de velocidade aumentada e dotado de torpedos anti-submarino MARC-48» e mísseis navio «Harpoon».

A Agência UPI, por sua vez, informou que o «Ausust», tal como os demais submarinos do tipo «Los Angeles» será em breve dotado de mísseis nucleares «Cruzeiro Tomahawk» e que a Marinha de guerra norte-americana projecta a construção de 37 unidades.

Por último, o jornal «The Washington Post» informa que o presidente Reagan aprovou a criação de uma nova divisão do Exército.

Esta formação de forças terrestres, denominada como «Divisão Ligeira», deverá ser mais móvel que as outras e será aerotransportada para todas as regiões do Mundo, principalmente na Ásia Ocidental, refere o jornal citando colaboradores do Pentágono.

A divisão, que integrará cerca de dez mil homens, destina-se a combarer em terrenos difíceis, indica o «Washington Post».

Bomba brasileira

AO Brasil disporá dois meios para fabricar uma bomba atómica a partir de 1990, afirmou o ministro brasileiro da Marinha, almirante Maximiano da Fonseca, em entrevista publicada no domingo pelo «Jornal do Brasil».

No entanto, a decisão de fabricar bombas atómicas «ainda não foi tomada, e será objecto de uma escolha política por parte do Governo brasileiro», precisou o ministro citado pelo jornal. De momento, não é necessário produzir essa arma «na medida em que o Brasil não tem intenção de declarar guerra a outra potência», acrescentou.

Caso de espionagem abala governo norueguês

Um caso de espionagem em proveito da URSS está a chocar a Noruega e a embaraçar o governo de Oslo.

Erne Treholt, de 41 anos, chefe do servido de Imprensa do ministério norueguês dos Negócios Estrangeiros e antigo secretário de Estado das Pescas e do Direito Marítimo, filho de um ex-ministro da Agricultura, foi interpelado na passada sexta-feira, quando se preparava para entrar no avião, em direcção a Paris, onde era esperado por um agente do KGB. Erne Treholt era portador de documentos secretos, entre os quais se encontravam, segundo se pensa de boa fonte, textos relativos às conversações que o secretário de Estado americano, George Shultz, e o seu homólogo norueguês, Svenn Stray, tinham tido na véspera, em Oslo. Segundo a polícia o funcionário do ministério norueguês dos estrangeiros confessou que tivera anteriormente contactos com o KGB nos Estados Unidos e na Europa.

O inquérito judicial começará hoje. O Governo observa um mutismo completo sobre o alcance dos «estragos».

recidos" na Argentina são mais de dez mil

odos
adas
que
ência
numa
ctivi-
s que
indi-

cado para o acesso ao poder era, por exemplo, matar polícias nas ruas».

«Isto originou lamentavelmente uma racção por parte do Governo que esteve directamente vinculada à utilização dos mesmos métodos terroristas» – disse.

Em consequência desta situação, disse, «a repressão chegou à situação que todos conhecem, que suponho dá um espectáculo lamentável, de um país conduzido a un enfrentamento do tipo bélico no qual se utilizaram todos os métodos reprováveis, tanto de um como do outro lado».

Quanto ao castigo dos responsáveis da repressão, Alfonsin afirmou que: «o que estamos a fazer é implantar o estado de direito e abrir a justiça a todos os que querem recorrer a ela».

De acordo com o presidente da Argentina, há três graus de responsabilidade: a dos que tomaram a decisão de actuar, a dos que cumpriram ordens e se excederam no seu cumprimento e a dos que cumpriram pura e simplesmente ordens». «Eu defendo que nem todos são responsáveis», declarou .

Trabalhadores devem participar na Segurança Social

Uma delegação da CGTP entregou na semana passada, à Assembleia da República, um documento que solicita a introdução de alterações ao articulado do Decreto Lei 136/83 e dos decretos regulamentares sobre a participação dos trabalhadores na gestão das instituições de Segurança Social, através das suas associações sindicais. A propósito, foi também enviada uma carta ao Primeiro-Ministro, Mário Soares, na qual considera que «a legislação saída sobre este assunto tem representado de decreto em decreto, de disposição em disposição um recuo nítido relativamente à anterior». A central sindical refere que ainda não se encontra legalmente definida a composição do Conselho Nacional de Segurança Social e denuncia as deficiências de funcionamento do Conselho de Gestão do Instituto de Gestão Financeira de Segurança Social.

Quanto à elaboração do orçamento da Segurança Social, cgtp assinala que, devido a normas do Instituto de Gestão Financeira, os orçamentos regionais apenas respeitam à acção social e administração pelo que «os aspectos relativos a prestações pecuniárias, que são da maior importância para os trabalhadores são tratados centralmente e sem a sua participação».

Alegada corrupção na banca deve ser averiguada

–Exige a CGTP

A CGTP reclamou que o Governo esclareça o envolvimento dos gestores da banca nacionalizada no financiamento de futuros bancos privados.

A propósito, a central sindical cita o caso do empréstimo de 620 mil contos feito à Mello-Deutsche-Morgan (MDM) pelos bancos Pinto e Sotto Mayor e Fonsecas e Burnay «em condições de crédito mais do que favoráveis» operação que «até ao momento nem o Governo ne o Banco de Portugal desmentiram».

Depois de exigir que «a Alta Autoridade assuma as suas funções na averiguação de responsabilidades na alegada corrupção de gestores da banca nacionalizada», a CGTP critica o Executivo por autorizar a redução para 1,5 milhões de contos o capital mínimo para a formação de bancos privados.

Finalmente, denuncia a Intersindical, o «Governo continua a adiar e a boicotar a entrada em funções dos gestores públicos eleitos pelos trabalhadores, o que facilita a ausência de fiscalização adequada da utilização dos dinheiros públicos e, em consequência, o uso e abuso de meios financeiros para fins fraudulentos e ilegais».

Função Pública

24 horas de greve em Fevereiro

O plenário da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, reunido no sábado em Coimbra, aprovou a realização de uma greve nacional de 24 horas para os primeiros dias de Fevereiro.

A greve de acordo com um comunicado da reunião, apenas será implementada «caso o Governo não altere substancialmente as suas propostas salariais e persista na aprovação do pacote antilaboral».

Na reunião estiveram presentes cerca de uma centena de dirigentes dos sindicatos da Função Pública do Norte, do Centro, do Sul e das Regiões Autónomas dos Açores e Madeira, além de trabalhadores consulares e das missões diplomáticas de Portugal na Europa.

Os participantes decidiram também mobilizar os trabalhadores da Função Pública «para uma participação massiva nas manifestações promovidas pelo movimento sindical no dia 28 de Janeiro» e «denunciar o silenciamento das posições e das lutas dos trabalhadores por vários órgãos da Comunicação Social controlados pelo Governo».

No texto da resolução aprovada no plenário pode ler-se: «enquanto o custo de vida aumenta vertiginosamente, cresce o número de trabalhadores com o salário em atraso – actualmente mais de 130 mil – aumenta a carga fiscal sobre os rendimentos do trabalho, alastra a economia clandestina e a corrupção ganha terreni».

O plenário acusa o Governo de tentar escamotear a situação que denuncia, através «da mais violenta ofensiva contra a Comunicação Social, desenvolvida desde o 25 de Abril».

O Governo «procura liquidar a ANOP e a Empresa Pública dos Jornais Notícias-Capital (EPNC) e propõe-se aprovar uma Lei de Imprensa que tem merecido generalizado repúdio» – salienta a resolução.

Desemprego no mundo aumenta a um ritmo inaceitável

— sublinha um relatório da OIT

A Organização Internacional de Trabalho (OIT), advertiu que a ausência de uma análise sistemática e profunda sobre o emprego pode explicar a ineficácia das medidas contra o desemprego tomadas pelos países industrializados.

O director-geral da OIT, Francis Blanchard, denunciou o esquecimento dos factores sociais e humanos nas políticas de curto prazo dos Governos para fazer frente aos problemas económicos mais prementes, como a inflacção ou a degradação das balanças comerciais.

Os especialistas nacionais e internacionais não lançaram luz suficiente sobre certos factores decisivos ao fazer o diagnóstico da situação laboral, afirma o relatório «O trabalho no Mundo», agora divulgado.

O estudo da OIT baseia-se em dados de 151 países membros e oferece um panorama analítico sobre o emprego, os salários, a emigração, a ocupação feminina, o trabalho rural e outros temas.

Depois de questionar que a ineficácia dos remédios contra o desemprego não se deve a erros de diagnóstico, o director-geral da OIT propôs uma análise conjunta da situação actual para estabelecer uma acção concertada a nível mundial.

Na operação intervirão especialistas da OIT e de organizações económicas e sociais como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE), o Fundo Monetário Internacional (FMI, o Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio (GATT) e a CEE.

Francis Blanchard anunciou também, em conferência de Imprensa, que a OIT está decidida a «lançar a grande batalha do emprego» a nível internacional para encontrar soluções conjuntas e eficazes.

Advertiu que o desenvolvimento tecnológico aconselha a não insistir no conceito de plena ocupação para dar lugar a novas formas de emprego que «entre todos devemos imaginar e elaborar».

Sublinhou a necessidade de convocar uma conferência internacional do emprego para forçar a um debate autêntico sobre a situação laboral no Mundo, com inserção dos factores sociais a par dos económicos.

O relatório da OIT considera que, ainda que as compensações sociais tornem o desemprego menos duro do que nos anos 30, não permitiram afastar o estigma da pobreza, que é ainda mais difícil de suportar quando a sociedade é mais próspera.

Afirma que os sucessivos aumentos de preço do petróleo não explicam completamente a crise e considera necessário tomar em consideração o «fenomenal» desenvolvimento industrial do Japão e a penetração dos países recentemente industrializados nos mercados ocidentais.

Relativamente às exonomias nacionais, assinala que o preço da mão-de-obra cresceu com mais rapidez do que a produtividade e que os gastos com a administração pública e a segurança social absorveram uma quota cada vez maior do rendimento nacional.

Os peritos da OIT referem que os Governos adoptaram medidas que se verificou serem «ineficazes ou excessivas» e o desemprego «continua a aumentar a um ritmo inaceitável».

CIFA poderá ser dividida

O problema da CIFA poderá vir a ser resolvido apesar de se questionar ainda quanto à garantia de todos os postos de trabalho.

Isto mesmo referem os sindicatos representativos dos trabalhadores da empresa – Químicos, Têxteis, Construção Civil, Metalúrgicos e Indústrias Eléctricas – que afirmam existirem propostas que apontam para a divisão da fábrica em duas, a NOVACIFA e a SERVICIFA, a primeira das quais absorverá cerca de 855 trabalhadores, ignorando-se, no entanto, o futuro dos restantes 800.

Depois de alertarem os trabalhadores para as «manobras dos Mellos», os sindicatos adiantam que a manutenção de todos os postos de trabalho seria possível se a banca, credor maioritário, assumisse o controlo da empresa.

Todas estas questões serão debatidas numa reunião conjunta com a administração que os sindicatos já solicitaram ao Ministério do Trabalho.

Para 26, 27 e 28

Sindicatos preparam jornada de protesto

Trabalhadores de todo o país preparam a jornada de luta convocada pela CGTP para quinta, sexta e sábado desta semana.

Subordinada ao tema «Por uma nova política e um novo Governo», a jornada pretende pôr em causa a manutenção do actual Executivo cuja acção os sindicatos têm vindo a criticar fortemente.

Assim, na quinta-feira, os trabalhadores do sector empresarial do Estado desencadearão diversas acções, designadamente paralisações, concentrações, manifestações e plenários tendo em vista a defesa do sector que, consideram, tem vindo a ser um dos alvos preferenciais dos ataques do Governo.

Os tranportes aderiram também à jornada, estando prevista uma greve de três horas, na CP, na manhã de quinta-feira. Também a Carris deverá paralisar no mesmo dia, durante quatro horas, tempo que deverá durar um plenário geral de trabalhadores. O Metropolitano de Lisboa poderá também parar se o plenário a realizar afectar a circulação de composições. Está igualmente prevista uma paralisação da Transtejo, ao passo que na Rodoviária Nacional o pessoal optou por uma concentração, junto ao edifício do conselho de gerência em Lisboa.

A Função Pública tem também marcada para quinta-feira diversas acções contra o «pacote laboral do Governo», enquanto outros sectores procuram fazer convergir para sexta-feira as suas formas de protesto. Neste sentido a Federação Nacional dos Sindicatos da Construção, Madeiras e Mármores convocou uma greve de 24 horas para os sectores das indústrias de painéis, contraplacados, folheados e lamelados.

TOUR OPERATOR RN TOURS

F ÉRIAS
INVERNO 1984

AUTO FÉRIAS
PORTUGAL
ESPANHA
ANDORRA
VIAGENS EM AUTOCARRO
MADRID/ANDORRA
GRANADA/SEVILHA
SEVILHA/CEUTA
SERRA DA ESTRELA
MADRID
FEIRAS INTERNACIONAIS

VIAGENS EM AVIÃO
MADEIRA
PORTO SANTO
AÇORES
PARIS
LONDRES
AMESTERDÃO
GÉNOVA
E.U.A.
HONG-KONG
MARROCOS

• PEÇA-NOS O PROGRAMA

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
RN TOURS — VIAGENS E TURISMO
Av. Fontes Pereira de Melo, 33 — 1098 LISBOA CODEX — Tels.: 56 00 15 / 6 / 7 — Telex: 12315
Av. de Roma, 4-B — 1000 LISBOA — Tels.: 88 61 57 · 88 61 42 / 4
Rua do Arsenal, 124-1.º Esq.º — 1101 LISBOA CODEX — Tels.: 32 09 21 · 32 08 61 — Telex: 16585
OU NAS VÁRIAS AGÊNCIAS ESPALHADAS PELO PAÍS:
P .TO — Tel.: 38 07 12 • COIMBRA — Tel.: 229 44 • LEIRIA — Tel.: 224 13
SETÚBAL — Tel.: 232 91 • ÉVORA — Tel.: 242 54 • FARO — Tel.: 230 25 • PORTIMÃO — Tel.: 254 13

ouro
TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12 h. e das 14 às 18 h.
Av. Almirante Reis 175 1.º (entrada IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

JOSÉ MARTINS

Missa do 30.º dia

Sua família participa que no dia 25 do corrente pelas 10 h. será celebrada missa por sua alma, na Igreja S. João de Brito, agradecendo desde já a todos quantos a ela queiram assisitir, bem como aos que manifestaram o seu pesar e o acompanharam no seu funeral.

HÁ BEBER E HÁ VIVER
— Se beber não conduza — se conduzir não beba

DESPORTO

José Eduardo: um comandante

Sindicato de Jogadores: José Eduardo no comando?

«Vamos convocar hoje as eleições para o sindicato dos Profissionais de Futebol, que pensamos realizar no mais breve tempo possível, apesar de o prazo legal ser de três meses», afirma, ao «DL», José Eduardo, o lateral-direito da turma penafidelense que aparece indigitado para encabeçar uma lista da qual fazem parte alguns nomes sonantes do nosso futebol.

«É preciso fazer alguma coisa, sair deste marasmo. Tenho conversado com dezenas de colegas e todos são da mesma opinião. Por isso é que surge uma lista, encabeçada por mim, mas da qual vão fazer parte o Eurico, o Fidalgo e o Frederico, (no Norte), e o Pereirinha, mais um jogador do Benfica e outro do Sporting, (no Sul). Pretendemos que a futura direcção do sindicato reúna profissionais de todo o país», disse, José Eduardo.

Como conciliar a actividade profissional com a Sindical? **«Contamos com a colaboração dos clubes e de todos os parceiros sociais ligados ao futebol. Aliás, é nosso propósito manter um diálogo permanente com todas as partes envolvidas, com vista à resolução dos principais problemas que afectam a classe. Por exemplo: a questão dos impostos, (de que tanto se fala), a segurança social, (que não existe e que tem de ser uma realidade, para salvaguarda do futuro de todos nós). E, ainda, a questão das relações entre os clubes e os profissionais do futebol, que importa clarificar».**

Para além destas linhas mestras, no programa de acção da equipa liderada por José Eduardo, «fala-se» também de **«uma campanha de consciencialização da classe»**, da União dos Sindicatos dos Treinadores de Futebol» **(«uma acção prioritária»)** e do fomento das relações a nível internacional. A propóstio, disse-nos o futuro presidente do Sindicato: **«vamos aproveitar o campeonato da Europa para estabelecer um diálogo com dirigentes de outros sindicatos europeus, designadamente da Itália e de Espanha. Queremos que haja um intercâmbio de conhecimentos, pois só assim daremos passos seguros, baseados numa experiência que não temos».**

Com 28 anos, dez dos quais como profissional de futebol, José Eduardo apresta-se para liderar um Sindicato que, conforme fez questão de salientar, **«tem estado adormecido»**. Para isso, (concluiu), **«temos reunido regularmente no Porto e em Lisboa, para estudarmos a forma de ultrapassar os problemas que se nos colocam e, por outro lado, conseguir uma equipa operacional que ajude a resolver as questões, sem ser pela via da carta. Por isso é que pretendemos que no elenco directivo façam parte profissionais de Norte a Sul de Portugal, incluindo as regiões insulares».**

Manuel Neto

E siga a dança

Mal se atingiu metade do campeonato mas tampouco quota decisiva da «Taça de Portugal» e raro é o dia em que não se assistem às incríveis «chicotadas psicológicas», fruto podre que até na longinqua URSS teve, numa semana e de uma assentada, seis treinadores destituidos e cumulados de erros e incapacidades.

Por cá, parece contágio. José Carlos deixou o Amora e imediatamente volta à Medideira o controverso António Madeiros, um dia destes despedido do Estoril, para onde foi Mário Wilson que deixará de ser o homem forte do Académico de Coimbra. Depois de Janos Hrotko e Carlos Alberto, também levando com a porta pela cara, chama-se agora o antigo jogador Medeiros para ficar responsável pelo União de Santarém, enquanto Vieira da Silva (que nada tem a ver com a pintora) diz adeus ao Oriental.

Mas se esta dança é continua, alluta pela presidência dos clubes começa a ser fina: com os primos Pimenta Machado disputando entusiasticamente a corroa e o ceptro de Guimarães e, no vizinho Sporting de Braga, surgir Lito Gomes de Almeida (que, portista convicto) também já comandou os destinos do Sporting de Espinho. E por falar em Espinho: porque se avolomou (de modo incrível) o contenciosos entre o clube do Campo da Avenida e a PSP local?

Assanhadas também estão as coisas entre Valentim Loureiro e Pinto de Sousa, mais alegre o futuro de Jordão que (a tempo e horas) revalida com o Sporting, o que poderá significar que outro «astro» se prepara para deixar o leão lá para 10 de Junho. E, enquanto começa a guerrilha em torno da assinatura de golos, com o farense José Rafael protestando contra as beneses de uma Imprensa para com o portista Fernado Gomes, lá de longe chegam boas novas da melhoria de Pedroto, o técnico que não viu como a tradição é palavra de lei no Estoril.

Claro que, no fim-de-semana, não faltou o problema arbitral: Santos Ruivo equacionado pela leitura de dirigentes salgueiristas à Lei 3 do Futebol, Pietra a ter de resolver (sozinho) o que todos os companheiros não conseguiam perante um impecável Vítor Damas, Oliveira e Manuel Fernandes a darem a volta ao cartaz farense (cedo embandeirado em arco), Varzim, Penafiel, Braga e Águeda a não engeitarem um milímetro de hipóteses de arrecadarem os dois pontos que estavam na balança: e tão preciosos são neste virar de páginas do nacional de 1.ª apanha. E fecha-se com o tal 2-1 dos axadrezados, que pode ainda dar muita água para correr sob as pontes: a menos que, como o famigerado inbrólio entre Febres e Sourense, fôr ficando para o arquivo insondável e sempre amplo dos protestos e inquéritos a decidir, para as Kalendes gregas.

Neves de Sousa

Nacional de futebol

Benfica: campeão de Inverno

O Benfica é campeão de Inverno do futebol português, aumentando para três pontos a vantagem sobre o FC Porto ao concluir-se a 1.ª volta do campeonato da 1.ª divisão. Na Luz, o Benfica venceu o Portimonense por tangencial 1-0, enquanto no Estoril o FC Porto empatava sem golos, o que significou que a tradição não foi quebrada: há cinco anos que os nortenhos não ganham no Estoril, equipa que com o ponto ontem ganho passou ao penúltimo lugar da tabela.

Enquanto o Sporting vencia em Faro por 2-1 (mantendo a 3.ª posição) o Braga ascendia ao 4.º posto, ao vencer (em casa) o Vitória de Setúbal (1-0) e beneficiando da derrota do Guimarães em Penafiel (0-1). Se o desaire vimaranense surpreendeu, outro tanto sucedeu com o Rio Ave, derrotado em Águeda, também por 0-1.

A jornada foi parca em golos (apenas 14) com o Varzim a ser a equipa mais produtiva, ao ganhar por 3-1 ao último, o Espinho.

O Boavista continua a subir na tabela. Depois de vencer (por 2-1) sábado, o Salgueiros) a equipa axadrezada é agora a 6.ª na tabela, com os mesmos pontos do Rio Ave.

Na Luz, a vitória do Benfica ficou a dever-se a um grande golo do defesa Pietra (aos 53 minutos) na melhor jogada de futebol atacante num encontro de fraco nível.

No Estoril, o FC Porto sentiu sérias dificuldades num jogo em que saiu apenas com um ponto ganho (0-0). Em Faro, a equipa local marcou primeiro (aos 45 minutos) por intermédio do líder dos marcadores, José Rafel, mas o Sporting acabaria por justificar, na segunda parte, o 2-1 com que triunfou, golos de Oliveira e Manuel Fernandes.

Um golo de João Cardoso (aos 80 minutos) deu em Braga, o triunfo da equipa local sobre o Vitória de Setúbal. Guimarães e Rio Ave eram derrotados por tangenciais 0-1 em Penafiel e Águeda, com golos de Joaquim Rocha e César respectivamente. O Boavista virou, na 2.ª metade do jogo realizado no Bessa, o resultado de 0-1 para 2-1, frente ao Salgueiros, num «derby» portuense muito bem disputado e que o Salgueiros protestou. Finalmente, o Varzim recebeu o «lanterna vermelha» (Espinho) e venceu por 3-1, golos de André (de grande penalidade) Manuelzinho e Folha, contra um do holandês Peters.

Para a história

Resultados da 15.º jornada, (última da 1.ª volta) do campeonato da 1.ª divisão: Benfica-Portimonense, 1-0 (0-0 ao intervalo; Estoril - FC Porto (0-0), Farense - Sporting , 1-2 (1-0), Penafiel - V. Guimarães, 1-0 (0-0); Braga - V. Setúbal, 1-0 (0-0); Águeda - Rio Ave, 1-0 (0-0); Boavista - Salgueiros, 2-1 (0-0); Varzim - Espinho, 3-1 (1-0).

Marcadores

Jose Rafael (Farense) isolou-se de novo no comando da lista de melhores marcadores da 1.ª divisão de futebol português, ao marcar um golo ao Sporting. José Rafael soma 11 golos, contra dez de Gomes, (FC Porto) que ficou em branco no Estoril. Na 3.ª posição surgem Diamantino (Benfica) que tam-

Continua na pág. 14

Jorginho: tento salgueirista foi de pouca dura

Santos Ruivo contesta protesto salgueirista

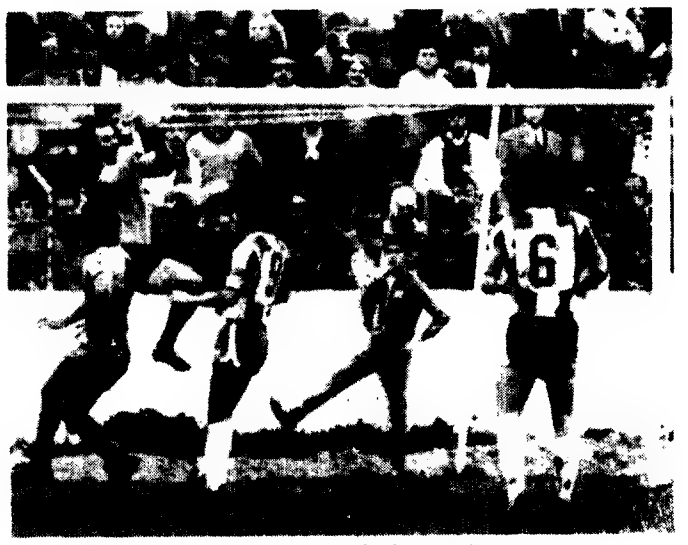
O Salgueiros protestou o jogo realizado no Bessa alegando erro técnico do árbitro. O eng.º Cruz Mesquita, presidente salgueirista, declarou que **no reinicio não estavam presentes sete jogadores da turma de Vidal Pinheiro, entre os quais o seu «capitão» (Silva)**

Por seu lado, em afirmação feita ao nosso jornal pelo árbitro Santos Ruivo, o juiz santareno fez questão de afirmar o seguinte:

Estendi o intervalo até 14 minutos, justamente para dar tempo a que todo o «team» salgueirista viesse do balneário. Recomecei a partida exactamente quando estavam sete jogadores no relvado, entre os quais o seu capitão». Logo, cumpri a lei: e lamento que a equipa salgueirista queira agora baralhar uma verdade somente para justificar um resultado desfavorável.

Sobre uma grande penalidade que os salgueiristas afirmam ter sido cometida sobre o salgueirista Carlos Ribeiro:

– Não havia qualquer motivo para esse castigo. Estive sempre em cima dos lances e não tenho qualquer dúvida de sempre ter julgado bem.



Abrantes: uma soberba parada

Estoril, 0-Porto, 0

Tradição respeita-se

O Estoril impôs ao FC Porto uma igualdade sem golos: resultado certo, num desafio de maior predomínio dos portistas, que não conseguiram desfeitear o sistema estorilista. A equipa da casa, que não se remeteu a defender, contra-atacou com oportunidade e rapidez, criando por vezes sérios embaraços à defensiva portista. Contudo, a primeira situação de perigo foi criada por Sousa (num livre directo aos dois minutos) a obrigar o guarda-redes do Estoril a excelente defesa. Até ao intervalo, cada equipa poderia ter marcado: o Estoril, num remate de londe de Pedro Xavier, (aos 14 minutos), que Zé Beto defendeu para canto e o Porto, num «chapéu» de Vermelinho sobre Abrantes (aos 34) com o esférico a sair ao lado, por alto.

O Porto carregou mais no segundo tempo, mas sem resultados práticos. A primeira oportunidade dos segundos 45 minutos pertenceu aos estorilistas, num livre directo excelentemente convertido por José Pedro (aos 56 minutos) que Zé Beto defendeu para o topo no último instante. Aos 70 minutos, o Estoril esteve à beira de marcar, mas Vítor Madeira não chegou a tempo de recargar uma bola que Pedro Xavier rematou e o guarda-redes portista não segurou. Foi o Porto (no entanto) que disfrutou do último ensejo de chegar ao golo e ao triunfo, num remate de cabeça de Gomes (a três minutos do fim) que levou o esférico a embater na barra da baliza de Abrantes.

Destaque especial para as actuações de Manuel Abrantes, Amílcar, Teixeirinha, Rantanen, David Byrne e para o regressado Barros (na turma estorilista) como para zé Beto, Jaime Pacheco, Sousa e Eurico (nos portistas). Êxito muito especial para o esquema táctico de Mário Wilson que amordaçou à partida os laterais azuis-brancos.

Sob a arbitragem de Alder Dante (Santarém) que mostrou o cartão amarelo a Byrne (78) e Xavier (84), as equipas alinharam:

Estoril: Abrantes; Vieirinha, Barros, Amílcar e Teixeirinha; Pedro Xavier (Fernando Santos, 84), José Pedro (Ernesto, 89) e Tião; David Byrne, Rantanen e Vítor Madeira.

FC Porto: Zé Beto, João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Eduardo Luís; Sousa, Frasco e Jaime Pacheco; Jacques (Semedo 62), Gomes e Vermelhinho.

Teixeirinha e Amílcar: guarda de honra a Gomes

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DO BARREIRO

ANÚNCIO

Proc. N.º 60/83 1.ª SECÇÃO–1.º JUÍZO

No dia 2 do próximo mês de Fevereiro, pelas 14 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória, vinda do Tribunal Judicial de Ovar, e extraída dos Autos de Execução de Sentença, em que são exequente A MODELAR, GOMES & SANTOS, Ld.ª, com sede em Cortegaça e executada DOMINGOS & CARDOSO, Ld.ª, representada por José Joaquim das Candeias Cardoso, residente na Rua Lourenço Marques, n.º 47, no Barreiro, tendo a firma a sua sede, na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 20, no Barreiro, hão-dé ser postos em praça — 2.ª PRAÇA —, para serem arrematados por metade do valor indicado do processo, os seguintes bens: uma máquina de escrever marca OLIVETTI, Linea 98, em bom estado de conservação e funcionamento; uma máquina de calcular da marca OLIVETTI, eléctrica, em bom estado de conservação e funcionamento; uma secretária de escritório tipo Handy, com três gavetas em bom estado de conservação e um armário ficheiro, tipo Handy, em médio estado de conservação.

BARREIRO, 13 de Janeiro de 1984

O Juiz de Direito
Ezequiel Sanches Casanova

O Escrivão Adjunto
Maria Júlia Santos Padilha Fragoso

«DL» — 23/1/84 — 1.ª Publicação

DESPORTO

Penafiel, 1-Guimarães, 0

Um golo a pedido de várias famílias

Aconteceu aos 58 minutos: uma jogada envolvente do ataque do Penafiel a causar uma certa perturbação no extremo reduto vimaranense e Joaquim Rocha a aparecer muito oportuno, mas claramente em fora-de-jogo, e a desferir o remate que faria funcionar o marcador no Estádio «25 de Abril». Muitas dúvidas se levantaram acerca deste lance decisivo, não só pela posição de Joaquim Rocha, mas também porque ficou a ideia de que o esférico ainda não tinha ultrapassado o risco fatal quando Jesus, com sapatada felina, sacudiu a bola para canto. Graça Oliva (o árbitro do encontro) foi obrigado a consultar o seu auxiliar do lado da bancada que, talvez por se sentir apertado pelos da «casa», mandou validar a «reclamação» penafidelense. José Eduardo (o reclamante de circunstância) viu o cartão amarelo e o juiz da partida, manifestamente incapaz de «descalçar a bota» esgotou os argumentos durante quase três minutos, em conferência com os forasteiros no miolo do «pelado».

Temos para nós que se os locais não tivessem reclamado junto do fiscal do lado da bancada, o remate de Joaquim Rocha não teria dado mais do que um pontapé de canto: desta feita, bem se poderá dizer que ganhou quem falou...

A necessidade de pontos foi factor determinante do comportamento dos penafidelenses que, do 1.º ao último minuto, se bateram com grande determinação e estoicismo, embora a espaços tenham revelado o mal-estar que emerge das bancadas para dentro das quatro linhas. E não são apenas os jogadores os afectados: nós próprios sentimos os efeitos da «plateia» local, ao apararmos todos os epítetos com que resolveram brindar-nos, enquanto jornalistas **responsáveis pelos erros do árbitro ou dos profissionais do chuto**. Infelizmente, porém, não é caso virgem: em Penafiel ou noutro local, os jornalistas estão mais à mão e têm as costas largas, não é verdade?

Mas deixemos o que de triste se passou no Estádio 25 de Abril (um nome que é sinónimo de liberdade...) e passemos à análise da partida, por sinal, bem recheada de motivos de interesse. Cabe aqui referir que se assistiu a uma autêntica «luta de galos», de desfecho imprevisível, não obstante as «armas» desiguais utilizadas por cada um dos intervenientes. O Penafiel mais aguerrido, jogando mais com o coração do que com a cabeça, enquanto o seu antagonista parecia apostado em esperar pela melhor oportunidade para desferir o seu golpe de misericórdia.

Diferença bem visível desde o dealbar da partida: por cada ataque em força dos penafidelenses, respondiam os vitorianos com jogadas bem delineadas, ora pela direita (por Gregório Freixo) ora pela esquerda (Paquito e Laureta). Com Nivaldo e Murça II a pontificarem no meio-campo, o Guimarães esteve sempre mais perto de alcançar o seu objectivo, falhando na ponta final, por manifesta incapacidade de Eldon para se libertar da marcação cerrada que lhe foi imposta por Vasco.

Tudo se conjugava, no sentido de a superioridade do Vitória vir a reflectir-se no marcador, mais cedo ou mais tarde. Nem sequer faltaram as oportunidades: Flávio (logo após o reatamento) ou Paquito (à passagem dos 52 minutos). Aconteceu, entretanto, o tal **golo esquisito** e, então, os vimaranenses perderam os «punhos de renda», vestindo fato de macaco até final, num assomo de raiva que, por diversas vezes, ameaçou dar os seus frutos. Porém, na hora da verdade, os arietes vimaranenses falharam e nem mesmo Paulo Ricardo, que entrou a reforçar o ataque foi capaz de causar mossa na super-reforçada defensiva de Penafiel, na qual destacamos, para além de Vasco, o guardião Trindade e os defesas de raiz: José Eduardo, Fernando e Artur.

Manuel Neto

Árbitro: Graça Oliva (Leiria), mal auxiliado por Castela Parreira (bancada) e Manuel Vicente (superior).

PENAFIEL: Trindade; José Eduardo, Vasco, Fernando e Artur; Ferreira da Costa Elias, Branco e Afonso; Joaquim Rocha (sena, aos 90 m) e Meireles (Santos, 83 m).

GUIMARÃES: Jesus; Costeado (Paulo Ricardo, aos 74 m), Murça I, Tozé e Laureta; Gregório Freixo, Paquito, Nivaldo e Murça II; Eldon e Flávio.

Marcador: Joaquim Rocha aos 58 m. Cartão amarelo: Fernando (24 m), Costeado (58 m) e Joaquim Vieira, massagista do Penafiel (64 m).

Joaquim Rocha reclama: a bola já saiu da baliza

O bandeirinha Castela Pereira entre dois fogos

Graça Oliva com o «ictericia»

Classificação

	J	V	E	D	G	P
BENFICA	15	14	1	–	40- 7	29
FC Porto	15	12	2	1	24- 2	26
Sporting	15	9	2	4	29-14	20
Braga	15	6	6	3	15-12	18
Guimarães	15	8	1	6	20-22	17
Boavista	15	6	4	5	23-19	16
Rio Ave	15	7	2	6	19-18	16
V. Setúbal	15	5	4	6	24-18	14
Portimonense	15	5	3	7	14-18	13
Varzim	15	4	5	6	13-16	13
Farense	15	4	4	7	20-23	12
Águeda	15	5	2	8	16-21	12
Penafiel	15	4	3	8	8-26	11
Salgueiros	15	3	4	8	13-24	10
Estoril	15	1	5	9	7-27	7
Espinho	15	1	4	10	6-24	6

Próxima jornada: (5/2): Águeda - Estoril (0-0); Braga - Rio Ave (1-1); Benfica - V. Setúbal (3-2); Farense - Portimonense (2-2); Penafiel - Sporting (1-5); Varzim - Guimarães (0-2); Boavista -Espinho (1-1) e Salgueiros - FC Porto (0-1).

Nacional de futebol vira a 1.ª página

Continuação da pag 13

bém não marcou no jogo da luz, e Manuel Fernandes (Sporting), autor de um tento em Faro. Asegir: 5°s Jordão (Sporting e N'Hábooa , (Rio Ave), 8; 7. Jorge Silva, (Boavista), 7; 8. Filipivic, (Benfica), Manniche, (Benfica), Nené, (Benfica), Nascimento, (V.Setúbal), Elson, (V.Guimarães) e Folha, (Varzim), 6; 14. Freire, (V.Setúbal), Cardorin, (Portimonense), Roçadas, (V.Setúbal) e César, (Águeda), 5.

2.ª Divisão

Desfechos do Campeonato da 2.ª Divisão, na **Zona Norte:** Valonguense - Valdevez, 1-1; Lixa - Sanjoanense, 0-0; Ac. Viseu - Chaves, 0-1; Famalicão - Gil Vicente, 3-1; Fafe - Riopele, 2-1; Vizela - S. Martinho, 4-0; Feirense - Leixões, 0-2; Tirsense - Paços Ferreira, 1-1. **Classificação:** 1.°, LEIXÕES, 22 pontos; 2.° Vizela, 20 (menos um jogo); 3.°s, Sanjoanense e Paços Ferreira, 18; 5.°, Chaves, 17 (emos um jogo); 6.°, Tirsense, 16; 7.°s, Feirense, Gil Vicente e Fafe, 14; 10.°, Riopele, 13; 11.°s, S. Martinho, Ac. Viseu e Famalicão, 12; 14.°s, Lixa e Valdevez (menos um jogo) e Valonguense, 11 pontos.

Zona Centro: U. Coimbra - Anadia, 1-1; Elvas - Beira-Mar, 1-0; Alcobaça - Torriense, 4-1; Peniche - Benfica C. Branco, 1-1; Covilhã - Caldas, 1-1; Naval - U. Leiria, (adiado); U. Tomar - Rio Maior, 3-0; Guarda - Académico, 1-1. **Classificação:** 1.°, ACADÉMICO, 23 pontos; 2.°, Alcobaça, 20; 3.°, Peniche, 18; 4.°s, Covilhã e U. Coimbra, 17; 6.°s, Torriense e Caldas, 16; 8.°s, Benfica C. Branco, Guarda, Elvas e Beira-Mar, 15; 12.°, U. Leiria, 14 (menos um jogo); U. Tomar, 11; 14.°s, Naval (menos um jogo) e Rio Maior, 9; 16.°, Anadia, 8 pontos.

Zona Sul: Sesimbra - Lusitano, 2-0; Amora - Olivais e Moscavide, 2-1; Nacional - E. Amadora, 3-1; Silves - Marítimo, 1-1; Esp. Lagos - Olhanense, 0-1; Barreirense - Odivelas, 2-0; Sacavenense - Cova da Piedade, 3-1; U. Madeira - Belenenses, 0-1. **Classificação:** 1.°s, MARÍTIMO, N.ACIONAL e BELENENSES, 22 pontos; 4.°, U. Madeira, 19; 5.°, Olhanense, 18; 6.°, Est. Amadora, 16; 7.°, Sesimbra, 15; 8.°s, Lusitano e Barreirense, 14; 10.°, Silves, 13; 11.°, Amora, 12; 12.°s, Olivais e Moscavide (menos um jogo), Cova da Piedade e Sacavenense, 10; 15.°, Odivelas, 10; 16.°, Esp. Lagos (menos um jogo), 8 pontos.

Divisão 3

Para o torneio do 3.° escalão, Série A: Aves - Mogadourense, 1-0; Freamunde - Moreirense, 3-0; Valenciano - Merelinense, 2-0; Mirandela - Vianense, 3-2; Limianos - Bragança, 1-0; Taipas - Cerveira, 3-1; Prado - Felgueiras, 0-1; Ponte da Barca - Monção, 1-1. Líder: Aves, 23 pontos.

Série B: Amarante - Lourosa, 2-0; Leça - Valadares, 3-2; Ermesinde - Ovarense, 2-0; Vilanovense - Lamego, 2-1; Régua - Paivense, 2-0; Cesarense - José Alves, 3-0; Esmoriz - Marco, 3-1; U. Lamas - Paredes, 3-1. Líder: Vilanovense, 19 pontos.

Série C: Santacombadense - Mealhada, 2-1; Poiares - Gouveia, 1-1; Marialvas - Tortosendo, 5-2; Estarreja - Lus. Vildemoínhos, 3-1; S. Romão - Mangualde, 0-2; Ol. Bairro - Tondela, 2-1. Líderes:E starreja e Mangualde, 20 pontos.

Série D: U. Santarém - Portalegrense, 2-0; Marinhense - Alpalhoense, 3-1; Marrazes - Bombarralense, 1-2; Marinhais - S. Bernardino, 1-0; Alcains - Atougiense, 6-1; Alferrarede - Nazarenos, 1-0; Nisa e Benfica - Marinha, 1-2; Estrela Portalegre - Almeirim, 3-0. Líder: Marinhense, 24 pontos.

Série E: Benfica Águia - Atlético, 2-4; Almada - Tires, 1-1; Montijo - Vialonga, 3-1; Casa Pia - Sintrense, 2-1; Cacém - Samora Correia, 0-0; Lusitânia - Bucelenses, 3-1; Olivais - Campomaiorense, 3-0; Oriental - Santa Clara, 1-1. Líder: Montijo, 24 pontos.

Série F: Vendas Novas - Canaviais, 3-0; Paio Pires - Moitense, 2-0; U. Comércio Indústria - Quimigal, 4-1; Alvorense - Quarteirense, 1-0; Torralta - Campinense, 2-1; Vasco da Gama - Lusitano V. Real, 1-1; Beja - Seixal, 2-1; Juventude - Trafaria, 6-0. Líderes: Vampinense e Torralta, 23 pontos.

Juniores

A ronda 16 do nacional de juniores forneceu os seguintes cartazes na **ZONA NORTE, Séria A:** Esposende - Famalicão, 0-3; V. Guimarães - Ponte da Barca, 3-0; Braga - Chaves, 3-0; Cachão - Varzim, 1-5; Merelinense - Rio Ave, 1-2. **Líder:** Braga, 27 pontos.

Continua na pág 15

CLUBE RECREATIVO DA CRUZ DE PAU
FUNDADO EM 1-11-1954
Rua Infante D. Augusto, 39 Telef. 221 43 13 CRUZ DE PAU — 2840 AMORA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do disposto no ponto 5, art.° 15.° dos estatutos, convoco todos os sócios do Clube Recreativo da Cruz de Pau, para reunirem em Assembleia Geral Ordinária no próximo dia 04-2-84, pelas 21 horas na nossa sede, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.° Discussão, votação do relatório e contas da gerência do ano de 1983, acompanhado do parecer do Conselho Fiscal.
2.° Tomada de posse dos corpos gerentes já eleitos para o ano de 1984.
3.° Informações da Direcção.

Nota: Se à hora marcada na convocatória não estiver presente a quantidade de sócios previstos no ponto 3, do art.° 15.° no gozo dos seus direitos, a Assembleia reunirá, meia hora mais tarde, em segunda convocatória com qualquer número de sócios, ao abrigo do ponto 3, do art.° 15.°.

Cruz de Pau, 20 de Janeiro de 1984

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Gutemberg Amélio Sousa Felício

CLUBE RECREATIVO DA CRUZ DE PAU
FUNDADO EM 1-11-1954
Rua Infante D. Augusto, 39 Telef. 221 43 13 CRUZ DE PAU — 2840 AMORA

CONVOCATÓRIA

Assembleia Geral Extraordinária

Nos termos do ponto 6.° do art.° 15.° dos estatutos, convoco os prezados consócios a reunirem em Assembleia Geral Extraordinária nas instalações do Clube Recreativo da Cruz de Pau, logo que termine a Assembleia Geral Ordinária convocada para o dia 4-2-84, pelas 21.00 horas.

Ordem de Trabalhos:
Tomada de medidas em relação ao Ex-Presidente.

Cruz de Pau, 20 de Janeiro de 1984

O Presidente da Mesa de Assembleia Geral
Gutemberg Amélio Sousa Felício

DESPORTO

Placard

Hóquei: Taça

O Benfica venceu em Sesimbra, por 4-2, na 1.ª mão dos quartos de final da «Taça de Portugal» em hóquei em patins. Nos restantes três jogos a vantagem (confortável) pertenceu aos clubes da casa. Resultados da 1.ª mão, dos quartos de final da «Taça»: Sesimbra - Benfica, 2-4; Sporting - Sporting de Tomar, 13-2; Juventude de Viana - Física, 9-1 e FC Porto - Sanjoanense, 6-1. A 2.ª ««Mão» realiza-se no próximo sábado.

Grupo Sportivo Adicense

O Grupo Sportivo Adicense está a comemorar o 68.º aniversário e incluiu no seu programa um colóquio sobre futebol com a presença de Fernando Caiado, Ângelo Martins, José Henrique e ainda Samuel (uma esperança do nosso futebol), indicados pelo Sport Lisboa e Benfica. Colectividade modesta (mas com historial desportivo) do bairro de Alfama, efectua hoje o colóquio às 21.30 horas.

Atletismo: a melhor marca

Heinke Daute (RDA) estabeleceu nova melhor marca mundial do salto em comprimento feminino em pista coberta, com 6,99 metros. A marca foi obtida durante os campeonatos da RDA em pista coberta, que decorrem em Senftenberg. Daute, medalha de ouro nos mundiais de Helsínquia (em Agosto de 1983) melhorou a marca da romena Anisoara Cusmir, que no ano passado saltara 6,94 metros.

Nacional de basquetebol

Queluz-Ovarense: 227 pontos

O Barreirense permanece firme, evidenciando invulgar personalidade e capacidade defensivo-atacante, no comando da 2.ª fase do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão de Basquetebol. Ao contrário, o F. C. do Porto (campeão da 1.ª fase) parece atravessar ligeira crise de forma e, nomeadamente, a sua principal «arma» (na era prof. Jorge Araújo) que é o bom escalonamento defensivo, tem estado por terra. Repare-se que os portistas (titulares nacionais na última temporada) nas três derrotas em igual número de jogos desta «poule» perderam por 16 pontos em Ovar, por 5 em Queluz e por nada menos de 24 no Barreiro.

A equipa de Manuel Fernandes parece ter assimilado (e bem) todas as virtudes que, em épocas recentes, tem evidenciado o F. C. do Porto. É certo que os «azuis e brancos» revelam carência na luta das tabelas (por falta de homens para esses lugares-chave) enquanto o Barreirense conta com sete homens para cima do metro e 93, mais Jordan (2,05m). Há um desnível acentuado entre as duas formações no aspecto da estatura, como existe (aliás) das restantes equipas para o Barreirense, que poderá explicar os êxitos do clube da margem sul do Tejo, em Sangalhos e nos Olivais, mais no sábado e ontem frente ao Ovarense e ao F. C. do Porto. Depois, o Barreirense «aprendeu» a defender com agressividade (no bom sentido) como o fazia o F.C. do Porto e como efectivamente possui homens que asseguram os ressaltos, os contra-ataques surgem rápidos, e extremamente difíceis de anular. O Barreirense é, por direito, pelas excelentes exibições que tem conseguido, o líder invicto da 2.ª etapa da prova.

O Queluz experimentou algumas dificuldades frente aos portistas, exactamente por que a equipa envereda (sempre emveredou) pela toada iminentemente atacante, descurando perigosamente a sua organização defensiva. A maioria dos seus jogadores ignora a marcação aos adversários (quer ao homem quer à zona) incorrendo normalmente em erros que lhe têm custado derrotas. Mas melhor prova desta realidade não há: e o mais recente exemplo do pouco apego dos jogadores quelucenses na sua organização defensiva surgiu exactamente no encontro de ontem em que, embora o Queluz tenha marcado 122 pontos o seu adversário (Ovarense) facturou 105. Evidentemente que se os quelucenses estiveram mal a defender, os «vareiros» estiveram pior, porque perderam. Duas vitórias, portanto, para as equipas do Sul, de momento a marcarem ascendente em relação às do Norte. Acreditamos, contudo, que o referido quarteto que actuou no Barreiro e em Queluz será o que conseguirá o apuramento para a fase decisiva da prova, embora seja de contar com o Sangalhos (que, sábado, bateu o Olivais) como presumível «competidor» da Ovarense, para o 4.º lugar.

O grupo dos últimos forneceu desfechos inesperados, como sejam a clara vitória do Conimbricense ante o Ginário (após os ginasistas terem triunfado em S. João da Madeira) e a derrota do Benfica depois de prolongamento (75-75) no recinto dos sanjoanenses. Entretanto, o Luso do Barreiro vencera expressivamente o Atlético que é, para já, o primeiro condenado à descida de civisão. Quanto à outra equipa a despromover, pensamos que só mesmo para o final será conhecida, tal o equilíbrio de valores em questão. Na jornada de ontem folgaram Sangalhos, Olivais, Luso e Atlético.

Resultados de sábado: Grupo A: Barreirense - Ovarense, 106-72; Queluz - F. C. do Porto, 88-83; e Sangalhos - Olivais, 82-76. Grupo B: Conimbricense - Benfica, 74-76; Sanjoanense - Ginásio, 75-85; e Luso - Atlético, 117-61. Domingo: Grupo A: Barreirense - F.C. do Porto, 99-75; e Queluz - Ovarense, 122-105. Grupo B: Sanjoanense - Benfica, 97-89 (75-75 no tempo regulamentar); e Conimbricense - Ginásio Figueirense, 84-53. Pontuações: Grupo A (1.ª e 2.ª Fases): 1.º, Barreirense, 26 jogos e 46 pontos; 2.º, Queluz, 26-45; 3.º, F. C. do Porto, 2-42; 4.º, Sangalhos, 25-41; 5.º, Ovarense, 24-38; e 6.º, Olivais, 25-8. Grupo B (2.ª Fase): 1.ºs, Conimbricense e Sanjoanense, 4 jogos e 7 pontos; 3.?, Benfica, 3-5; 4.ºs, Luso e Ginásio, 3-4; e 6.º, Atlético, 3-3.

Alvalade: «leões» bateram Belenenses (29-24)

Nacional de andebol

Porto e Benfica: campeões zonais

As equipas do FC do Porto e do Benfica concluíram a 1.ª fase do campeonato nacional masculino de andebol da divisão de honra no lugar cimeiro e, consequentemente, foram as campeãs das zonas Norte e Sul, através de uma carreira muito semelhante: enquanto os portistas sofreram somente uma derrota (ante o Salgueiros) os «encarnados» conseguiram melhor, pois cederam apenas um empate, face ao Sporting.

Na derradeira jornada, os «leões» (ao vencerem por quatro golos o Belenenses) ficaram em vantagem no golo-average pelo que, empatados em pontos, se alterou a sua posição anterior sendo os «azuis» relegados para o 3.º lugar.

O Sporting de Espinho, nos 14 encontros disputados, não obteve um êxito: e o Passos Manuel em igual número de jogos, o melhor que conseguiu foi um empate.

No próximo dia 4, principia a 2.ª fase, que tem como competidores: FC do Porto, Benfica, Sanjoanense, Sporting. Desportivo de Portugal, Belenenses, Académica de S. Mamede e Caramão, a disputar em duas voltas, senfo apurados para a 3.ª «poule» os quatro primeiro tam bém os «esgrimistas» pelo título.

Na 14.ª jornada, resultados na **Zona Norte:** Sp. Espinho - Salgueiros, 18-29; Desp. Portugal - Sanjoanense, 26-25; Académica de S. Mamede - Académico do Porto, 28-17 e Académica de Coimbra - FC do Porto, 18-29; **Zona Sul:** Almada - Passos Manuel 22-21; Sporting - Belenenses, 29-24; Caselas - V. Setúbal, 30-28 e Benfica - Caramão, 23-25. Pontuação final na **Zona Norte:** 1.º, FC do Porto, 40 pontos; 2.º, Sanjoanense, 34; 3.º, Desp. Portugal, 33; 4.º Académica de S. Mamede, 31; 5.º, Salgueiros, 26; 6.º, Académica de Coimbra, 26; 7.º, Académico do Porto, 20 e 8.º, Espinho, 14. **Zona Sul:** 1.º, Benfica, 41 pontos; 2.º, Sporting, 36; 3.º, Belenenses, 36; 4.º, Caramão, 30; 5.º, Caselas, 23, 6.º, Almada, 22; 7.º, V. Setúbal, 21 e 8.º, Passos Manuel, 15.

Benfica mais adiantado

Continuação da pág. 14

Série B – União de Lamas - Leixões, 4-2; FC Porto - Tirsense, 0-0; Sanjoanense - Cortegaça, 4-0; Salgueiros - Boavista, 3-1; Beira-Mar - Régua, 2-5; **Líder:** FC Porto, 25 pontos.

ZONA CENTRO, Série C – Fornos de Algodres - Repesenses, 2-1; Académico - Estação, 3-1; Jardim Alva - Águeda, 2-3; Anadia - União de Coimbra, 1-0; Tondela - Gouveia, 6-0. **Líder:** União de Coimbra, 28 pontos. **Série D** – União de Leiria - Almeirim, 0-1; Nazarenos - Alter, 5-0; Benfica C. Branco - União de Tomar, 2-0; Peniche - Alcobaça, 1-1; Naval - Marinhense, 2-0. **Líder:** Marinhense, 21 pontos.

ZONA SUL, Série E: Vilafranquense - Atlético, 2-1; Cova da Piedade - Oriental, 0-1; Belenenses - Sporting, 0-5; Campomaiorense - Almada, 0-0; Benfica - Olivais e Moscaviude, 2-2. **Líder:** Sporting, 32 pontos. **Série F** – Juventude - Sambrasense, 0-1; Olhanense - V. Setúbal, 0-1; Barreirense - Quimigal, 2-1; Amora - Farense, 0-0; Moura Torralta, 0-3. **Líder:** V. Setúbal, 27 pontos.

Taça

Santacruzense (da Madeira) e Centro Paroquial de Fátima (do distrito de Santarém) empataram a dois golos no jogo em atraso da 2.ª eliminatória da Taça de Portugal, disputado em Santa Cruz (Madeira). No termo dos 90 minutos regulamentares o resultado era 2-2 e o prilongamento não o alterou. Assim, o desempate vai realizar-se na próxima 4.ª-feira, em Fátima. O vencedor desloca-se no próximo domingo a Olhão, onde defronta o Olhanense (da 2.ª Divisão, Zona Sul) para a 3.ª eliminatória da «Taça».

Itália

A Juventus venceu o Pisa (3-1) e manteve o comando do campeonato italiano de futebol,

Damas: vinte valores na defesa das redes portimonenses

após a 17.ª jronada. Outros resultados: Roma - Sampdoria, 1-1; Fiorentina - Torino, 4-1; Verona - Milão, 1-1; Génova - Nápoles, 0-0; Catânia - Udinese, 0-2; Avellino - Ascoli, 2-1; Inter -Lázio, 1-1. **Classificação:** Juventus, 25 pontos; Torino, 22; Roma e Fiorentina, 21; Verona e Udinese, 20; Milão e Inter, 19; Sampdoria, 18; Ascoli, 17; Nápoles, 14; Pisa, 13; Génova e Avellino, 12; Lázio, 11; Catânia, 8.

Espanha

O Atlético de Bilbau manteve o 1.ºlugar do campeonato de Espanha ao vencer em Salamanca, por 2-1. No entanto, a jornada foi assinalada pelo inesperado empate cedido pelo Barcelona (em casa) frente ao último classificado, o Maiorca (1-1) – Outros resultados:**Málaga – Bétis, 1-1; Real Sociedad – Valladolid, 2-1; Atlético de Madrid – Osasuna, 3-0; Valência- Real Madrid, 0-0; Sevilha – Espanhol, 2-1; Saragoça – Múrcia, 2-1; Cadiz – Gijon, 0-2.**

Classificação:

1. At. Bilbau, 30 pontos; 2. R. Madrid, 28; 3. At. Madrid, 25; 4. Barcelona, 24; 5. Saragoça, 23; 6. Betis, 22; 7. Málaga, 22; 8. Espanhol, 21; 9. Múrcia, 20; 10. R. Sociedad, 20; 11. Gijon, 20; 12. Sevilha. 19; 13. Valência, 18;14. Osasuna, 17; 15. Valladolid, 15; 16. Salamanca, 15; 17. Maiorca, 11; 18. Cadiz, 10.

França

O Bordeus manteve três pontos de vantagem sobre o Mónaco, no topo do campeonato francês de futebol. Resultados da 25.ª jornada, disputada no fim de semana e que ficou incompleta: Lille - Laval, 1-0; Bordeus - Estrasburgo, 2-0; Monaco - Toulon, 1-0; Auxerre - Metz, 6-1; Rennes - Lens, 1-1; Nimes - Nantes, 1-0; Bastia - St. Etieene, 2-0; Nancy - Rouen, 2-0.

Classificação: Bordeus, 38 pontos; Monaco, 35; Nantes, 33; Auxerre, 32; Paris SG, 31; Toulouse, 30; Estrasburgo, 27; Lens e Laval, 25; Rouen e Bastia, 24; Sochaux, 22; Lille, Metz e Nancy, 21; Toulon, 19; St. Etienne, 18; Brest e Rennes, 17; Nimes, 16.

RFA

Vencedor no terreno do Bayern Leverkusen, por 5-1, e beneficiando da derrota imposta ao Estugarda pelo Eintracht Braunschweig (1-0), o Bayern de Munique isolou-se no comando da classificação do campeonato da Alemanha Federal.

TOTOBOLA a chave

1. Benfica-Portim.	1
2. Estoril-FC Porto	X
3. Farense-Sporting	2
4. Boavista-Salgueiros	1
5. Varzim-Espinho	1
6. Penafiel-V. Guimarães	1
7. Braga-V. Setúbal	1
8. Águeda-Rio Ave	1
9. Acad. Viseu-Chaves	2
10. Feirense-Leixões	2
11. Guarda-Académico	X
12. Silves-Marítimo	X
13. U. Madeira-Belenenses	2

Totobola: previsão

Os Serviços do Totobola prevêem entre 120 e 150 apostas com 13 resultados certos no 3.º concurso do ano. Com 12 símbolos correctos prevêem-se de três mil e 3500 apostas. O valor de cada prémio é de 25 023 840 escudos.

MICROSCÓPIO

Natação: Golden Cup

O nadador português Alexandre Yokochi classificou-se em 4.º lugar na final dos 200 metros bruços da «Golden Cup», torneio que terminou em Estrasburgo, após três dias de provas. Yokochi teve uma actuação abaixo das suas possibilidades percorrendo a distância no tempo de 2.24,86. Alexandra Silva foi 5.ª classificada no tradicional quilómetro da «Golden Cup», enquanto Rui Borges, na mesma prova masculina, foi 13.º. Na prova feminina, Marta Reboredo foi 18.ª. João Santos alcançou o 5.º lugar na final dos 200 metros mariposa, no tempo de 2.10,76. Cristina Peralta ocupou um modesto 13.º lugar, (1.20,67) na prova de 100 metros bruços. A equipa portuguesa participa no próximo fim-de-semana em outro torneio tradicional (o Speedo-Meet, em Amesfoot, na Holanda).

Esqui fatal

O esquiador austríaco Sepp Walcher, campeão mundial de descida em 1978, morreu durante uma prova de velocidade. O acidente ocorreu na sua cidade natal de Schladming.

ANA

TEXTO: G. Solano
DESENHO: F. Solano

32

Continua

Ministro da Agricultura foi à Beira Interior

O ministro da Agricultura, Soares da Costa, defendeu em Castelo Branco o aumento dos créditos de investimentos à agricultura em relação aos créditos de campanha. O ministro falava no decorrer de um debate com agricultores que encerrou uma sua deslocação de dois dias à Beira Interior. Salientou a necessidade de reorganizar os serviços regionais do Ministério com vista ao desenvolvimento agrícola regional.

Soares da Costa considerou os agricultores como elemento essencial da mudança da agricultura no país. Debruçou-se sobre as condições da lavoura na Beira Interior que considerou de tipo misto com potencialidades para a pecuária, hipo-fruticultura, olivicultura e cereais. Defendeu o desenvolvimento da criação de pequenos ruminantes, a melhoria da sua qualidade e produção.

A propósito, Soares da Costa considerou que o mercado europeu é deficitário em carne de ovinos em cerca de cinco por cento. Acrescentou que, «neste campo, é um mercado possível para os portugueses».

A necessidade de aumentar a percentagem de abate por carcaça foi outro dos aspectos abordados.

Crise no sector agro-pecuário

A percentagem média actual de abate de carne de ovinos é de 10,3 quilogramas por carcaça, sendo necessário aumentar para o parâmetro de 18 a 19 quilos por carcaça, disse.

Para o efeito, preconizou a melhoria das pastagens, forragens e criação de prados permanentes

O ministro referiu-se à situação de crise em empresas do sector agro-pecuário e afirmou ser necessario promover programas de relançamento das empresas que «não se salvam com subsídios».

Instado pelos agricultores a pronunciar-se sobre medidas de combate ao contrabando de gado, Soares da Costa afirmou que existe uma comissão interministerial para o efeito.

Se os jovens pudessem...

Eduardo Joaquim Simões
Aluno do sexto ano, 13 anos

"O meu pai só recebeu metade do ordenado"

– O que é que mais te chateia na vida?
– É chatearem-me!
– E o que é que mais te impressiona, que achas que está mal?
– É a vida qu'a gente tem. Os preços a aumentar e as pessoas que não recebem o ordenado há meses. Isso é que eu acho que está mal e que o Governo devia fazer os possíveis para as pessoas viverem melhor, para não haver aí tanta pobreza.
– Conheces alguém que tenha os salários em atraso?
– O meu pai só recebeu metade do ordenado.
– E que efeito é que isso tem na tua vida?
– Não sei, tenho de comer, tenho de vestir, a mim não me falta nada, à minha mãe também. Mas há lá na minha rua um senhor que trabalha na Setenave e ainda é pior.
– Se pudesses como é que resolvias esses problemas?
– Ora se em vez de andarem a gastar dinheiro em mísseis e em bombas o dessem a quem precisa já não havia tanta pobreza.
– E na tua escola está tudo bem?
– Só tenho razão de queixa do recreio. Gostava que ele fosse maior e se pudesse jogar à bola.
– Vês muita televisão?
– Vejo bastante. Também jogo basquetebol no Ginásio Clube.
– O que é que vês mais?
– O Telejornal, desenhos animados, a Galáctica, que já acabou, ficção científica, Falcon Crest, etc.
– Que programas é que achas que a Televisão devia dar mais?
– Sei lá, olhe, programas para saber o que acontece no mundo, documentários sobre a vida dos animais, sobre a natureza...
– Gostas de rock?
– Gosto dos Kiff, dos SIDC, dos Police...
– E de música clássica?
– Não isso é muito chato.
– Os homens da política interessam-te?
– Não gosto nada de política.
– Já ouviste falar em aborto?
– É as mulheres que não querem ter filhos que fazem um aborto.
– E estás de acordo com isso?
– Não. Acho que quem não os quer ter, que não os faça.
– Ouve lá, o que é que mais gostavas que te acontecesse?
– Era de passar todos os anos.
– Todos os anos até quando? – Pensas estudar muitos anos?
– Não sei... até arranjar um emprego para ter uma vida boa, uma vida melhor...
– Melhor do que quê?
– Do que a dos seus pais.
– E o que é que vai ser a tua vida? O que é que queres ser?
– Ainda não sei, quero uma vida melhor...

J.A.C.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Lá se fazem, lá se pagam

Ary dos Santos merecia. Merecia as palavras comovidas de César de Oliveira, a lembrança e a emoção de Maria Lúcia Lepecki, os olhos estranhamente luminosos e claros de Mário Viegas. Merecia as homenagens de «Fim-de-Semana» e de «A Festa Continua». Ary dos Santos merecia, incluso, a participação (medida como os remédios aviados na pharmácia) da RTP, no serão do sábado.

Ary dos Santos não merecia o tratamento noticioso da sua morte feito pela televisão cerca de 30 segundos no Telejoirnal de quinta-feira, nas páginas de dentro, sem menção do local onde o corpo se encontrava nem a hora de saída — o que só fariam em últimas notícias. A reportagem do funeral é modelo acabado do corte de tesoura.

Quinta-feira foi na TV um grande vazio. Bastava ter-se publicado nesse dia a reportagem de sábado, para que a morte de Ary tivesse outro impacte na opinião pública.

Por isso mesmo o Telejornal, em particular, e a RTP, em geral, levantaram um paredão de silêncio às emoções e à gratidão e à saudade. A RTP procurou simplesmente impedir que o funeral de Ary dos Santos se transformasse numa colossal manifestação de Abril.

Ary dos Santos, o poeta de 25 de Abril, não merecia isso. Quer dizer: da parte daquela gente, e por isso mesmo, teve o que merecia. Cá se fazem, lá se pagam.

Recado para Belém

Senhor Presidente. O senhor fez-se representar burocraticamente. O senhor não teve um minuto para se despedir de Ary, para estar com a poesia, ou seja, com a Graça da nossa presença no mundo. Esteve lá muito, muito povo. É grave que um Presidente da República não esteja onde está um povo e onde está um poeta. O senhor magoou muita gente. O senhor não tinha esse direito. A maturidade política revela-se naquele instante em que o contrato patriótico se cumpre para além de todas as políticas de circunstância.

«A gente não se pode conformar

Fim-de-Semana publicou uma reportagem sobre o 18 de Janeiro que pode considerar-se uma das mais belas reportagens da televisão dos últimos tempos. António Peres Metelo foi o seu autor.

Não me refiro tanto à análise do fenómeno histórico, como à dimensão humana e popular que soube imprimir-lhe. O espectador *viu* o 18 de Janeiro através dos seus documentos ainda vivos. As pessoas ainda vivas hoje foram a presença viva da força de ontem. Não são cinza: ardem.

Tão cedo não vamos esquecer aquela extraordinária figuera de mulher, D. Maria da Conceição Simões, orgulhosa do seu marido, revoltada, mas não arrependida, contra as desgraças e misérias que passou durante os seis anos em que o seu companheiro esteve preso: *«Não guardo só recordação, ganho rancor. Isto é uma desgraça em que nós vivemos, hoje. Não há razão para se viver assim. Eu a sofrer há 50 anos e lembrar-me que meus netos e bisnetos vão sofrer muito mais! A gente não se pode conformar.»*

A memória de D. Maria da Conceição Simões reproduz alguns versos alusivos à partida dos antifascistas para o Tarrafal (43 comunistas e 1 anarquista):

O barco ao largo no rio
está prestes a navegar
os deportados lá vão
encerrados no porão
a atravessar o alto mar.
Tanto lenço a fluturar
tantos olhos a chorar
e corações magoados
e os homens com seus ideiais
não tornamos a ver mais
que vão a ser desterrados.

Isto levanta outro problema que é o da recolha urgente do romanceiro antifascista portiguês. A memória é um bom caão de guarda. Quando os ladrões querem assaltar a quinta, matam esse cão, primeiro.

Passeio de domingo

— Sousa Tavares, entrevistado em «A Festa Continua» fala de si como um jornalista. Enfim, um homem sempre polémico. Também diz que gostaria de ser ministro da Agricultura. Ah, os grandes sonhos agrários...

— Apelo de Júlio Isidro à solidariedade para com 200 «refugiados das cheias» que, em Lisboa, estão desde ontem sem comer. Entre eles, 80 crianças. E ainda há quem diga que o Governo isto, o Governo aquilo...

— Num simples concurso de «A Festa Continua» uma quadra para se saber de cor:

Acordei, vi que eram sonhos,
mas não estou preocupado.
Já não sonho só com a paz,
com a paz sonho — acordado.

Assim, de súbito, no aluvião da banalidade — uma pepita de ouro.

— Júlio César diz que «Vamos à Revista» começa em Março. Já não é sem tempo. Mas por que será que «Viva o Gordo» está anunciado para principiar no próximo sábado? «Vamos à Revista» muda de horário?

Veremos, como dizem os cegos.

Hoje

Na rubrica Espectáculo, a RTP-1 apresenta, esta noite, a peça teatral intitulada «Em Dois Mundos», da qual vemos uma cena

Das **13.35** às **17.30** **Ciclo Preparatório TV**
18.10 **Janela Mágica**
19.00 **Teleregiões**
19.30 **Missão Açores** – «A Captura».
20.00 **Telejornal**
20.30 **Telenovela** – «Pai Herói».
21.25 **Espectáculo** – teatro: «Em Dois Mundos». Intérpretes: Laurinda Ferreira, Helena Félix, Rui Furtado, Jorge Sequerra, Fernanda Cardoso, Carlos Ivo, Carlos Mourato, José Eduardo, Valdemar de Sousa, Leonor Lins, Victor Hugo, José Braz e Margarida Pinto Correia. Produção: Luís de Freitas. Realização: Cecília Netto.
23.15 **Parlamento**
23.40 **Últimas Notícias**

Exibe-se na RTP-2 mais um episódio da telenovela «Gabriela»

19.32 **Desenhos Animados**
20.00 **D'Hoje pr'Amanhã** – «Origem da Vida».
20.30 **Cine-Clube** – «Rififi». Intérpretes: Jean Servais, Carl Mohner, Robert Manuel, Marie Sabouret, Janine Darcey, Claude Sylvain e Jules Dassin. Realizador: Jules Dassim.
22.30 **Telenovela** «Gabriela».
23.05 **Último Jornal**

Amanhã

12.00: Meio-Dia; **13.00**: Jornal da Tarde; das **13.35** às **17.30**: Ciclo Preparatório TV; **18.00**: Sumário, **18.10** Janela Mágica; **19.00**: Teleregioes; **19.30**: Bem Dizer, Bem Escrever, **20.00** Telejornal, **20.30**: «Pai Herói», **21.55** Grande Informação; **22.50**: Ultimas Notícias

19.30: Desenhos Animados, **20.00**: Um Toque . de Música – com o Grupo Popular «Vai de Roda»; **20.30**: Açores e o Património, **21.00**: «A Familia Bellamy», **22.00**: «Gabriela», **22.30** Ultimo Jornal

REGISCONTA FAZ 30 ANOS E APRESENTA EXPOSIÇÃO 54/84

Integrada nas comemorações do seu 30.º aniversário, a Regisconta (empresa fundada a 6 de Abril de 1954) vai realizar uma grande exposição, nos dias 24, 25 e 26 de Janeiro, no grande salão do Hotel Ritz, em Lisboa. Nessa exposição, serão apresentadas máquinas, equipamentos e móveis de escritório, destinados a empresas de todos os ramos e de todas as dimensões. Especialmente nesta época, em que se aconselha a compra, dentro dos melhores critérios, de tudo o que se utiliza, esta exposição, dadas as suas grandes dimensões e variedade, proporcionará aos Empresários uma possibilidade de escolha valiosa. A Regisconta, dada a especificidade do seu nível de actuação, apresenta efectivamente uma alternativa importante de escolha, em relação à Fileme.

A Expo-Regisconta 54/84 estará aberta das 14 às 21 horas, com entrada pela Rua J. António de Aguiar, e apresentará computadores, mini e micros, impressoras, fotocopiadores U–Bix, registadoras electrónicas, máquinas de escrever electrónicas, máquinas de tratamento de texto, calculadoras, certificadoras de caixa, máquinas de franquiar, máquinas de abrir correspondência, relógios de ponto, calendários e de tarefa, máquinas de destruir, de separar e de dobrar papel, máquinas de contar notas e moedas, transmissores de fac-símile, marcadores automáticos de chamadas, quadros de planning, móveis de escritório, etc.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

15.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Execução de setença n.º 3907/B, 1.ª Secção.

Exequente BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, EP, com sede na Rua Áurea, n.º 28, em Lisboa.

Executados LUÍS MENDES FERNANDES LOPES, ora residente na rua 15 de Novembro, 666, Apartado 702-708, Rio Grande do Sul, Brasil, e OUTROS.

Por este Tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da data da publicação do segundo e último anúncio.

Citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1984

O Juiz de Direito,
Jaime Octávio Cardona Ferreira
Pel'O Escrivão de Direito,
Josué Bavide

«DL» — 23/1/84 — 1.ª Pub.

roteiro cultural

Música

Vai apresentar-se em Portugal, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, hoje, às 18 horas, o importante agrupamento musical «Ensemble Intercontemporain», de que é presidente Pierre Boulez, tendo como maestro Jean Clauce Pennetier, com os solistas Antoine Cure (trompete) e Pierre-Laurent Aimard (piano), que interpretarão obras de Stockhausen (Michales-Gruss), Guerrero (Concerto de Chambre), Luís Pablo (Tornasol), de Reverdy (Scenic Railway) e Messaien (Oiseaux Exotiues).

Criado em 1976 por iniciativa de Pierre Boulez, o Grupo «Ensemble Intercontemporain» teve por objectivo difundir a música contemporânea, não se contentando em a progra[illegible] modo marginalizado ou [illegible]abor de ocasiões ma[illegible]nos desligadas do co[illegible]o geral da vida musical. O conjunto de solistas, dedic[illegible]simplesmente à difusão dos clássicos contemporâneos que, na realidade, são «clássicos» mais pela palavra que pelos feitos, assim como à criação e imposição progressiva de um reportório novo. Certas obras são, assim, regularmente reprogramadas a fim de alargar o círculo dos ouvintes. A sua vocação é também pedagógica, pois uma boa difusão da música contemporânea exige um esforço de informação. Por isso é que aos concertos tradicionais se adicionam estágios, seminários e cursos, organizados pelo sector de animação e pedagogia do conjunto, em combinação com os interessados. Um aspecto original do «Ensemble Intercontemporain» reside na relação constante que se estabelece entre compositores e instrumentistas, sobretudo por ocasião das criações.

«Modelo no atelier», quadro de Raoul Dufy, em exposição no «Espace Alliance»

Teatro

Realiza-se hoje, pelas 21 horas e 30, no Teatro Primeiro Acto, R. Eduardo Augusto Pedroso, 16-A, em Algés, um colóquio subordinado ao tema «Que teatro em Portugal, hoje?», com a participação de António Braz Teixeira, Carlos Porto, Glicínia Quartin, Herlânder Peyroteo, Jorge Listopad, Luiz-Francisco Rebello e Júlio de Magalhães, como moderador, estando também prevista a presença de elementos dos grupos de teatro da zona de Lisboa. A entrada é livre.

Livros e pinturas de Fernando Namora

Hoje, às 18.30, na Sala Camões, da Sociedade de Língua Portuguesa, Rua de S. José, 41-2.º (perto do cruzamento com a Rua das Pretas), abre uma exposição de livros e pinturas de Fernando Namora.

A exposição apresenta a totalidade dos livros de Fernando Namora em todas as suas edições e tiragens saídas em Portugal e no estrangeiro e, além de pinturas do próprio Fernando Namora, um importante conjunto de retratos seus em quadros e esculturas de outros artistas.

Os livros e pinturas do escritor poderão ser vistos de 23 de Janeiro a 3 de Fevereiro, das 13 às 19.30, de 2.ª a 6.ª-feira. A entrada é livre.

Amanhã, das 18.30 às 20 horas, na Sala José Leite de Vasconcelos da Sociedade de Língua Portuguesa, também com entrada livre, haverá um colóquio com Fernando Namora.

O dr. David Mourão-Ferreira, autor de vasta obra criativa e crítica, fará a introdução, para abrir caminhos ao diálogo do escritor com os assistentes.

Cinema

A Cinemateca Portuguesa, com a colaboração da Embaixada da França, vai apresentar a obra integral do cineasta franco-vietnamita Lâm-Lê. E o seguinte o calendário das sessões: amanhã, às 18 horas, «Poussière d'Empire» (Lâm-Lê estará presente para apresentar e debater o seu trabalho); dia 25, às 18.30, «Rencontre des Nuages et du Dragon».

Nascido em 1948 em Hai-Phong (Vietname), Lâm-Lê é um cineasta com uma obra breve – apenas dois filmes – mas riquíssima de sugestões para a leitura das culturas vietnamita e francesa e sua interacção, nomeadamente na época colonial.

Exposições

No «Espaço Alliance», da Alliance Française de Lisboa (Rua Braamcamp, 13, 1.º) está patente ao público uma exposição de quadros e cerâmicas do Museu do Caramulo (Fundação Abel de Lacerda) com obras de Bosco, Chagal, Dali, Dufy, Fautrier, Léger, Lurçat, Miró, Rodin, Souza Cardoso e Vieira da Silva. A mostra pode ser visitada todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 20 horas.

Recordando a revista «Lusitânia»

Continuação da pág 3

Por seu lado, Mário de Azevedo Gomes e Viana da Mota, não chegaram a inserir qualquer colaboração pelo menos assinada.

A «Lusitânia» contou igualmente com um corpo de colaboradores de muita craveira, tanto a nível nacional, como no próprio estrangeiro.

Assim, entre os portugueses que enviaram artigos para a revista, podemos salientar: Joaquim de Carvalho, Jaime Cortesão, Jaime de Magalhães Lima, Venceslau de Morais, José Maria Rodrigues, Joaquim de Vasconcelos, J. Lúcio de Azevedo, Carlos Selvagem e Henrique Lopes Mendonça, só para mencionar os mais importantes.

Estrangeiros de quase todo o mundo colaboraram igualmente na «Lusitânia». Esta divulgação é proveniente do sistema de trocas adoptado, mas, principalmente através da União Intelectual Internacional, com grande expansão no mundo culto da época, e que tinha uma dependência em Lisboa dirigida por António Sérgio.

Com efeito, desde o japonês Rokuro Abe, passando pelos lusófilos britânicos, Aubrey Bell e Edgar Prestage, ou pelo soviético Gregório Lozinski, até aos brasileiros como Afrânio Peixoto, todos colaboraram na feitura desta publicação.

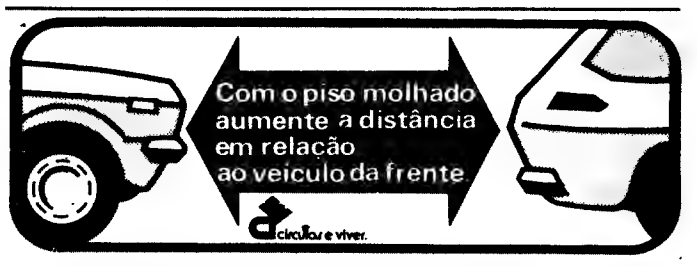
Diversas disputas surgiram dentro da própria revista, durante os quatro anos de publicação. Talvez, a mais importante tenha sido a polémica que se gerou entre António Sérgio e António Sardinha, quanto à importância do Século XVII para a cultura portuguesa. Todavia a morte prematura do escritor de Monforte, vai gorar as perspectivas, pois o seu sucessor, Manuel Múrias, não conseguiu levar por diante a disputa que prometia ser emocionante.

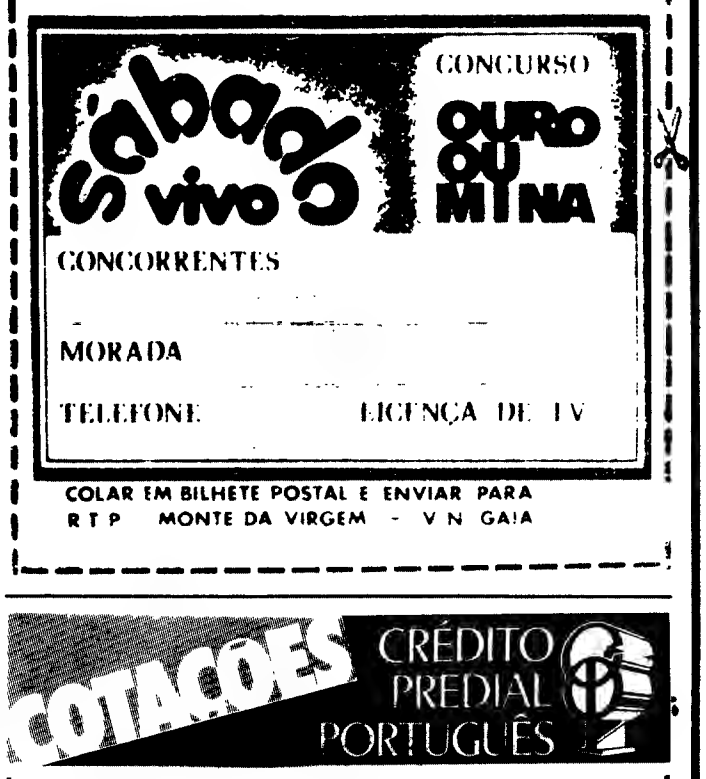
A revista termina no seu décimo fascículo, publicado em Outubro de 1927. Este encerramento abrupto, pois ainda se prometiam novidades para o número seguinte, ficou-se a dever a uma série de factos alheios à publicação. Dois dos seus grandes dinamizadores e catalisadores, Carolina Michaellis e António Sardinha, tinham falecido. A situação política portuguesa havia-se alterado. A ditadura militar fora imposta e o golpe democrático de Fevereiro de 1927 tinha falhado. A maioria dos «seareiros» havia-se exilado em França. Os integralistas que restavam, pois muitos participaram activamente no 28 de Maio, não foram capazes de prosseguir isoladamente.

A «Lusitânia» vai desaparecer quando Portugal perder a sua liberdade.

(1) – «Lusitânia», fascículo I, Lisboa, Janeiro de 1924, p. 4

Reinaldo Varela Gomes





rádio

Antena Um

16.00. Batida de limão; **17.00**: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim – o espaço é seu; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Viva a noite; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

15.40: Música portuguesa; **16.40**: Música de Bach; **17.00**: Rosa rosae; **17.30** Intérpretes portugueses; **18.05**: Culturando; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.10**: Música sinfónica; **21.00**: O canto e os seus intérpretes; **22.00**: Os caminhos do homem; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rapido das cinco; **19.00**: Musical; **20.00**: Conta corrente, **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Cinco estrelas; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **00.00**: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa: **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço, **19.30**: Horizonte; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Ouvir e pensar: **22.00**: Hora de música: **23.00**. Diário 23: **23.40**: Bola branca (3.ª edição) **23.55**: Meditando Noticiários a todas as horas

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: Universidade na Rádio; **22.57**: Boa noite; **23.00**: A cor do som; **01.00**: As superestrelas do FM

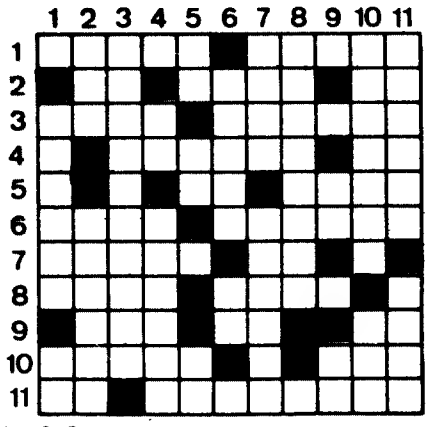
Rede Sul de FM

21.00 Paju; **21.30**: Pentagrama

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 942



HORIZONTAIS:

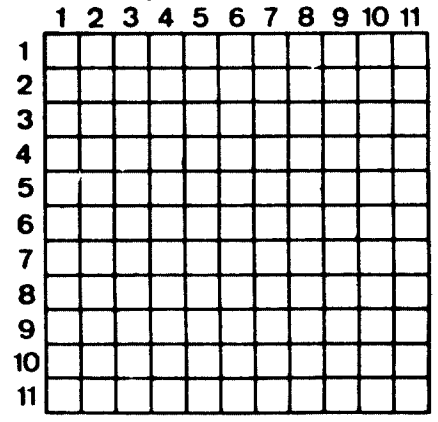
1 Órgão da vista (pl). Dá sinal.
2 Flauta chinesa de três buracos. A dama (no jogo das cartas). Rado (s.q).
3 Jarra. O mesmo que alistai (ant).
4 Montões (pop). Prefixo de negação.
5 Preposição e artigo. Ópera de Verdi.
6 Informação (fig). Saburra na língua (pl).
7 Mete em mala. Quinhentos e um em romano.
8 Bebida do Peru. Fazes doação de.
9 Zombar. Érbio (s.q). Cobalto (s.q).
10 Verdadeiros. Cólera.
11 Carta de jogar. Equipassem.

VERTICAIS:

1 Viçoso. Rádio (s.q).
2 Liga. Namoro.
3 Estalagem.
4 Satélite de Júpiter (inv). Fábrica de louça de barro.
5 Abreviatura de Santíssimo. Nota musical. Senhor.
6 Furo ou buraco redondo (pl). Preposição.
7 Moeda de Dio. Alinda.
8 Transporia.
9 Irídio. Nota musical (inv).
10 Desleal. Greda branca.
11 Alentas. Filtram.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9792



HORIZONTAIS:

1 Acomete. Flancos.
2 Faixa. Vasilha bojuda de tancaria.
3 Ilha da Suécia.
4 Gálio (s.q). Realiza. Césio (s.q).
5 Sufixo que designa abundância. Pronome pessoal. Bondosa.
6 Banheira. Grandes.
7 Doutora. Artéria. Emprega.
8 Preposição e artigo. Aguardente de medronho. Aparência.
9 Rente. Azáfama.
10 Fazer doação de. Tira de fígado temperada e frita.
11 Restos mortais. Estimais

VERTICAIS:

1 Mimo. Arma de arremesso em forma de lança.
2 Pronome pessoal. Pessoa notável (fig). Ósmio (s.q).
3 Prendo. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Chefe etíope.
4 Calosidade. Nome de fruto.
5 Desmontara.
6 Arco. Cidade da antiga Caldeia.
7 Rocegada.
8 Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Semelhante.
9 Claridade. Mala. Pega.
10 Abreviatura que se usa em música. Espécie de canoa. Cento e um em romano.
11 Peneira. Superfícies planas delimitadas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 941

HORIZONTAIS:

1 O DINHEIRO
2 Fo Iodam
3 Cam Má
4 Elis Amenas.
5 Ganas Ema
6 Aras Braga
7 Ir. Dom Air
8 Caim. Los Sa.
9 Amarrotam.
10 Co Utara.
11 Assuma Arco

VERTICAIS:

1 CEGA. Caça.
2 Falaríamos.
3 Dominaria
4 Sãs Mr.
5 Nio. Rum.
6 Ho. A Bolota
7 ED Marmota
8 Iate Sara.
9 Rm. Nega. Mar
10 Mamais
11 Casa. RAZÃO.

Provérbio O DINHEIRO CEGA A RAZAO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9791

HORIZONTAIS:

1 Morta. Rapas.
2 Apear. Ugara.
3 Rim. Com. Lar.
4 Inata. Amaça.
5 Aaro. Asas.
6 Mm. Nt.
7 Cora. Atem.
8 Içara. Trame.
9 Res. Réu. Rás.
10 Clara. Ávila.
11 Oó És. Samos

VERTICAIS:

1 Maria. Circo.
2 Opina. Ocelo.
3 Remar. Rasa.
4 Ta! Tomar. Re.
5 Arca. Aras.
7 Ruma. Tuas.
8 Ag. Matar. VA.
9 Palas Tarim.
10 Araçá. Emalo.
11 Saras. Mesas

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	92$80	98$80
ALEMANHA FED (marco)	47$75	48$85
ÁUSTRIA (xelim)	6$70	6$90
BÉLGICA (franco)	2$170	2$370
BRASIL (cruzeiro)	$060	$110
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	107$15	109$15
(notas de 5 a 1000)	107$65	109$65
DINAMARCA (coroa)	13$15	13$55
ESPANHA (peseta)	$804	$924
EUA (dolar – notas de 1 a 2)	133$55	135$55
(notas de 5 a 1000)	134$05	136$05
FINLÂNDIA (marka)	22$55	23$15
FRANÇA (franco)	15$55	16$25
HOLANDA (florim)	42$45	43$45
INGLATERRA (libra)	189$05	193$05
IRLANDA (libra)	148$40	152$40
ITÁLIA (lira)	$071	$081
JAPÃO (iene)	$544	$579
NORUEGA (coroa)	17$05	17$55
SUÉCIA (coroa)	16$30	16$90
SUIÇA (franco)	59$90	61$00
VENEZUELA (bolivar)	8$30	9$30

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
OS 101 DÁLMATAS
15.ª Semana

ÁVILA 539930
Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30, 23.45
N. a. m. 13 anos
«007 AGENTE IRRESISTÍVEL
com Roger Moore

AVIS 547153
Av Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
BIONIC BOY

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CORAÇÕES EM SEGUNDA MÃO

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A GUERRA DO FOGO
2.ª Semana

CASTIL 530194
R Castilho

Às 14.30, 16.45, 19 e 21 30
– M. 16 a.
MALANDRICES CASEIRAS

CINE BLOCO 556824
R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
29.ª Semana
Às 24
SUPERSTIÇÃO

CINE CAMÕES 324194
R do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
ESSA MULHER É MINHA

CINE 222 579460
Av P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 19 e 21.30
OS GANSOS SELVAGENS

Às 24
KEOMA

CINESTÚDIO LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
CRISTIANE F.
Domingo às 11 – Vara Todos
DUMBO

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2, Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M. 12 a.
A ESCOLHA DE SOFIA

Às 24
OS GOLPES MORTAIS DE SHAOLIN

CONDES 322573
Av da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
ESQUADRÃO SALAMANDRA

2000 2100055
Av B Voluntários, lts 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
O ANO DE TODOS OS PERIGOS

EDEN 320768
P Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
OS GIGANTES DE TESSÁLIA

ESTÚDIO 555134
Al Afonso Henriques, 35

As 15, 17, 19 e 21.30
– M. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O BOM CASAMENTO
Às 24
A MATULONA

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1
Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

SALA 2
Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
– M. 12 a.
O ESQUADRÃO SALAMANDRA

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15 15, 18.30 e 21 30
– M. 16 a
VIGILANTE

LIDO 936593
P. D. João I. Amadora

Às 15.30 e 21.15 – M. 16 a.
CLASSE

MONTECARLO 681117
Av Pedro Álvares Cabral, 37

As 14.15, 16.30, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
VITOR, VITÓRIA
Às 24
BRONCO BILLY, O AVENTUREIRO

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30 e 19 – M. 16 a.
CLASS
Às 21.30
ARMADILHA MORTAL

ODEON 328283/4
R dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O ARCHEIRO DE FOGO

PATHÉ 821933
R Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
PIRANHA II, O PEIXE VAMPIRO

«CRIMES A SANGUE FRIO» (FILME DE QUALIDADE)
com GERARD DEPARDIEU, BERNARD BLIER e JEAN CARMET
em exibição no QUARTETO

POLITEAMA 326716
R. Portas S. Antao, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
PIRANHA II, O PEIXE VAMPIRO

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 18 a.
OS VIAJANTES DA NOITE
Às 23.30
NOITE DE CHUVA

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 18 a.
QUERELLE
Às 23.30
TIRO DE ESCAPE

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CLIENTE MORTO NÃO PAGA CONTA
Às 23.30
O PADRINHO II

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 16 a.
CRIMES A SANGUE-FRIO
Às 23.30
A 3.ª GERAÇÃO

QUINTETO 573407
R Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
Às 24
OS 39 DEGRAUS

ROMA 887778
Av de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 18 a.
COMO DORMEM OS BRAVOS

ROXY 548560
Av Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
AMORES AMBÍGUOS

SÃO JORGE 579144/579344
Av da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 12 a
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA
4.ª Semana

SALA 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.45
– M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO
11.ª Semana

SALA 3
Às 14.45, 18.15 e 21.15
– M. 6 a.
OS SAPATOS VERMELHOS
3.ª Semana

7.ª ARTE
Av Republica à E Entre Campos [illegible] ao n.º 63

Às 14.30, 17, 19.10 21.30 e 23 45
– N ac. men. 12 a
007, NUNCA MAIS DIGAS NUNCA
Domingo às 11.15 – Para Todos
FESTIVAL DISNEY

STAR 804210
Av Guerra Junqueiro 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
A VIDA É UM ROMANCE

TURIM 706666
E de Benfica, 723-A

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.30
– M. 16 a.
A FÚRIA DO HERÓI
c/ Sylvester Stallone

VOX 880808
Av Fr Miguel Contreiras lote 879

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
AS JÓIAS DA GRÃ-DUQUESA

XENON 368480
Av da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21 30
– N. ac. men. 18 a.
Estreia da maior fantasia de horror do ano 84!
PACTO INFERNAL
c/ Stefan Arngrim e Elizabeth Hoffman
Filme de Frank Laloggia-
3.ª Semana

outras cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.45 (12 anos)
ALFA-2 – «Os Supergénios», às 21.15 (12 anos)
ALFA-3 – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
APOLO 70 – «Corações em Segunda Mão», às 21.30 (13 anos)
CITY-CINE – «Por Favor Não Matem o Dentista», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
LONDRES – «Classe» 21.30 (16 anos)
TERMINAL – «Krull» 21.30 (6 anos)
CAPITÓLIO – «A Cnadinha Francesa», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
TIVOLI – «Butterfly», às 21.30 (16 anos)
CINESTÚDIO ACS – «O Regresso do Espião», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «Juventude Sem Freio», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Sulka, a Estrela Sexual», sessões permanentes (18 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – «The Growler Story», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «A Serpente Vermelha», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cineteatro – «007, Operação Relâmpago», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Oficial e Cavalheiro», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «O Supergénio», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Espiões por Conta Própria», às 21.30 (6 anos)

Outra Banda

ALMADA – Cine-Estúdio – «Krull», às 21.30 (6 anos)
ALMADA – Incrível – «O Clã Negro Ataca», às 21.15 (16 anos)
ALMADA – Academia – «O Homem de Rio Nevado», às 21.15 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA – Sillgine – «Jovens, Belas e, Provavelmente, Ricas», às 21.30 (13 anos)

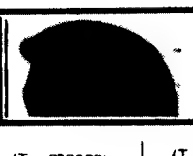
Linha de Sintra

CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Las Vegas Cidade Implacável», às 21.30 (12 anos)
ERICEIRA – Cinestúdio – «Kermesse Erótica», às 21.15 (18 anos)

Porto

JÚLIO DINIZ – «As Freiras do Santo Arcângelo», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Bruce Lee, o Super-Herói», às 21.30 (12 anos)
TERÇO – «A Bomba na Marinha», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «O Aventureiro de Tortuga», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «Um Difícil Adeus», às 21.30 (12 anos)
RAIONE – «Uma Mulher de Sonho», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «Fortaleza Secreta», às 21.30 (18 anos)
BATALHA – «As Jóias da Grã-Duquesa», às 21.30 (12 anos)
PEDRO CEM – «A Vida é um Romance», às 21.30 (12 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE-L – «O Golpe dos Enrascados», às 21.45 (12 anos)
PASSOS MANUEL – «A Estrada dos Malucos», às 21.30 (6 anos)
COLISEU – «Maníaco» às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «Esmeraldas Sangrentas», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE – «Segredos do Amor», às 21.30 (12 anos)
CHARLOT – «A Melhor Casa de Prazer do Texas», às 21.30 (13 ano.
ÁGUIA D'OURO – «A Melhor Casa de Prazer do Texas», às 21.30 (1 anos)
BEBÉ – «Feliz Natal Mr. Lawre ce», às 21.30 (12 anos)

farmácias

HOMEM D'HOJE
CENTRO DE IMPLANTAÇÃO DE CABELOS NATURAIS

Marque entrevista grátis
Horário Dias uteis 9 30 h as 19 h
Sabados 9 30 h as 13 h
Rua Neves Ferreira 74 Esq
Pelo Tel. 83 41 86
(a Praça Paiva Couceiro)

Lisboa
PERMANENTE

AREEIRO - APEADEIRO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CAMPO D'OURIQUE: Castro Fonseca**, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 686857); **CAMPO PEQUENO - AVENIDA DE ROMA: Galeno**, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNIDE: Leal Matos**, R. Neves Costa, 33-35 (T. 780181); **IGREJA DE ARROIOS - CHILE: Oriental de Lisboa**, R Alves Torgo, 2-B (T. 545079); **JERÓNIMOS: Remisio**, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **PAMPULHA - JANELAS VERDES: Nazário Pinto**, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **SÃO SEBASTIÃO: Sá da Bandeira**, R. Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **SAPADORES: Branquinho**, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **SÉ: Santa Luzia**, R. da Saudade, 2-B (T. 869831); **TIVOLI - RESTAURADORES: Gatisica**, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **ALGÉS: Dias & Saraiva**, R. Major Afonso Pala, 19 (T 2114487); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, E. Principal, lote 172 (T. 993148); **ODIVELAS: Nabais Vicente**, R A, lote 19-A, loja, Urbanização Codivel (T 9816803).

teatros

Lisboa

SÃO CARLOS – «Don Giovanni», às 21.30 (13 anos)
ABC – «Todos Tesos» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA MATOS – «Annie», às 20.00 (6 anos)
VILLARET – «Super Silva», às 21.30 (13 anos)
TEATRO LIVRE – «António Aleixo Poeta do Povo», às 21.45 (13 anos)
CASA DA COMÉDIA – «Zigue Zague», às 22.00 (13 anos)

REFORÇO

ALTO DO PINA: Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841012); **ALVALADE: Roma**, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **BAIRRO ALTO: Labor**, R. Diário de Notícias, 73-83 (T. 323428); **BENFICA -IGREJA - CEMITÉRIO: Lisboa**, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CALVÁRIO - ALCÂNTARA: Lupi Nogueira**, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **CAMPOLIDE: Imparcial**, R General Taborda, 28-30 (T. 680931); **CHELAS: Banha**, E. de Chelas, 173--175 (T. 382241); **ESTEFÂNIA: Universal**, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 544158); **MARQUÊS DE POMBAL: Ribeiro & Castro**, R. Braamcamp, 52-A (T. 543409); **MARTIM MONIZ: Tavares**, R. da Palma, 194 (T. 863350); **OLIVAIS SUL: Higiene**, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R Açores, 11-A (T. 910305); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453); **PRIOR VELHO: Matos**, T Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Soc. Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Até às 22 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 23 (T. 2233028); **BARREIRO: Santa Marta**, R. Dr. Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente; **AMORA: Fonseca**, R. Ribatejo, 2-A, Cruz de Pau (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Central**, E. Nacional, 9, Aldeia de Paio Pires (T. 2210365). Permanente; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137); **SETÚBAL: Nova**, R. General Gomes Freire (T. 22052). Permanente; **Rosado Pinto**, P. do Bocage, 98 (T. 22484). Até às 22 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Melo, P. D. João I, 9-D (T. 932756). Permanente; **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 932210). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, Apelação. Até às 22 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 9240781). Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2 A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**. Até às 22 horas; **SINTRA: Gomes da Silva**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Pedro Gomes L. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Permanente; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Até às 22 horas; **LOURES: Sílvia**, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Santos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24, r/c (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777) Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas, **PAREDE: Grincho**, Av da Republica, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj (T. 2682313). Até às 22 horas: **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas, **CASCAIS: Misericórdia**, R Regimento 19. 41 (T 280141). Permanente.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

VILARINHA, R. da Vilarinha, 161; **LAPA**, R. Antero de Quental, 211, **BONFIM**, R. do Bonfim, 73; **GOMES CARNEIRO**, R. de Cedofeita, 348; **FERREIRA DE CARVALHO**, R do Bonjardim, 354.

DE DIA E TODA A NOITE

LUSO-FRANCESA, R Sá da Bandeira, 140; **SÃO JERÓNIMO**, R. Santos Pousada, 622; **SAÚDE**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 689; **CAMEIRA**, R do Heroísmo, 90; **ALVES**, P. do Exército Libertador, 62.

Coimbra

CENTRAL, R. da Sofia, 19-21 (T. 22089); **DIAMANTE**, C de Santa Isabel, 46 (T. 87413).

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade. 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro 321154
Redacção 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

6.33 **4,2 m**
19 04 **3,9 m** 12.30 **1,1 m**
Dia 24
7 23 **4,0 m** 0.43 **1,3 m**
19 58 **3,7 m** 13 26 **1,3 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

V. CASTELO	13º
BRAGANÇA	8º
V. REAL	9º
PORTO	14º
COIMBRA	11º
C. CARVOEIRO	15º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	13º
ÉVORA	11º
BEJA	11º
FARO	14º
SAGRES	–
P. DELGADA	15º
FUNCHAL	14º

A dois dias do debate parlamentar

Hierarquia católica sobe de tom campanha contra lei do aborto

A dois dias do início do debate parlamentar sobre o aborto, cresce de tom a campanha antidespenalização geralmente desencadeada pela hierarquia da Igreja Católica e estrategicamente secundada pelas mais diversas personalidades, partidárias ou não. Marchas «de protesto» e abaixo-assinados fazem parte do coro contra a legalização duma realidade bem gritante da nossa sociedade, enquanto altos dignatários católicos se mantêm na primeira linha dos que pretendem a continuação do «Status quo».

O Cardeal-Patriarca de Lisboa recordou, ontem, durante as cerimónias evocativas do padroeiro do Patriarcado, S. Vicente, uma recomendação dos bispos portugueses, segundo a qual nenhum católico português deverá dar o seu voto às pessoas e aos partidos que aprovarem a lei de despenalização do aborto.

D. António Ribeiro afirmou, na sua homilia, que toda a lei que permitir o aborto «será, por natureza, uma lei iníqua à qual os cristãos e todas as pessoas de consciência recta têm o dever de opor resistência activa».

O bispo auxiliar de Lisboa, D. José Policarpo, não quis ficar atrás do seu chefe mais directo. Em entrevista à Rádio Renascença, no programa «Cartas na Mesa», aquele prelado considera que uma proposta legislativa sobre o aborto «venha donde vier, é sempre desestabilizadora».

Considerando que há objectivos «diferentes» nos projectos do PCP e do PS, «que não se podem explicar por uma estratégia política imediata», o bispo D. Policarpo acrescentou que «devem exercer-se todos os mecanismos democráticos para impedir a sua publicação no Diário da República».

O bispo auxiliar de Lisboa apelou aos católicos para exercerem o «direito de desobediência» se ela vier a ser aprovada, por «ser má, iníqua e inconstitucional» e porque, na prática, ser difícil que «não possa haver coacção no sentido de a aplicar».

Arcebispo-Primaz comanda em Braga

O arcebispo-primaz de Braga, D. Eurico Nogueira, proferiu um discurso de rejeição às propostas de lei apresentadas à Assembleia da República sobre a despenalização do aborto.

«É crime hediondo e infame suprimir violentamente e com premeditação uma vida humana que se inicia no momento da concepção» – disse D. Eurico aos participantes de uma manifestação de repúdio por aqueles projectos de lei, sábado realizada em Braga.

O bispo-primaz afirmou que os dois projectos apresentados – um do PCP e outro que pode considerar-se da maçonaria através do Partido Socialista – equivalem-se, distinguindo-se apenas no maior ou menor grau com que respeitam a vida. «Se este projecto se converter em lei, como filha legítima, embora serôdia, da Revolução, concluiremos com tristeza que o sangue poupado pelas armas dos revolucionários acabou derramado pela decisão dos deputados» – acrescentou D. Eurico. Esquecendo (dizemos nós) que os milhares de abortos fizeram-se, fazem-se, e continuar-se-ão a fazer neste País, com lei ou sem ela...

Amândio de Azevedo e Capucho: a «sintonia» do PSD

Enquanto Amândio de Azevedo (PSD), ministro do Trabalho e Segurança Social, sustentava sábado, em Viana do Castelo, que «é um erro muito grave avançar com a cotação da proposta do PS sobre o aborto, quando ainda não há acordo com o parceiro da coligação, o pSD», o secretário-geral do PSD e ministro da Qualidade de Vida, António Capucho, defendia a liberdade de voto para os deputados do seu partido em relação à mesma matéria, numa entrevista dada a Carlos Cruz, no programa «Duplex».

A falta de sintonia entre Amândio de Azevedo e António Capucho foi tão flagrante como isto: enquanto Capucho aludiu ao programa do PSD (que defende expressamente a despenalização do aborto), A. de Azevedo pugnou ostensivamente por uma posição oposta.

CDS: a confirmação da posição conhecida

Uma delegação do CDS, encabeçada por Lucas Pires, entregou ao presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, bispo Manuel Trindade, um documento do seu grupo parlamentar, que condena a despenalização do aborto. O CDS esclarece a sua posição em relação ao assunto do documento entregue por uma delegação que incluia os deputados democrata-cristãos eleitos por Aveiro.

JS do Porto a favor do projecto comunista

Para a Juventude Socialista do Porto, o projecto de legalização do aborto apresentado pelo Partido Comunista Português é aquele «que mais garantias dá de ser um salto qualitativo nesta matéria». «Defender a vida é algo de muito precioso para nós, jóvens socialistas, mas esta defesa passa pela vida de todos e pela liberdade de opção».

«Lamentável é que aqueles que dizem ter os interesses do País em primeiro lugar apareçam, agora, a propósito desta problemática a pôr em causa compromissos assumidos perante o povo português», dizem ainda os jovens socialistas portuenses.

Mulheres sindicalistas: uma posição de peso

Na linha do que foi aprovado no IV Congresso da CGTP-IN, todas as estruturas sindicais do distrito de Setúbal aprovaram moções de apoio aos projectos-lei apresentados pelo grupo parlamentar do PCP. Tendo a discussão insidido sobre a defesa da maternidade e o aborto.

Debate do MDM na Casa do Alentejo

Com a presença de Alda Nogueira, Helena Basto, Natália Correia e Zita Seabra, efectua-se esta noite, nas instalações da Casa do Alentejo, em Lisboa uma sessão-debate sobre a maternidade, o planeamento familiar e o aborto. A iniciativa é da comissão concelhia de Lisboa do Movimento Democrático de Mulheres e tem início às 21.30.

Eleições no PSD/Porto

Vitória da linha Mota Pinto

«Vitória da social-democracia e de Mota Pinto», foi como Fernando Brochado Coelho classificou a vitória da lista por si encabeçada nas eleições do último sábado, para a Comissão Distrital do Porto do PSD. A lista vencedora, lista B, arrecadou 200 votos para a Comissão Permanente, num total de 372 votantes e ainda 203 votos para a Mesa da Assembleia e 217 para o Conselho de Jurisdição. Estavam inscritos 459 eleitores e verificaram-se 97 abstenções, pelo que a afluência às urnas foi de 79 por cento.

A segunda lista mais votada (C) era encabeçada por Miguel Veiga e recebeu 146, 148 e 143 votos, respectivamente, para os órgãos já referidos.

Escassa votação (apenas 13 votos) foi registada por uma terceira lista (A), tida como máxima do chamado «sector crítico» do PSD, com Evaristo Fernandes como primeiro nome. Esta última lista afirmou todavia, que irá impugnar as eleições, invocando terem sido «graves irregularidades pelas outras duas listas.

Rallye Sopete-Póvoa de Varzim

Domínio completo de Moutinho em R5 Turbo "Tour de Corse"

O Rali Sopete-Póvoa de Varzim, que abria o Nacional de Ralis de 1984 proporcionou uma estreia auspiciosa à equipa Renault-Galp, através de Joaquim Moutinho que demonstrou toda a capacidade para extrair daquela pequena «bomba» tudo o que ela pode dar.

Joaquim Santos foi o seu principal adversário, mas não teve posssibilidades de aguentar o andamento do vendedor numa prova integralmente disputada sobre alcatrão. Os 265 cavalos do R-5-Turbo de Joaquim Moutinho foram insuperáveis. Santos ficou a mais de 5 minutos do vencedor e parece ter este ano um competidor à altura. Moutinho venceu 12 das 16 provas de classificação, tendo comandado a prova desde a terceira classificativa.

Classificação geral:

1.º, J. Moutinho/E. Fortes (R-5 Turbo), 1h 48m 45s; 2.º, J. Santos/M. Oliveira (Escort 1800), a 5m, 34s; 3.º, José Miguel/C. Júnior (Escort 2000), a 7-12; 4.º, R. Fontes/V. Guimarães (Visa Chron), a 7-15; 5.º, R. Fernandes/Monteiro (Ritmo 1300), a 11-14; 6.º, A. Lemos/JM Tavares (Starlet), a 14-39; 7.º, Carlos Morna/M. Morna (Manta 1900), a 16-46; 8.º, R. Correia/J. Nascimento (Starlet), a 19-00; 9.º, Artur Santos/M. Borges (Kadet-GTE), a 19-34; 10.º, Luís M. Dias/P. Perez (Golf GTI), a 20-49; 11.º, P. Cabral/A. Abrantes (Capri 3000), a 22-07; 12.º, Mello Breyner/M. Vilar (Audi 80), a 22-14; 13.º, A. Segurado/Mário Feio (Escort 2000), a 22-24; 14.º, A. Abreu/Rui Azevedo (Capri III), a 25-25; 15.º, J. Carvalho/A. Carvalho (Kadet GTE), a 32-50; 16.º, F. Ferreira/J. Oliveira (Ascona 2000), a 34-02; 17.º, G. Oliveira/A. Fresco (Renault Alpine), a 37-11; 18.º, C. Fernandez/C. Perez (Seat 124), a 46-49; 19.º, A. Costa/Paulo V. Boas (Escort 2000), a 49-52; 20.º, A. Petiz/A. Abreu (Golf 1800), a 1h, 35m e 42s.

A final sempre era verdade...

EUA vão instalar em Fóia estação de rastreio espacial

O vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa português, Mota Pinto, confirmou ontem, em São Francisco da Califórnia, o início das conversações, dentro de dias, entre Portugal e os EUA sobre as condições de instalação da estação de rastreio do espaço, cuja função oficial será a recolha de informações dos satélites e de outros elementos que se movam no espaço.

Segundo Mota Pinto, a Administração americana «aceitou» negociar o programa de instalação da estação separadamente do acordo técnico das Lajes. Quer isto dizer, de acordo com Mota Pinto, que quando o acordo for alcançado, Portugal receberá «contrapartidas específicas».

Entretanto, no sábado, o presidente da Câmara de Monchique, Carlos Tuta, revelou que uma estação de radar a instalar em Fóia, na serra de Monchique, funcionará a partir de 1987 e será ligada ao computador do Comando da NATO em Bruxelas.

Falando aos microfones da RDP/Sul, o autarca algarvio, que se avistou com responsáveis da Força Aérea Portuguesa, revelou ainda que a rotunda de Fóia será vedada ao trânsito automóvel, não sabendo se também os peões terão o acesso vvdado por questões de segurança militar.

O presidente da Câmara de Monchique sublinhou que «nenhum algarvio estará satisfeito em tornar-se um alvo preferencial» fazendo notar que a decisão da assembleia distrital ainda está por tomar. Contudo, admitiu Carlos Tuta, não existe a possibilidade de ser ali instalado material bélico de monta, no caso – referiu – qualquer espécie de mísseis...

De registar que até agora a instalação de uma base de rastreio do espaço em Fóia tinha sido sistematicamente negada pelos responsáveis portugueses, apesar das notícias que circulavam neste sentido.

A defesa do Ocidente

As declarações de Mota Pinto foram proferidas no final da visita que efectuou, na sua qualidade de ministro da Defesa, ao comando do GEODESS (Ground Electrooptical Deep Space Surveillance System), um centro permanente de vigilância do espaço localizado no Novo México.

Mota Pinto deu ainda uma entrevista ao jornal «Gazette Telegraph», de Colorado Springs, na qual, acerca do papel dos movimentos pacifistas na Europa Ocidental, afirmou: «Esses movimentos são liderados por agitadores soviéticos. O povo português ama a paz, mas nós somos capazes de distinguir o verdadeiro amor à paz da manipulação com vista à capitulação e decapitação da defesa do Ocidente»...

Rallye Monte Carlo

Concorrentes chegaram a Aix-Les-Bains

Com partida de Bad Hamburg (18 concorrentes) Barcelona (11), Lausanne (40), Londres (2), Monte Carlo (38), Paris (56), Ramsdonk (7), e Sestriere (11), iniciou-se ontem a 50.º edição do Rallye Monte Carlo, primeira prova do campeonato do mundo de Rallyes e mais famoso Rallye do Mundo.

Tal como em 1983 o grande duelo vai novamente travar-se entre os Audi de tracção às quatro rodas e os Lancia, actuais campeões do mundo.

Para esta época a Audi conta com a participação do campeão mundial Walter Rohrl, que alinha com o número 1, com o finlandês Hannu Mikkola, o sueco Stig Blomqvist e o fracês Bernard Darniche, este num Audi 80 Quattro do Grupo A.

Os Lancia estão confiados ao finlandês Markku Allen, ao franceses Jean Claude Andruet e aos italianos Attilio Bettega e Massamo Biasion.

Da lista dos mais cotados fazem parte ainda o finlandês Timo Salomen (Nissan 240 RS), o britânico Terry Kaby noutro carro igual, os franceses Jean Luc Therier e Bruno Saby, em Renault 5 Turbo. Rohrl iniciou a prova com moderado optimismo, declarando à partida que ainda tem problemas de adaptação ao carro, apesar de ter sido montado no seu Audi um sistema de embraiagem adicional, que permite ao piloto fazer a mudança de velocidades em curva, podendo ao mesmo tempo manejar com os pés o travão e o acelerador simultaneamente.

A chegada dos concorrentes provenientes dos diversos itinerários de concentração começou a fazer-se a partir das 9.30 de hoje, em Aix-les-Bais.

Sete Ponto Sete

Mensagens pessoais

Hilário, um português entre o vitral e a pintura Págs. 4 e 5

O caminho espanhol até à democracia

Pág. 7

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

Editorial

No auge de uma campanha ideológica sem precedentes, em que a Igreja Católica se empenhou com todo o seu peso e influência, dando assim mais uma vez provas de pretender intervir profundamente na configuração das liberdades individuais no seio da sociedade civil portuguesa, os deputados votam esta semana o projecto socialista sobre o aborto.

Os deputados — ou os que tiverem a coragem de, no momento decisivo, não faltar à votação: as ausências não seriam de estranhar, no grupo parlamentar do PS e sobretudo no do PSD...

Nas vésperas desta segunda discussão sobre a interrupção voluntária da gravidez, vale a pena chamar a atenção para o modo como, preferindo apoiar um mero passo em frente em vez de fazer uma cena quixotesca, mas inútil, no Parlamento, os comunistas decidiram anunciar previamente o seu apoio ao que os socialistas acabaram por poder apresentar como proposta.

Não serão poucos os apoiantes da proposta comunista que teriam preferido uma defesa intransigente da fórmula achada pelo PCP, mesmo sê, no momento de votar, o grupo parlamentar comunista acabasse por fazer uma declaração a favor do projecto, mais "moderado", do PS, com o objectivo de o tentar fazer "passar"... Este anúncio prévio de uma abdicação a favor do tímido passo socialista é pouco característico do comportamento dos comunistas na Assembleia — a não ser que constitua um fenómeno novo, que exprime uma vontade clara de compromisso, e uma clara alteração de estratégia no que toca ao tipo de defesa parlamentar das iniciativas do PCP.

A necessidade de despenalizar o aborto é real, e a urgência de a satisfazer é gritante, em Portugal.

Seria deplorável que um considerável número de deputados prontos, individualmente, a reconhecer essa necessidade, se visse constrangidos a negá-la, e a perpetuar a aberrante situação legal em que vivemos, por razões que nada têm a ver com o que em consciência pensam. Seria deplorável que esses deputados recusassem a tímida despenalização proposta pelo PS — e que, na verdade, não contempla as exigências, nesta matéria, de uma mentalidade livre e laica — porque os seus partidos, acorrentados a uma imagem empobrecida e empobrecedora do seu eleitorado, lhes exigem a garantia de um "niet" suposto satisfazer o interesse da Igreja...

Sete Ponto Sete

Mergulhos

Publicações em torno das Ideias (Filosofia e Psicanálise) e das Artes (Pintura-Cinema-Fotografia)

Entre livros

O marasmo das livrarias portuguesas é preocupante. Tudo é exíguo e minado por uma santa pacatez. Nada acontece. Tudo o que se publica entre nós, ronrona indefinidamente em circuito fechado, em torno das letras, da história e da poesia. Tudo o resto que se publica por este mundo fora, aparece depois, via tradução, quando as coisas já perderam muita da sua força primeira. Contudo leitor, não desista, após esta constatação pessimista, tente encomendar os seus livros. Em Lisboa tem a Livraria 111 e a Livraria Buchholz e pouco mais nos resta. Em Coimbra, a Livraria Almedina, e no Porto a Livraria Leitura, que serão sem dúvida mais eficientes que as outras para o serviço de encomendas.

Emídio Rosa de Oliveira

No mundo das ideias:

• Acabam de sair dois livros interessantes sobre o carácter cibernético e maquínico do automatismo: Jean-Claude Beaune, **Le Vagabond et la Machine,** e uma escolha de textos traduzidos do americano sob a direcção de A. Ross Anderson em livro, **Pensée et Machine,** ambos da Collection Milieux Champ Vallon.

• O livro de Jean-François Lyotard, **Le Différend,** Minuit; um livro de filosofia que atesta um novo modo de pensar, depois do declínio das metafísicas universalitas. A reflexão, parte da polémica relativa às câmaras de gás e prolonga-se até a problemática do diferendo em matéria de realidade, de ser, de tempo e de política. O diferendo, segundo Lyotard, é o que resulta de um conflito entre duas partes que não pode ser resolvido por qualquer regra aplicável aos argumentos das duas partes. Livro interessante para filosófos, linguistas, economistas, politólogos, antropólogos e historiadores.

• O lviro de Pierre Legendre, **L'Empire de la Vérité,** Fayard que é uma introdução ao s espaços dogmáticos industriais, aponta o Estado e o contrato como os produtos institucionais do Ocidente jurídico.

• Finalmente, Giambattista Vico, **Origine de la poésie et du Droit (De constantia jurisprudentis),** traduzido do latim e com um magnífico texto de introdução da autoria de Jean-Louis Schefer, que simultanemente dirige com Philippe Blon esta colecção, Café, Clima, Editeur, bem como ainda uma revista já à venda entre nós, chamada «**Café Librairie**».

• Também nas edições de Minuit, depois de uma longa ausência, Maurice Blanchot, com o livro, **La comunauté inavouable,,** fala-nos ainda, citando G. Bataille, da diferença entre a comunidade que nos é imposta pelas leis da sociabilidade e a «comunidade dos amantes» profundamente electiva, fazendo-nos evocar em surdina o texto de Walter Benjamim sobre «**Les affinités électives de Goethe**» reeditado numa colecção acessível: **Essais 1 (1922-1934)** e **Essais 2 (1935-1940),** Paris, Denoel-/Gonthier, (Médiations).

• O livro de Marc Jimenez, **Vers une esthétique négative-Adorno et la modernité,** Sycomore. Em estilo irónico e regalando-se no «gai savoir» nietzschiano, Clément Rosset com o seu livro, **La Force majeure,** Minuit, tropeça constantemente em Nietzsche, sem nada avançar por conta própria. É preferível ler Nietzsche.

• A grande novidade é a publicação dos três volumes que seguem à História da sexualidade de Michel Foucault: o volume, **L'Usage des plaisirs, Le souci de soi, Les aveux de la chair.** Para os que não queiram esperar, já é possível ter acesso à introdução geral que acompanha esta publicação; introdução que o próprio Foucault cedeu à revista **Le Débat, n.º 27 de Novembro de 1983.**

• Ainda para breve, a publicação de dois livros de Pierre Guyotat, **Vivre** (Denoel, «L'infini») e **Le Livre** (Gallimard): Guygotat restitui os velhos temas que lhe são caris, os da morte, prostituição, homossexualidade numa temática mais vasta e englobante. Esse «tema moldura» é a escravatura — tema, tanto mais chocante, quanto nós o damos por abolido em pleno século XX. Guyotat evoca um outro «escrito» a aparecer proximamente: **L'histoire de Samora Machel.**

• Daniel Sibony, **L'amour inconscient,** Grasset; livro cuja «dérmarche» é completamente oposta à do último livro de Kristeva sobre o mesmo tema. O tema da sedução polariza toda a reflexão sobre o amor.

• André Green, **Narcissisme de vie, Narcissisme de mort,** Minuit.

• Thomas Szasz, **La schizophrénie,** Payot.

• Um conjunto de textos sob a direcção de Claude Reichler, reunidos em livro, **Le corps et ses fictions,** Minuit (Arguments).
Todos estes discursos desde o erótico, o médico, o religioso, o técnico e o mercantil constroem uma ficção singular do corpo.

Revistas

Pelo menos três polarizam a nossa atenção:

• **Change International Un** (revista trimestral), Fondation Transculture International-/Laffont, com textos de Deleuze, Lyotard, Virilio, A. Negri, Nakamura, etc.

• **Philosophie n.º 1,** Minuit, cuja autoria cabe a P. Guenancia e a Didier Franck. Pretende ser uma revista de filosofia e não de ciências humanas. Começa por um célebre texto póstumo de Husserl a que Merleau-Ponty recorreu frequentemente nos seus últimos escritos em forma de curso. Didier Frank já nos tinha evidenciado em livro **Chair et corps,** Minuit, 1981, o traço constitutivo de um «Daseian» atravessado pela pulsão — remetendo-nos assim para a temática ultima que Merleau-Ponty explora a partir de um texto de Husserl finalmente traduzido agora em língua francesa.

• **Oui la philosophie n.º 1,** Huisman, Paris: número um pouco literalizante, dedicado à problemática do Masculino e do Feminino.

No domínio da pintura:

• **L'art ou la feinte passion,** de N. Grimaldi, PUF (Epiméthée); um livro que equaciona a partir da teoria mimética o alcance estético da natureza e do artifício (simulacro).

• **Peinture et temps,** de Bernard Lamblin, Klincksieck. Ainda para os interessados na problemática de Erwin Panofsky, acaba de sair um conjunto de textos, publicados pelo Centre G. Pompidou, Ed. Pandora, com trabalhos assinados por Hubert Damish, A. Chastel, Louis Marin e outros, intitula-se **Erwin Panofsky — Cahiers pour un temps.**

• É importante salientar que René Thom, Jean Bernard, Prigogine, Lichnerowicz analisam num livro as relações de Paul Valéry, com a ciência matemática e biológica. O livro intitula-se, **Fonctions de l'esprit,** Hermann («Savoir»).

• Merecem especial atenção, **Enquête sur Piero della Francesca,** de G. Ginzburg, Flammarion: trajecto interpretativo em que o autor avança como o detective decifrando a partir de dados mínimos de natureza indicial o que se trama na obra estética.

• O livro de Jurgis Baltusaitis deixa-nos, como sempre, perplexos. Todo o seu trabalho constitui um longo inventário do «bizarro artístico», espécie de face escondida da história de arte oficial. Este livro reeditado pela Flammarion **Aberrations, Les perspectives dépravés,** demonstra como diz Oscar Wilde, que «as verdades metafísicas são as da máscara».

• O grande acontecimento, fenómeno de moda processa-se em torno do Maneirismo. Já em 1979, Patrick Mauriès nos tinha legado **Second Manifeste Camp,** hoje surge-nos com uma obra sumptuosa sobre os **Manieristes,** Editions du Regard Aguardamos ainda para o decorrer deste ano **La Mondanité**, Seuil, também da sua autoria.

Na área do cinema:

• **Esthétique du Film,** Ed. F. Nathan, um livro que pode incomodar pela compartimentação extremamente didáctica, mas cuja leitura não faria nada mal aos nossos críticos de cinema.

• **CinémAction,** Alain Weber. Ed. L'Harmattan, um número dedicado às ideologias da montagem ou à arte da manipulação.

• **É aguardado finalmente para Abril deste ano, a publicação de Henri Alekan, Des ombres et des lumières,** Ed. Sycomore; H. Alekan trabalhou com Jean Cocteau e Raul Ruiz, todo o seu trabalho reside na análise do poder natural e «artificioso» da luz no cinema e no teatro.

Na Fotografia:

• A publicação sobre fotografia é abundante. Um dos livros mais importante: **Pour la photographie,** Germs, que relata o 1.º colóquio internacional realizado na universidade de Paris-VIII.

• Henri Vanlier publica um livro intitulado **Philosophie de la photographie,** onde mostra o carácter predominantemente pictural dos conceitos da filosofia ocidental e o ar de desprezo consequente dos filósofos pela fotografia.

• Antoine Terrasse, **Degas et la photographie,** Denoel; é interessante conhecer a fascinação de Degas pelo instantâneo fotográfico.

• **Les cahiers de la Photographie,** já atingiram os n.ºs 11/12: este último número é dedicado a Robert Frank.

• **Nicéphore Niépce,** Photo poche, Centre National de la Photographie, Paris, dedicado à memória de Nièpce por ocasião dos 150 anos da sua morte. ■

Viagem

Animismo e desligação entre o homem e a natureza 4

Moscovici e as naturezas orgânica, mecânica e cibernética

João Mendes

Vamos portanto ocupar-nos de Moscovici e da «história humana da natureza»:

Num primeiro momento, trata-se de admitir que, em vez de a agredir do exterior, a **techné** humana participa na modificação da natureza, de que ela é parte e sujeito. O postulado de uma natureza totalmente independente da ordem humana aparece como abstracção desde sempre instrumentalizada pela metafísica e pela moral, e não consegue ultrapassar o seu estatuto de petição de princípio, porque «nós não conhecemos qualquer porção de real isenta de intervenção humana, sem contacto com a arte ou com a técnica» (1). A nossa leitura da natureza **enquanto processo** deveria assim ter em conta o facto de, ao longo da história da espécie humana, termos sempre tornado **naturais** fenómenos à partida artificiais, como mostram, entre muitos outros, os exemplos da atribuição do movimento do relógio aos planetas ou o reconhecimento da electricidade como algo existente fora do quadro da acção humana: «A arte de um homem torna-se sempre a natureza de um outro homem» (2).

Koiré mostrou, a propósito da revolução científica do séc. XVII (3) e sobretudo do trabalho de descoberta em laboratório, nas ciências exactas contemporâneas, o carácter inverificável e estritamente conjectural (4) de numerosas proposições **científicas** que, no entanto, constituem a natureza como objecto de conhecimento e condicionam, do mesmo modo que a eficaz experiência da tradição, a nossa maneira de **laborar** a natureza, objecto real.

Segundo Moscovici, o relativo obscurantismo da separação provém da confusão de dois conceitos diferentes, o de **matéria** e o de **natureza**.

«A matéria significa os diversos corpos, as diversas potências encaradas de maneira autónoma: vegetais, elementos químicos, forças nucleares, forças biossociais, etc. A natureza exprime a sua organização, o sistema que resulta da combinação variada destes princípios materiais.» (5).

A impossibilidade de conhecer uma porção de real independente da experiência humana afirmada por Moscovici, evoca talvez singularmente a posição do idealismo clássico, para o qual a realidade não existe senão como representação da consciência humana. A comparação não é, porém, bem fundada: se é verdade que, para ele, «uma potência material é um puro nada, um não-ser, se não se articula com faculdades humanas» (6), não é a **consciência**, e sim o trabalho concreto, as **forças produtivas**, que lhe oferecem um horizonte de significação.

Moscovici toma à letra o jovem Marx: «A natureza, tomada abstractamente, isolada, separada do homem, não é nada para ele.» (7).

Mais tarde, aliás, trabalhando com Engels, Marx desenvolve essa posição: o real enquanto **mundo sensível** não deve ser encarado como «um objecto dado, directamente e para sempre, eternamente igual a si próprio, mas (como) produto da indústria e do estado da sociedade, no sentido em que ele é um produto histórico, o resultado de toda uma série de gerações em que cada uma se içava sobre as costas da anterior.» (8).

Sem finalismos

Dir-se-ia porém que o Marx em que Moscovici se funda é um Marx situado aquém da filosofia da história do marxismo, aquém de toda e qualquer teleologia do mundo natural: Moscovici não procura fazer a hermenêutica da natureza enquanto processo, e se a sua leitura da diacronia permite identificar invariantes, ela convida, ao mesmo tempo, ao apagamento da interpretação destas em função de uma qualquer finalidade, mesmo admitida a posteriori, como «revelação» de uma realidade suficientemente amadurecida para mostrar os seus conteúdos estruturais:

«A perspectiva teleológica foi, nesta matéria, tão pouco fecunda como no conhecimento dos fenómenos biológicos ou sociais. Nós não podemos, positivamente, senão encarar sucessivos estados da natureza, cujas transformações são concomitantes com as das nossas relações com os elementos que os compõem.» (9).

Uma ordem natural que se desse a ler como completamente independente dos efeitos da acção humana é, assim, tão inconcebível como uma técnica cuja modificação fosse inteiramente estranha à prática que lhe corresponde: «O homem junto com a matéria, eis a definição concreta, verdadeira, da nossa natureza.» (10).

Esta leitura engendra dois tipos importantes de clarificação: por um lado, a natureza (no sentido de sistema natural, de mundo natural), deixa de ser a invariante separada do homem e da «cultura» deste, e historiciza-se em função dos efeitos poroduzidos, no seu seio, pela acção humana. Moscovici propõe, por isto, uma «história humana da natureza», cujo eixo de investigação é constituído pelo movimento, citado mais acima, de **naturalização do artificial**.

Por outro lado, é a própria «natureza do homem» (o que é próprio do homem, a sua relação com o mundo, com a acção, com a morte) que se transfigura, e, deixando igualmente de ser lida como invariante, relativiza-se:

«Continuamente surgem **humanidades** e **materialidades** distintas. E o que vale a pena notar é que as colectividades se diferenciam em função da sua habilidade, do seu saber-fazer respectivo e do modo como criam, quer dizer, acrescentam, talentos, incorporando assim ao seu ser profundo os atributos materiais.» (11).

Natural, artificial

Nós já sabíamos descrever a articulação entre os dois níveis considerados — o da redefinição cíclica do homem em função da evolução das suas relações com o universo material e o da redefinição cíclica do estado de natureza em função da sua transformação pela acção humana: o homem descobre-se, na história e na natureza, não como uma estrutura invariante de qualidades abstractas, mas predador, pastor, agricultor, artesão, engenheiro científico, operário... Cada uma destas situações corresponde a uma visão do mundo mais ou menos específica (lembremo-nos de Heidegger e do seu «mundo da camponesa») e a um tipo de trocas concretas com o mundo natural:

«Observa-se uma concordância entre certos sistemas de disciplinas e certo estado de natureza: a arte, a filosofia natural gregas e a natureza **orgânica**; a técnica, a filosofia mecânica e a natureza **mecânica**; a ciência, a ciência aplicada e o que propus designar por natureza **cibernética**.» (12).

Poderá objectar-se que esta tematização não apresenta nada de especialmente novo: com efeito, não apenas um grande número de «pensadores da técnica» propõe quadros em termos próximos dos de Moscovici, mas sobretudo, bem antes do aparecimento recente dos historiadores da ciência e da técnica, a arqueologia e a antropologia propunham-nos, por um lado uma classificação das épocas históricas em função dos materiais utilizados pelo homem, e por outro uma classificação das etapas de desenvolvimento do homem em função das características «naturais» que ele apresenta. No que respeita à classificação das etapas da natureza, N. Y. Konrad resume bem o paradigma a que nos habituámos:

«Vemos uma idade da pedra seguida de uma idade do metal, no seio da qual se encontram uma idade do cobre, uma do bronze e outra do ferro, na qual a humanidade se encontra ainda. Mas já se desenham os contornos de uma idade dos «polímeros», e pode ser que os arqueólogos futuros falem um dia de duas grandes eras: a era das matérias naturais — criadas pela natureza — e a era das matérias sintéticas — criadas pelo homem.» (13).

No que toca às etapas de desenvolvimento do homem, e sem fugir ao paradigma clássico, a referência a **faber** e a **sapiens** parece por vezes querer abrir-se a um terceiro momento, o **homo industriae**, noção menos sedimentada e menos integrada (14).

Mas a questão de Moscovici pertence a outro espaço de questionamento, espaço que se abre talvez com Novalis quando este pergunta se «a natureza não se modificou profundamente à medida que a cultura crescia». (15). Novalis não chega, porém, a pôr a questão das relações entre as duas instâncias, e por isso não questiona o bem fundado da dicotomia, nem chega a admitir a pertinência de uma passagem aos plurais: **naturezas** em vez de natureza, **humanidades** em vez de humanidade.

As leituras que não põem em causa o paradigma da separação admitem geralmente a existência de descontinuidades e de cortes importantes na história do homem e, menos, na história da natureza, **encaradas enquanto objectos de conhecimento**, mas não ousam atribuí-las aos objectos reais correspondentes.

Um clássico, A. Crombie, chega a escrever (16) que há três ideias principais de natureza: a primeira domina as sociedades humanas desde os inícios da ciência grega até ao séc. XVII, e para ela a «essência das coisas» reside num «princípio activo de operação». A segunda nasce com Galileu e Newton e domina até ao fim do séc. XIX, e é a natureza enquanto «Grande Mecânica», onde apenas as causas próximas são objecto da ciência. A terceira partilha o seu domínio com o que resta da segunda e é a da natureza enquanto processo: ela repõe em questão a causalidade e alarga o conceito até formular o de **ligação**. Moscovici comenta:

«É o mesmo que dizer naturezas orgânica, mecânica e cibernética. Mas prefere-se não o dizer, porque isso seria atribuir uma existência concreta a abstracções...» (17).

Por outro lado, a dificuldade em descrever as relações entre homem e natureza em termos de uma «rede de relações entre dois níveis de realidade significante» (18) deve-se sem dúvida à prolongada incerteza em que nos encontramos quanto aos conteúdos dos diferentes estados de natureza considerados. Porém o avanço da problemática vale bem a eventual demora na repetição metódica do novo objecto: as naturezas «orgânica», «mecânica» e «cibernética» podem manter provisoriamente o estatuto de objectos aproximativos, ou o de representações do mundo natural em função do tipo de trocas que os sujeitos mantêm com ele, melhor: onde eles se «banham». Mesmo que a prudência obrigue a atribuir-lhes por enquanto o valor de novas petições de princípio, vale a pena avançar na descrição dos seus conteúdos:

Para além da petição de princípio

Assim, na **natureza orgânica**, o instrumento de medida de toda a realidade é antes de mais o conjunto das capacidades do corpo humano: o utensílio é concebido em função de uma articulação imediata com as disposições «naturais» do homem ao trabalho — a pinça que agarra o ferro aquecido, o aparelho do barrista que articula os gestos do pé e da mão, a alavanca que multiplica a eficácia do esforço muscular (19). A sua «utensilidade» depende da sua adequação às trocas reguladas entre o corpo biológico e a matéria. A reprodução das técnicas é dominada por uma imagem societária dominada pela ideia de estabilidade — assim um investigador português pôde falar do «progresso técnico e da blocagem social na cidade antiga». (20).

A **natureza mecânica** corresponde à introdução de um ponto de vista exterior ao homem, a um descentramento deste em relação à afirmação progressiva do movimento, do volume, da extensão enquanto instâncias que já não são compreensíveis à luz do equilíbrio anterior. O fazedor de pão torna-se mecânico a partir do momento em que o moinho é accionado por um motor e por um aparelho de transmissão. A natureza orgânica era um «organismo» dotado de poderes assimiláveis aos do corpo humano. Esta, e o corpo humano que lhe corresponde, são compreensíveis através da ideia de «autómato». Os poderes do corpo já não dependem dos seus equilíbrios e da sua organização íntimos, mas da sua semelhança com as novas máquinas. O mundo das diferenças qualitativas é progressivamente substituído pelo das diferenças e das equivalências quantificáveis. Toda a realidade participa da ideia de máquina, as «faculdades mecânicas» passam a dominar o corpo biológico e a sua avaliação do mundo (21). A reprodução do saber codifica-se, e **generaliza** as formas dominantes de troca com o mundo natural. A invenção torna-se sinónimo de **aperfeiçoamento**, e é suposta tender «para um ponto onde a clareza da máquina universal, uma vez atingida, a fará recair na reprodução, repetição e reorganização formal dos mesmos dados». (22).

A natureza cibernética é antes de mais aquela em que o homem participa na própria criação do universo material, em que o homem engendra novas matérias:

«A ciência química cria novas matérias por via de síntese. Tem-se geralmente tendência a chamá-las artificiais, a pretexto de que elas não teriam equivalente na natureza. Na verdade, trata-se de matérias próprias da **nossa** natureza, devidas à combinação que se atingiu com o mundo material» (23).

Esta capacidade do homem de desencadear ele próprio processos naturais traduz-se na proliferação de substâncias novas, e na possibilidade de intervir na organização íntima da matéria.

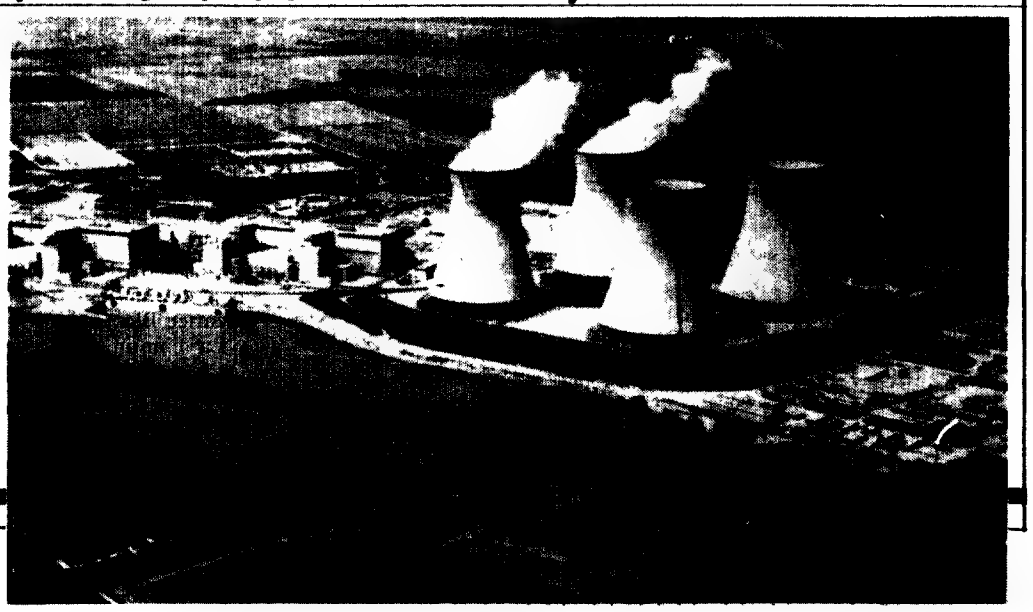
Já não se trata de **trabalhar** a madeira ou de **transformar** o vapor em fonte de trabalho mecânico, e sim de desenvolver sistemas materiais com vista à criação, por «quimização» da técnica, de novos materiais» (24). Ao nível da ordem biológica, a possibilidade de provocar mutações nas espécies por alteração do código genético abre definitivamente a porta ao desencadeamento de processos que ninguém poderá mais qualificar de «artificiais». Por outro lado, a invenção torna-se preponderante, o investimento na investigação separada da produção **mas devendo vir rebater-se nela** faz aparecer uma nova indústria, a da descoberta (25). As máquinas auto-reguladas que **mimam** o sistema nervoso humano abrem caminho a saltos qualitativos importantes na definição do homem, quando «combinadas» com ele (26).

Notas:

1) Le marxisme face à la question naturelle, S. Moscovici, in **L'homme et la societé** n.º13, 1968, p. 60.
2) **La societé contre-nature,** S. Moscovici, 10/18, 1972, p. 155.
3) **De l'influence des conceptions philosophiques sur l'évolution des théories scientifiques,** A. Koyré, in **Études d'Histoire de la pensée philosophique**, NRF 1971, pp. 253-269.
4) Cf. também **Le rôle de la notion de finalité dans une cosmogonie philosophique,** de Jean Ladrière, Revue Philosophique de Louvain, t. 67, Fevereiro de 1969, pp. 143-181.
5) Moscovici, **Le marxisme...**, p. 60.
6) Idem.
7) **Manuscritos de 1844**, K. Marx.
8) **L'Idéologie Allemande**, K. Marx e F. Engels, Ed. Sociales, p. 68.
9) Moscovici, idem.
10) Idem.
11) Idem.
12) Idem.
13) **Notes on the meaning of History**, N. Y. Konrad, in **The Soviet Review,** Novembro 1962, p.24.
14) Cf., por exemplo, J.-M. Benoist, **Marx est Mort**, Idées, Poche.
15) **Werke**, Novalis, t. III, p. 221.
16) **Some reflexions on the history of science and its concepts of nature**, A. C. Combrie, Annals of Science, 1948, n.º 6, p.56.
17) **Essai sur l'histoire humaine de la nature**, Moscovici, Flammarion 1968, p. 112.
18) Greimas, loc. cit.
19) **Essai...**, Moscovici, p. 83.
20) **Progresso técnico e blocagem social na cidade antiga**, V. de Magalhães Vilhena, ed. Seara Nova.
21) **Essai...**, Moscovici, pp. 90-94, 253.
22) Idem, p. 94.
23) Idem, p. 95, 445.
24) Idem, 96-97.
25) Idem, 444.
26) Idem, 461.

A seguir:

Conclusão: falar do animismo hoje



Hilário, pintor e não só

Aqui para nós: um mestre do vitral

«Há duas espécies de pintores: o que pinta o que vende e o que vende o que pinta». É Hilário Teixeira Lopes quem o diz, resumindo assim o que distingue um artista do mercenário, num assomo de clareza, enquanto se ia acercando da sua biografia. Desde a infância ligado ás tintas, pinceis, lápis e cartolinas faz-se pintor, em quilómetros de vivências inscritas num percurso com início em Mirandela, terra onde nasce. Ainda miúdo, dez reis de gente, desenha retratos e cópias das mulheres nuas de Ticiano que a página de Artes e Letras de um jornal nortenho publicava ás quartas-feiras.

Lourdes Féria

A luz de petróleo, enquanto as outras crianças devoravam livros de histórias, Hilário lia um calhamaço sobre a tecnologia da pintura que o pai lhe trouxera do Brasil. Mistérios alquímicos desvenda-os para os acumular na memória e pô-los á prova na experiência. *«Nesse livro comecei a aperceber-me da importância da química aplicada na pintura. Há pigmentos que se podem ligar uns com os outros... há tintas que, quando misturadas, são um cancro umas para as outras, destroem-se mutuamente.»*

Tento encaminhá-lo para os vitrais arte em que se tornou eximio mas ele esquiva-se. *«Já lá vamos.»* Entretanto fala-me da estratosfera onde afirma existir um escuro provocado pela constante libertação dos produtos contidos nos sprays. *«Se não forem tomadas providências podemos ser afectados... homens, animais e plantas»*. Da estratosfera salta para os preços astronómicos das tintas e telas. *«Aqui para nós: uns autênticos vigaristas, os vendedores desses materiais.»*

Mas... e os vitrais? Insisto. *«Calma»*. Volta a Mirandela, ao tempo em que desenhava com pau de carvão sobre cartolina lustrosa porque não havia papel. *Pedia aos comerciantes para colocarem os meus desenhos nas montras. Assim sempre vendia alguns, o que me permitia ir ao cinema»*. Aos 16 anos desce para Lisboa com a família e por cá fica. O curso da António Arroio não lhe adianta nada ao que já sabia, pois o que de *novo* aprendeu foi nas andaças pelos ateliers dos pintores. Aliás, está convencido de que as escolas *«não fazem os artistas»*. De que são apenas um meio para se obter canudos e em pregos.

E o vitral? Pergunto ansiosa. Aos dezoito anos descobre as possibilidades de expressão nesta arte, com Ricardo Leone, sendo actualmente um dos raros que neste país, pode ser considerado não só como entendido mas como criador que domina todo o processo. *«Trabalhei, de facto, com Leone que era um homem muito especial. Não ensinava tudo, tinha os seus segredos. Perguntavam-lhe como fazia os produtos e ele não respondia. Era cioso das suas coisas e, provavelmente, receava a competição»*.

Com Hilário foi diferente. Engraçou com ele no princípio: quando no concurso, entre muitos, — *«Alguns já pais de família»* — o escolhe. A ele, um rapazola de dezoito anos. *«Não se enganou, entrei naquilo bem. Por sorte participei logo numa obra de envergadura que foram os vitrais para a catedral de Bissau...»* Como eram? *«Tinham quatro egangelistas... Aqui para nós: não sou religioso mas conheço muito bem os santos. Nessa altura eu era um menino, vindo da província, com jeitinho e devia ser muto dócil. Nem toda a gente que pinta se adapta ao vitral. Acertei com aquilo... mas o Leone faiza-me promessas na tentativa de me desviar da pintura de cavalete. Queria canalizar-me só para o vitral e desvendou-me todos os seus segredos. Era para mim uma espécie de padrinho...»*

Santeiro

Farto do vitral sagrado, *«santeiro»*, como Hilário Teixeira Lopes lhe chama desenvolve-se no artista a apetência pelo vitral criativo, á revelia de um certo esquema em que as figuras têm de corresponde a um padrão. *«Fiz vitrais horrorosos, muito mastigadinhos. O agradável é uma pessoa ter liberdade de concepção, de recriar... no entanto o que se vendia era o vitral santeiro para jazigos e capelas. E confesso que é muito chato de fazer: os santos e os anjos têm que ser bonitinhos e loiros, tudo muito certinho. Já viu como é horrível fazer um vitral de Nossa Senhora de Fátima com um fundo azul a virgem em branco, a rosto rosado e o rosario pendurado na mão?»*.

É natural que num país, com o culto dos mortos, o vitral santeiro tenha saída, se venda. Seja mesmo negócio próspero. As próprias agências funerárias que negoceiam em jazigos também se dedicam ao vitral, canalizando os clientes para a ideia de que os mortos estarão muito melhor instalados num sítio bonito, decorado. *«Fartei-me daquilo e pensei em concentrar todos as minhas energias na pintura mas tinha um problema: como sair do Leone? Fui obrigado a mentir. Eu, que nunca pus os pés em África, disse-lhe que me ia embora para esse continente. Então ele pediu-me para, ao menos, acabar o que tinha entre mãos. Estava tanto pelos cabelos e tão desejoso de voltar ás liberdades da minha pintura que não acedi ao seu pedido. Sai logo, deixei-o desasado. Viva a liberdade!...»*

Uma outra questao, porém, o preocupava: como sobreviver? Havia que arranjar rapidamente outro ganha-pão. Vira-se para o retrato. Retrato tudo o que lhe aparece: meninas e meninos, senhoras, velhos e novos... e até mortos. Imaginem só: o jovem Hilário (com vinte e poucos anos) na pele do pintor boémio, do estroina que frequenta «cabarets», como Toulouse Lautrec. A coisa assume tais proporções que o artista precisa de um secretário para lhe tratar dos negócios, das encomendas. Era esse secretário, tipo delicado e bem falante, que lhe arranjava a clientela entre a alta burguesia, na classe de empresários e políticos que se entretinham a mandar fazer o retrato da família e das amantes. A páginas tantas, o artista rebela-se e os retratos deixam de agradar aos retratados.

Conta-me como foi. *«Eles não queriam ter rugas, nem papeira... só gostavam do delicodoce. Fui-me afastando do retrato e, hoje em dia, quase não o faço. Normalmente as pessoas detestam que o artista lhes pinte a cara de verde ou os mostre com uma cabeça animalesca. Nisso são muito convencionais. Repare... que os retratos de Columbano também não agradavam.»* Em 1954 Hilário regressa ao vitral mas, desta vez, já com oficina própria, em sociedade com um dos funcionários do Leone, homem batido na vida, casadão, excelente técnico, uns anos mais velho do que Hilário. *«Tínhamos um forno muito rudumentar, ainda a coque... e ele foi-se habituando a cortar e a armar o vidro como um «puzzle», trabalho que não pode ser feito por um vidraceiro qualquer. Por falta de alternativa continuámos a fazer o que fazíamos no Leone.»*

Experiência curta. Nos anos sessenta, Hilário monta outra oficina, mas em moldes diferentes. Muito melhor apetrechada, mais luxuosa, menos artesanal. Forno eléctrico, máquina de laminar chumbo à inglesa... uma coisa mais a sério. *«Aí começo a fazer um vitral mais a meu gosto. Como a minha pintura: não totalmente abstracto com figuras decompostas.»* Nesta fase, durante aproximadamente dez anos, realizou inúmeros vitrais para vivendas, alguns para igrejas e poucos para mausoléus.

Em 1968 surge-lhe uma oportunidade, daquelas que ninguém despediça. Em bandeja de prata, um quase mecenas propõe-lhe um contrato de exclusividade que lhe possibilita pintar o que quer, quando quer e com a ajuda do melhor material existente no mercado internacional. Não pensa duas vezes: diz que sim. *«Foi um período bom. Bastava-me carregar num botão. Tive acesso a telas e tintas que nenhum artista teve. Podia adquirir o material que me apetecesse sem olhar a preço.»*

Uma subtil crítica social e um figurativo «desmanchado»

onto Sete

Limbos

Vício que ainda conserva. *«Está a ver... são telas holandesas de linho»* — mostra-me. Se o contrato continha vantagens também carregava alguns inconvenientes. Um deles era a sua produção não ser vista senão pelos compradores, aqueles que o financiavam. *«Desta forma expor numa galeria estava-me vedado, o que resultou em prejuízo meu. O mal é que me isolei e, quando o contrato acabou senti-me um pouco perdido. Se deu o 25 de Abril e tudo se desmoronou.»* Os tais senhores desapareceram certamente amedrontados com a Revolução. E Hilário vende, quando vende, a clientes modestos que lhe compravam uma ou outra obra, eventualmente, a prestações.

Negócio

A sua mentalidade de esquerda (comunista de longa data) leva-o a aceitar a situação com realismo. *«Na verdade o que apreciava era ter o meu atelier, as minhas tintas, o meu ordenadozinho... enfim, algumas garantias. Acho péssimo um quadro ir para casa de um fulano e ser visto só por ele e pelos amigos. Preferia que a obra de arte fosse para as escolas, fábricas, colectividades e jardins. Não esta certo que um quadro seja metido dentro do cofre de um senhor qualquer.»*

Hoje voltou a ser *tudo* como dantes. O destino da obra de arte prende-se com o investimento, o poder económico. Se os antigos coleccionadores foram derrubados com o 25 de Abril, outros os substituíram nessa missão. Novos ricos, sem nome de grande efeito — os simplesmente Silvas ou Costas. *«Portugal nunca foi um país propício ao negócio de arte. Houve, contudo, uma certa ilusão no tempo dos Vinhas e dos Melos mas era um mundo fictício. Lá fora nas galerias alemães e italianas é que se fazem altos negócios.»*

Hilário arrecadou, no seu percurso de pintor, alguns prémios e menções honrosas. São de destacar o prémio *Sousa Cardoso* e o primeiro prémio da II Bienal Internacional do Desporto das Belas Artes de Madrid, este último atribuído a um quadro sobre o rubgy. Escolha feita entre os trabalhos de 416 artistas que representavam 32 países. *«Até os chineses votaram em mim.»* O prémio abriu-lhe a porta para o Museu de Arte Contemporânea de Madrid onde, mais tarde, a convite, expõe.

Figurativo, abstracto, informalista, gestual — isso tudo. E figurativo de novo, num retorno que não é, de maneira nenhuma, retrocesso. *«Este figurativo não poderia aparecer sem as experiências anteriores. Vê lá o gozo pela matéria, a cor... e vê também uma certa violência de gesto na feitura.»* Na actual pintura (de 1984) cruzam-se traços de grafismo, a destreza do gesto, a segurança do desenho. Pintura que nos dá a impressão de ser feita com duas ou três pinceladas, que não precisa de *mais* para ser o que quer ser.

Na pintura gestual não se fazem correcções ou emendas. Sai ou não sai *«Quando se tem prática sai mesmo. Só tiro o nariz de cima do quadro depois de assinado... ou, se deixo alguma coisa para o dia seguinte, é a assinatura porque não estou para agarrar no pincel pequeno. Passado um tempo torna-se mais difícil trabalhar a tinta. Dou a volta a essa dificuldade pintando o quadro com a tinta fresca, o que aliás lhe garante maior duração.»* Portanto, Hilário quando pega no pincel é para resolver, de vez, um quadro. Tanto faz que tenha cinquenta centímetros como três metros; é para acabar sem interrupção.

No gesto, o que diz? *«A alegria, a dança, o divertimento das crianças... ou o gozo que é olhar para certas pessoas»*. Inventa-as com cara de peru, pés de porco, sem rosto, numa muito leve e súbtil crítica social.

Não obstante a pintura ser a sua actividade principal, uma vez por outra, vira-se ainda para o vitral, quando lho encomendam ou ao sabor do apetite. Retoma o vitral, ofício que abandonou na altura do contrato a que aludi. Derrama no vidro as cores fortes e quentes (amarelos, azuis e vermelhos), dando largas ao gosto pelo desenho, em que se revela excelente. Formas e cores conjugadas com alegria, num clima de festa, o oposto do deprimente.

Incrível

Sobre o vitral e o ensino que dele está apto a ministrar tem uma história para nos relatar. Sobe-lhe a tensão, alteram-se-lhe os nervos só de pensar no ocorrido. Como é possível?

Dos aborrecimentos e incómodos, em que se viu envolvido, nos põe ao corrente. Achegas que denunciam a mediocridade, a incompetência e a leviandade dos Governos. *«Como tinha a oficina parada, desde 1970, resolvo vendê-la à Escola de Belas-Artes visto esta ter manifestado interesse, pois criara uma cadeira de vitral e mosaico. Por acaso fiz um mau negócio, mas atendendo aos fins a que se destinava não me importei. Por incrível que pareça, a Escola não chegou a dar uma aula prática. Ainda hoje não sei porquê. Suponho que não havia intenção de pôr a escola a funcionar... Passa-se a ensinar apenas história e teoria do vitral, o que neste momento nem sequer acontece.»*

Oficina desmantelada, peças a enferrujar pelos cantos e outras perdidas — é no que descambou a outrora bem organizada fabriqueta de Hilário. Lamentável situação que, infelizmente, se repete com a oficina de Ricardo Leone. O Estado volta a cometer crime. Muito entusiasmo no princípio, muita conversa sobre o património nacional e pronto: tudo termina em morte. *«Após o falecimento de Leone, com a oficina em leilão, o Estado apresenta-se como candidato à compra. Com que finalidade? Ao que me constou para criar um Centro Nacional de Vitral, onde os alunos das Belas Artes e estrangeiros poderiam praticar. Em 1977, o Governo socialista decide meter lá os seus adidos, uma daquelas comissões instaladoras que são colocadas nos sítios somente por razões políticas e de compadrios. O mais grave é que não percebiam nada de vitral...»*

Com o vitral nem todos os artistas plásticos atinam. Almada Negreiros realizou cartões e maquetes após um estudo aprofundado do assunto e acertou. Mas nem todas as maquetes, pensadas para vitral, se ajustam a ele *«O vitral é muito limitativo e exige um enorme rigor. Com o meu temperamento irrequieto, por vezes tenho de me desligar do vitral, não suporto sentir-me preso.»*

E ... a comissão instaladora? (Há que trazer Hilário ao tema, evitar que se desvie, dado à sua tendência para a dispersão na conversa). *«Também nada fez. Vendeu as máquinas e os fornos. Para ser mais preciso, das máquinas, mantêve-se apenas a de laminar chumbo, mas já sem os cançonetos para tirar certos moldes e, dos fornos, sobrou um dos mais pequenos. Assim, o Leone ficou reduzido praticamente às instalações. Apesar de tudo ainda se atreveram a aceitar uma obra de envergadura. Tratava-se da restauração dos vitrais de uma igreja de Fátima. Ao fim de dois anos ainda tinham os vitrais por restaurar, um problema que não sabiam como resolver. Entretanto, o padre ia apertando com eles... até há quem diga que os ameaçou de pegar numa caçadeira. Com falinhas mansas pedem ao Mendes de Benfica, antigo trabalhador do Leone, para os desenrascar. Não sendo um artista de concepção, o Mendes é dos melhores técnicos de vitral que cá temos, um homem capaz de pôr um vitral no lugar...»*

Completamente à nora, a Comissão Instaladora da Oficina de Vitral do Ricardo Leone vem bater à porta de Hilário Teixeira Lopes. *«Avancem com uma proposta»* — respondeu. Mas o que lhe apresentaram não servia: era uma situação transitória, insegura. *«Então fiz uma contraproposta que foi aceite pois eles estavam com a corda na garganta. Muda o Governo, mais outro impasse. Com o novo executivo funda-se o Instituto do Património Cultural e convidam-me para entrar para o quadro de adidos. Certo, vou nisso. Trato da papelada: um monte de certidões e certificados. Cumpro toda a burocracia exigida. E depois? Atraso e mais atraso. E, sem mais nem menos, decidem fechar aquilo. Os tipos da comissão são espalhados por outros empregos e o projecto não se concretiza»*.

Em resumo: estragaram a fábrica, rebentaram com o património e o vitral foi esquecido. Ainda admitiram a hipótese, na altura em que brincavam à defesa do património, de chamar um especialista francês de vitral, que viesse ensinar a arte aos portugueses, o que também não ultrapassou os limites das intenções.

«Sim, um francês que viria ao nosso país, passar quinze dias do mês, com hotel e viagens pagas e um ordenado europeu. Não veio, até o francês mataram. Morreu tudo...»

E agora? *«Agora querem fazer um museu de vitral. Mas com quê?»*

Eis uma pergunta pertinente. Com quê? ■

Uma aristocracia operária perante a revolução técnica

Uma visita a uma aristocracia à beira de uma revolução: os operários profissionais, cujas tarefas exigem competência e iniciativa, regem perante a mudança técnica e social. Com um receio, o aborrecimento; uma reivindicação, a responsabilidade.

O ito horas da noite. Na oficina só está o pequeno grupo dos que fazem equipa, uns quinze profissionais da metalurgia, na sua maioria com muita experiência.

Presente Jean-Michel, um brocador de vinte anos, que usa um brinco, é risonho e barulhento. Já é um trabalhador hábil, embora os seus verdadeiros interesses estejam fora da oficina: moto, música... Não está sindicalizado e ignora tranquilamente as suspensões de trabalho, excepto quando lhe apetece sair da oficina. Nesse caso, participa, sem mesmo se inteirar do motivo da suspensão.

Presente também Jérôme, de vinte e seis anos, também brocador. Família operária, filho e neto de comunista. O avô viveu o Congresso de Tours, o pai a resistência e a guerra fria. Está rico dessa cultura mas forjou, a partir dela e da experiência dos pais uma filosofia pessoal a um tempo reflectida e muito espontânea, que o levou a tomar as suas distâncias, tanto para com o partido comunista como para os com os sindicatos. É em todo o caso filiado na C.G.T. Anda muito de bicicleta mas não lê nem viaja. Já comprou a sua casa, não faz horas suplementares e aproveita regularmente os quarenta e cinco dias de doença pagos que a convenção colectiva autoriza.

René, solteiro, de cinquenta e dois anos, detesta a mecânica embora a sorte o tenha condenado a fazê-la o dia inteiro. É um apaixonado pela cultura e vai duas vezes por semana a um concerto ou ao teatro. Nunca viu utilidade em comprar automóvel, mas vai muito ao estrangeiro.

Etiénne, seu vizinho, tem quarenta e cinco anos dos quais trinta e um foram passados na fábrica. Faz o seu trabalho de torneiro com grande à-vontade e uma regularidade perfeita. Conhece-o de cor e combate o aborrecimento lendo muito: *l'Express, le Canard enchainé, le Monde...*, que mete debaixo do pano de oleado sobre o qual coloca as ferramentas. Tal como Jérôme é um daqueles «não-alinhados» que a pouco e pouco se vão tornando uma componente bastante importante da classe operária: interessam-se pelo futuro da sociedade, têm as suas ideias sobre ela, mas raramente as exprimem porque não se encontram nas componentes do debate político.

Também há Jovan, o jugoslavo, que, para além do ajustamento faz luta greco-romana e luta livre — participa nos campeonatos de França — e dá aulas nocturnas para conseguir um diploma de técnico superior. E Branco, seu compatriota, mais comunista ainda que os comunistas e que passa uma boa parte das suas horas de descanso a pintar quadros no estilo dos «naífs» da sua região de origem. Sandor, o húngaro, joga nas corridas, e o dinheiro que ganha permitiu-lhe construir um grande barco que se encontra no Marne, em frente das três caravanas de que fez uma habitação minuciosamente cuidada. Karim, um jovem provisório argelino rompeu cedo com a escola, com a família, e leva uma vida agitada, muitas vezes à margem da legalidade. No seu trabalho de alisador mostra-se notavelmente inteligente, ávido de aprender e aprendendo muito depressa.

Como cada um está na sua máquina, essa diversidade não se descobre. Quem sabe que Sandor, participou aos dezasseis anos na revolução húngara de 1956, que o pai de Branco foi um companheiro de luta de Tito nas guerrilhas anti-hitlerianas, que Mario odeia a política porque, em criança, viu a população da sua aldeia — inflamada por um discurso de Mussolini — reclamar a guerra?

Com os dois refugiados do Laos, com Karim, com Kouma do Mali, há aqui, entre quatro paredes cinzentas, os quatro cantos do universo, uma internacional operária... estranhamente pouco consciente de si própria.

O «homo faber» acorrentado

É que, aqui só se vem para trabalhar. É o reino do *homo faber*, mas o *homo faber* está acorrentado. Dão-lhe nomes cada vez mais retumbantes: profissional qualificado, profissional altamente qualificado, mestre-operário, técnico de oficina... Mas esse exagero verbal não consegue fazer esquecer a realidade. Os jovens não se acotovelam às portas das fábricas nem à entrada dos estaleiros. O mínimo trabalho de escritório continua a ter mais atracção do que uma das formas de actividade por mais completas e atraentes que sejam, na encruzilhada entre o trabalho manual e o intelectual.

«Em todos os casos e em qualquer fábrica, temos que fazer sozinhos, sem ajuda do chefe nem de ninguém, uma peça, do princípio ao fim: leitura do plano, cálculos, determinação do modo de abordar o trabalho, realização concreta.» Ombros largos, busto pesado, mãos fortes, Marcel tem atrás de si vinte ou trinta anos de corpo a corpo com a vida de fábrica.

«Em peças como as que estou a fazer neste momento, que pesam várias toneladas e valem milhões em material e em trabalho, fazer um erro é um drama. Antes de começar uma peça, pego na minha máquina de calcular e faço uma ou várias horas de cálculos. Depois há os apontamentos, por alto, cada um dos buracos que devo fazer. Esses «buracos de centro» vão servir para guiar a verruma mas também para verificar com um metro, que não cometi erros. Uma vez tudo apontado e verificado, começo.»

Esse modo de proceder é normal, mas há excepções. Assim, Clement, de cinquenta e seis anos, aprendeu tudo empiricamente, ajudado por uma grande aptidão para a mecânica e pela sua aceitação ilimitada de horas suplementares. Apanha um pedaço de papel do chão ou pega no seu maço de Gitanes e calcula aí, a lápis, um primeiro buraco que logo realiza na peça, refaz uma operação no seu pedacinho de papel, depois executa um segundo buraco... E quase nunca se engana.

De qualquer modo é sempre preciso adaptar-se, saber atirar-se à água depois de ter feito o inventário de todas as maneiras possíveis de refazer o problema. O inventário deve ser completo mas a decisão rápida. Tudo isto modela carácteres vigorosos. Pessoas como Marcel ou Clement têm uma presença que não passa despercebida.

Encontra-se este tipo de atitudes intelectuais no sindicalismo, sobre tudo no da C.G.T., assim como com o marxismo concreto, quotidiano, dos nossos países. Nos dois casos procura-as intervir sobre um objecto complexo definido vias simples e precisas para a sua transformação. Para modificar o real. Ser eficaz. E sem esperar. Palavras de ordem, slogans, fórmulas consagradas, tudo o que hoje se rejeita tem um pouco a marca desses métodos de trabalho.

O meio dos operários profissionais foi, do facto, o terreno de eleição da acção operária, sindical e política. Esta encontrou sem dúvida as chaves de uma empresa excepcional na história, mas talvez também os seus limites: transformar a sociedade é muito mais complicado do que transformar a matéria...

Uma liberdade cerceada

Mas não se pede ao operário profissional, por mais qualificado que ele seja, que aplique a sua inteligência a outra coisa que não seja a matéria, e o seu campo de intervenção está estreitamente circunscrito. Como se viu, Etienne é obrigado a esconder-se para ler, quando o domínio profissional e a natureza do seu trabalho o tornariam possível sem ameaçar a produção. Na oficina da região de Nantes onde trabalha Gerad, electricista de manutenção, todos os profissionais de uma das oficinas criaram um sistema que lhes permite esconder o avanço que podem ter no trabalho, a fim de prever momentos em que estejam atrasados.

Com o tempo, a experiência e a habilidade, a maior parte dos profissionais conseguem assim ter parcelas de liberdade, mas trata-se sempre de uma liberdade cerceada, truncada. Mesmo que Etienne consiga ler os seus jornais, não se trata de obter o direito de gerir livremente o seu tempo de trabalho. E Michel, de vinte e oito anos, animador de grupos de jovens desportivos, no seu bairro, não pode esperar sair mais cedo certos dias nem ausentar-se de vez em quando para se ocupar deles, mesmo compensando as suas ausências.

Ele domina, no entanto, uma especialidde muito procurada, que lhe permite falar alto ao patrão. Mas a liberdade de movimento e a possibilidade de organizar o seu trabalho como entende — na medida compatível com as exigências da produção — continuam hoje, na maioria dos casos, menos impossíveis do que impensáveis.

Dizer o que se pensa sobre o funcionamento da oficina e até da produção? A aplicação das leis Auroux permite-o, mas é muito lenta.

Pela mudança ou contra ela

A aposta é tanto mais importante quanto as máquinas de comando numérico e os robots reduzem a autonomia dos profissionais:

«Já não há iniciativa pessoal, constata Jean-Pierre, de Montbéliard. *Carrega-se num botão, vê-se no quadro uma lampada a fazer pisca-pisca. Hop! Paragem de urgência. Só nos resta chamar o chefe: Chefe! Isto vai mal!» — !Na nossa oficina,* acrescenta Bernard, também de Montbéliard, *fazemos ferramentas para trabalhar folha metálica. Até há três ou quatro anos era primeiro necessário fazer maquette de madeira, gesso ou plástico. Depois fabricava-se a própria ferramenta com máquinas de copiar comandadas manualmente. Agora todo o trabalho é feito por máquinas de cérebro electrónico.»* ■

Video e Audio: *trate as suas fitas*

Paulo Jorge Cruz

POR vezes, nos objectos mais inofensivos encontram-se factores de risco que mais tarde se tornam irreversíveis. Nos danos infligidos sobre o material video, nomeadamente nas cassetes, o elemento mais «afectivo» num sistema que, na perspectiva de muitos, ainda se revela demasiado maquinal e «gélido» — sobretudo se comparado, por exemplo, com o cinema.

É no sentido de observar esses perigos que se irão publicar dois trabalhos, o presente e o da próxima semana.

As cassetes não são eternas

Os gravadores de video garantem à partida uma qualidade praticamente fiel na reprodução do objecto gravado, porém torna-se necessário observar determinados cuidados com a conservação das fitas, para que essa qualidade se mantenha até um limite que realisticamente a cassete comporte, quer dizer, é preciso evitar a destruição precoce da fita.

Neste caso, a maior parte dos cuidados a ter com as cassetes são bastante evidentes, no entanto, é talvez a não assimilação desses pequenos pormenores que tornam o material envelhecido. Mais do que preservar o investimento feito (e todos nós sabemos do elevado preço do material video), é acima de tudo necessário garantir os resultados da nossa sensibilidade ou afectividade que se manifestou quando optámos por determinado programa ou realizámos determinado registo.

Evite os choques violentos

As casssetes são concebidas para garantirem à partida um certo volume de ondas de impacto sem alteração do interior, isto é, das condições da fita. No entanto, é absolutamente necessário evitar contactos violentos com a cassete, como quedas.

Os resultados saldam-se normalmente por um desajustamento das peças no interior, com consequente bloqueamento da fita. Na maior parte dos casos o problema resolve-se com um rebobinamento para a frente e para trás.

«O ambiente familiar não é completamente inofensivo para o material gravado.»

Desmagnetização

Em linguagem simplificada, a gravação de video é um ordenamento de partículas ferro-magnéticas depois de serem submetidas à acção de um campo magnético. Justamente por isso, é o mesmo campo magnético que irá actuar na sua destruição de forma maior ou menor, de acordo com a influência exercida. Este fenómeno sucede de resto com as cassetes de audio. Os profissionais, quando, suponhamos, pretendem «limpar» um determinado assunto, sujeitam a fita a um forte magnético e tudo aquilo que se encontravam gavado desaparece pura e simplesmente.

É evidente que no nosso quotidiano familiar não existem aparelhos capazes de desmagnetizar por completo uma cassete, porém, acções repetidas, retiram, seguramente, qualidade e com o tempo produzirão danos irreversíveis.

Eis então alguns dos agentes principais na possível desmagnetização do material gravado: as caixas acústicas dos sistemas de alta fidelidde (vulgo, «colunas de som»), os alimentadores de TV, o próprio aparelho receptor, equipamentos electrónicos diversos, mesmo o gravador de video...

De um modo geral, estes são os elementos preponderantes no nosso quotidiano, é fácil será deduzir, não são fáceis (ou passíveis) de substituir ou alterar, por isso há que tomar precauções.

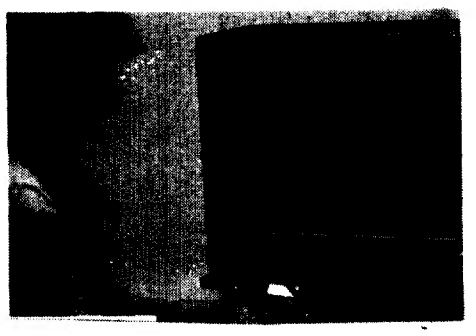
Em primeiro lugar, ao retirar-se a cassete é usual deixá-la em cima de um destes objectos, acto despreocupado mas grave. Evitar a desmagnetização é pois muito simples: basta que a cassete saia directamente da caixa de protecção para o gravador de video e vice-versa, neste último caso é aconselhável que a caixa de protecção esteja colocada em local intermédio relativamente aos aparelhos mencionados. Com esta atitude, simples e automática, estará a contribuir para a manutenção da qualidade do seu programa, filme ou gravação.

O desgaste natural

A fita de video não é eterna, já o dissemos, tem por isso um tempo de vida mais ou menos estabelecido. Na maior parate dos casos compete-nos tratar de a fazer chegar ao fim. Evidentemente que existirá um dia em que a fita será impraticável.

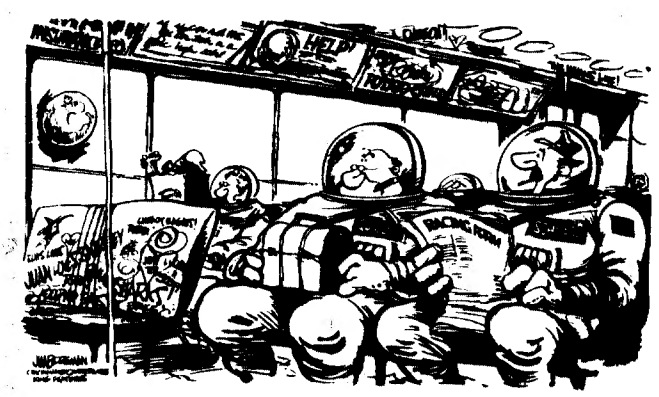
Para todos aqueles que gostariam de preservar o seu material sem contudo o deixar de ver, existe um processo muito simples: duplicar a cassete logo na primeira passagem. Deste modo, com uma pequena perda de qualidade, podemos «gastar» a cassete duplicada (a inicial apresenta sempre melhor qualidade), sabendo que a original estará bem conservada. Quando a cassete duplicada se estragar, basta repetir o esquema.

Ainda assim, sempre informamos que uma cassete se mantém com qualidade até 5 gravações sobrepostas e cerca de 500 passagens, números afinal, tranquilizadores. ■



«Retire a cassete da caixa directamente para o gravador»

sorRiso sem juros



MAC, ainda te lembras do tempo em que estas viagens de «vai-vem» eram qualquer coisa sobre a qual valia a pena mandar um postal para casa?

Mensagens pessoais

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

Mensagens pessoais

Proprietários Bairro Alto
Jornalista aluga ou compra andar antigomesmo precisando obras mínino quatro assoalhadas Bairro Alto preferência vista Tejo.Caso aluguer, só interessa contrato longa duração. Escrever a M.G.R. Rua Maria Pimentel Montenegro 7, 2.º Esq. (Benfica) Lisboa.

Minolta
Vendo tele de 200 mm, marca Minolta, usada, óptimo estado. Escreva ou telefone a Fernando Jorge Cardoso, Rua Dr. António Granjo, 30, 2.º Esq., Algés 1495 Lisboa

Windsurf
Vende-se prancha «Magnum» completa a andar 30 contos; propostas para J. Sales Grade, célula 15, Bloco G, lote 4, 7.º Dt.º. Carnaxide, telef. 2185003.

Piano eléctrico
Vendo piano eléctrico Welson com dois registos e estojo. Bom estado. Respostas escritas para António Tendeiro, Av. Estados Unidos da América, 52, 3.º Dt.º, 1700 Lisboa, ou telef. 895297.(só de manhã).

Aparelhagem
Vendo conjunto de alta fidelidade composto de sintonizador--amplificador marca Telefunken de 35W, gira-discos marca TEAC e colunas de som marca Wharfedale de 45 W por canal. Estado como novo. Contactar V.M.C.P., Av. Santa Maria 29 r/c Esq. 2830 Barreiro

Fiat 600-D
Fiat 600-D impecável. Informa telef. 609106 das 17 às 22 horas.

Gostava de fazer rádio?
Nós, equipa portuguesa de R.K.S. estamos interessados na sua colaboração. Produza o seu (ou seus) programa com duração de 20-30 minutos cada. Musical (com música portuguesa de qualidade) ou baseado num tema actual. Envie para José M.R. Pinto, Rádio Kaleidoscope, 36 Rua Christophe Turc, 38100 Grenoble, France .

Todos interessados
Falta material musical e informativo principal dificuldade enfrentamos desde há três anos. Para melhorarmos qualidades emissões portuguesas e continuar divulgação nossa língua e cultura precisamos colaboração artistas, Imprensa, produtoras... Contacto José M.R. Pinto (morada anúncio anterior).

Noivado
Cão raça Boxer L.O.P. procura noiva da mesma raça e também L.O.P. Contactem o meu dono à noite pelo telef. 9241998

Mobília
Em mogno, de torcidos e tremidos, em muito bom estado, de escritório particular, vende-se. Telef. 784896, depois das 11 horas.

Ensino particular
Professora, em ambiente familiar, prepara para o Ensino Primário, Educação Musical e iniciação ao inglês, jovens em idade escolar. Contactar Maria Margarida Nazaré dos Santos Av. Aljubarrota 15, telef. 937247, 2700 Amadora

Passa-se casa de cópias
Casa de cópias em Sintra, passa-se. Bem situada, contactar Victor Duarte, tel. 9231757.

Troca-se casa
Em Lisboa, próximo Sete-Rios, por vivenda com 3 ou 4 assoalhadas, nos arredores de Lisboa, de preferência não longe do litoral. Assunto a tratar só com os respectivos proprietários. Contactar telef. 787430.

Andar na Moita
Com 3 anos, 138 m2, 5 assoalhadas, 2 casas de banho, vendo por concurso a realizar Fevereiro pelos Serviços de Habitação Câmara Moita, preço 1700-1900 contos a fixar pela Câmara, empréstimo assegurado C.P.P. Contactar Serviços de Habitação. Manuel Henrique Silva, Rua Cândido Oliveira, Lote 5, 1.º C, Lisboa Tel. 319185.

Juan Carlos, Adolfo Suarez, Felipe Gonzalez... a transição de um regime autoritário de direita para uma monarquia parlamentar de tipo europeu parece ter feito chegar a democracia espanhola à idade da razão. Até os socialistas mostraram ter o sentido do Estado e o gosto pronunciado pelo realismo...

Espanha: da nostalgia à esperança

Marcel Niedergang

Franco morreu em Novembro de 1975. Adolfo Suarez, um quase desconhecido surgido do serralho franquista mas escolhido pelo rei Juan Carlos, formou o seu primeiro governo em Julho de 1976. «*Uma equipa para o Verão*», diziam os cépticos. Puro engano. Em Junho de 1977 as primeiras eleições gerais do após-franquismo consagravam a democracia.

Sete anos. Para os homens e para as sociedades é diz-se, a idade da razão. A democracia espanhola que se diz muitas vezes frágil e ameaçada, já tem, pois, essa idade. Não é tão mau como isso. Sobretudo se se considerar que a transição de um regime autoritário para uma monarquia parlamentar de tipo europeu se efectuou sem violências e com a boa vontade de quase todos.

Das Forças Armadas que, embora ainda resmunguem, aceitaram que Juan Carlos fosse o herdeiro do caudilho. Da Igreja, que se tornou amplamente liberal depois de ter participado na «cruzada» franquista, e que deu o seu aval a uma «mudança» que, provavelmente, não imaginava tão brutal. Da direita clássica que se autoproclamou «civilizada» para acompanhar os tempos e que preconiza uma alternância «liberais-conservadores» de estilo muito britânico mas nos antípodas de um temperamento espanhol mais inclinado para a chicana e para a divisão. Dos comunistas que lançaram a roupagem marxista às urtigas, se fizeram cordeiros e hoje se destroem como lobos ao ver que são os grandes perdedores do consenso. Dos socialistas, enfim, que provaram largamente, desde o seu triunfo das eleições gerais de Outubro de 1982 que tinham o sentido do Estado e um gosto pronunciado pelo realismo. Os amigos de Felipe Gonzalez são, decididamente, muito razoáveis.

O pesadelo basco

A inflação, o desemprego, as graves pertubações sociais ligadas em parte à necessária reconversão económica: a Espanha, décima potência industrial do planeta tem as mesmas «doenças» dos outros países desenvolvidos. Ela também enfrenta o terrorismo de extrema direita e de extrema esquerda, a explosão de todas as liberdades e, às vezes, da libertinagem, numa sociedade ainda conformista, uma adaptação delicada do processo de regionalização e de autonomia local por um Estado tradicionalmente centralista. Mas o único e verdadeiro problema grave é o cancro basco. Ele usa as energias, cansa as paciências, aguça os antagonismos, não oferece a curto prazo outra alternativa que não seja a renúncia ou a repressão, e ameaça perigosamente as instituições democráticas. Isto é tão verdade que as Forças Armadas podem em qualquer altura pesar com toda a sua força no poder central a fim de exigir o máximo de rigor contra os terroristas e os seus cumplices.

O caso basco continua a ser o pesadelo da Espanha de 1984. E compreende-se bem que as autoridades se exasperem por não poder contar com a colaboração activa de todos os seus amigos, tanto do interior como do exterior.

A França é, para mais, considerada como o país mais hostil à adesão da Espanha ao Mercado Comum. Socialista ou giscardiana, a França não é bem vista pela Imprensa de além-Pirenéus. Esta raramente tem sido tão má. Uma sondagem recente indica que 74% dos espanhóis têm uma imagem francamente negativa da França. É um record. Mas um record soberbamente ignorado deste lado do Adour porque a opinião pública francesa continua fortemente ignorante ou indiferente perante os assuntos espanhóis.

O contrário não é verdade. Se a França pode adoptar, sem demasiados problemas, desde há mais de um século, uma certa atitude de suficiência e condescendência, não acontece o mesmo com a Espanha que foi obrigada a olhar incessantemente para o outro lado dos Pirenéus. Napoleão, o cerco de Saragoça, os fuzilados de Moncloa: tudo isso é um passado longínquo mas que marcou profundamente e continua a marcar a consciência espanhola. Os nossos vizinhos do Sul tiveram depois outros motivos para alimentar um ressentimento pronto a expressar-se.

Durante a Guerra Civil, a França da Frente Popular meteu-se em contradições e hesitações. Ela compreendeu tarde demais que a guerra de Espanha não era mais do que um prólogo da Segunda Guerra Mundial. Uma primeira ocasião de deter a conflagração mundial que ameaçava o Mundo perdeu-se no Reno no momento da recuperação da Renânia pelas tropas alemãs. A segunda foi em 1936 quando as potências do Eixo utilizaram a Espanha como campo de manobras fazendo aí um teste da capacidade de resistência da França e da Grã-Bretanha.

Um rei que acabou por ser aceite pelos militares como um «herdeiro» do caudillo

A França de Pétain colaborou com Franco, vencedor impiedoso no interior e prudente no exterior. E o dirigente catalão Luis Campany entregue aos franquistas e fuzilado em Montjouich, pagou com a vida essa «amizade». Uma mancha sangrenta no livro da França «terra de asilo». Os soldados republicanos vencidos em 1939 não encontraram, é o menos que se pode dizer, uma recepção muito calorosa nos «campos» do sul da França, e os que mais tarde se alistaram na luta clandestina contra o ocupante alemão ao lado da Resistência, não foram, salvo raras excepções, considerados como o mereciam. Milhares de espanhóis preferiram, com a amargura no coração, tomar o caminho do exílio, em especial do México.

No entanto, foi naturalmente para a França que os espanhóis liberais e hostis ao totalitarismo se voltaram de novo, em Espanha e fora dela, depois de 1944. Novas decepções. A Espanha oficial franquista foi ignorada, depois um tanto caricaturada, mas a Espanha da sombra só encontrou apoios timidos ou francamente orientados. Grandes momentos de emoção passageira sacudiram o Hexágono quando o dirigente comunista Grimau foi executado em Madrid, durante o processo de Burgos, ou ainda depois da condenação à morte de cinco militantes bascos, em vésperas do desaparecimento de Franco. Mas a evolução espectacular e positiva da Espanha foi geralmente ignorada.

A caricatura e o esquecimento

De 1958 e 1975 a Espanha também foi a liberalização económica que permitiria o **boom** dos anos 60, a transformação social de uma sociedade até então imóvel, uma arte de viver entre si, uma certa dignidade, uma camaradagem à espanhola que permitia relações por vezes directas entre adversários políticos, apesar das sequelas de uma terrível guerra civil, a formação difícil de sindicatos democráticos meio clandestinos e meio tolerados, o renascimento de uma esquerda de interior moderno, um consenso de facto entre liberais franquistas e antifranquistas: em suma, um conjunto de sinais que indicavam que a Espanha real dispunha, muito antes de 1975, e a todos os níveis, todas as estruturas necessárias à passagem sem choques para um regime democrático.

A Espanha de Prosper Merimée está bem morta, mas a de Lorca ainda vive, de um certo modo. Porque foi toda a nação, identificada e reconciliada no reconhecimento dos seus valores universais que acolheu com emoção e orgulho, em Madrid, a **Guernica** de Picasso. Ela também recebeu em triunfo alguns dos seus maiores intelectuais que regressaram ao país depois de um tão longo exílio. E a paixão de saber, de conhecer a face escondida da Espanha dita «vermelha», cuja complexidade fora dissimulada durante tanto tempo, é ilustrada pelo êxito excepcional, sobretudo junto da juventude, das obras sobre a Guerra de 1936-1939.

No entanto, ainda é necessário que um espanhol escreva um grande romance sobre o combate fratricida. Os comentários estrangeiros sobre o **1984** de George Orwell negligenciaram, ou até ignoraram esse admirável **Homenagem à Catalunha.**

É, no entanto, de longe, a melhor obra do antigo combatente do POUM em Barcelona na frente de Aragão. Negligência reveladora porque a guerra civil — e os seus sofrimentos internos — não foi um simples «acidente» espanhol, mas universal.

Quase nove anos depois da morte de Franco, a Espanha hesita entre uma certa nostalgia e a esperança. Nostalgia dos «dias tranquilos» do franquismo que nunca mais voltarão porque o mundo deste fim de século não tem relação alguma com os dos anos 50. Esperança de uma explosão cultural autêntica que evidentemente não coincidiu com a instauração das liberdades. Muitos intelectuais espanhóis esperavam outra coisa. A Espanha também cede perante as modas fáceis do mundo anglo-saxónico. Ela aceitou os «punks» e os «gays» nas suas ruas. Foi invadida pelo rock, as séries de televisão medíocres, uma literatura de estação de caminho-de-ferro. Os pintores escapam, em parte, a essa morosidade, e há sinais que indicam que poderia vir a surgir um renascimento cultural e científico. Isto é assim no cinema, no teatro efervescente embora ainda esboçado. Sobretudo, a sede de saber é evidente e ardente. Só os mestres do pensamento, do nível dos «antigos» ainda se preparam para chegar.

Flores de estufa

«Antes (do 25 de Abril de 1974) tínhamos só semiliberdade democrática, mas sabíamos quem éramos e o que tínhamos.»

Bispo de Bragança
«O Dia», 19.1.84

«Tudo se prepara para fazer de Portugal um país de assassínios.»

Bispo de Leiria
«O Dia», 17.1.84

«No caso de as propostas de lei (sobre o aborto) serem aprovadas (os fiéis) devem resistir e desobedecer frontalmente.»

Idem

«Estou de acordo com o presidente Reagan, em que a ideia de manter a firmeza faz do mundo um lugar mais seguro.»

Mota Pinto
EUA, 18.1.84

«A candidatura do dr. Mota Amaral (à Presidência da República) é verosímil para ganhar.»

João Salgueiro
«DN», 20.1.84

«Sinto-me um fóssil quando tomo contacto com estas maquinetas.»

Almeida Santos
No salão de Informática da FIL, 18.1.84

«Todas as ditaduras têm um presidente, nenhuma tem um parlamento.»

Margarida Borges de Carvalho
«A Tarde», 17.1.84

«Portugal está envolvido em riscos tremendos.»

Nuno Rocha
«Tempo», 19.1.84

«Nos Jogos Olímpicos os soviéticos vão fazer espionagem.»

«O Dia», 17.1.84

«Ex-caixeira de sapataria faz milagres no Algueirão.»

«CM», 20.1.84

«1984 sera l'année de l'Europe, pour le meilleur et le pire.»

Mário Soares, no almoço que ofereceu a P. Mauroy em 19.1.84

«Não há muito tempo, os rapazes eram rapazes — uns felizardos —, e as raparigas eram raparigas, tanto pior para elas.»

«O Jornal», 20.1.84

«1984 já não é 1977 ou 1978 nem sequer 1981 ou 1982.»

M. Rebelo de Sousa
«Semanário», 14.1.84

Recordando Américo Thomaz: «A Madeira é uma ilha, e como tal as suas fronteiras defrontam sempre a água.»

(1962)

doces crónicas

A gravidez e as bebidas alcoólicas

Na RFA nascem todos os anos entre três a cinco mil bebés com deformações, porque as mães ingeriram bebidas alcoólicas durante a gravidez, afirma a associação médica de ajuda às crianças deficientes «Aktion Sorgenkind», no seu relatório anual.

Os médicos, que lançaram uma vasta campanha de informação sobre o tema álcool: um veneno durante a gravidez», advertiram todas as futuras mães de que não devem ingerir bebidas alcoólicas, por mínima que a quantidade seja, durante os nove meses de gravidez.

Entre as deformações fisiológicas mais características devido à embriopatia provada pelo álcool, são assinalados sobretudo nos recém-nascidos, problemas de crescimento, cabeças, narizes e orelhas demasiado pequenos e um afastamento exagerado dos globos oculares.

Os especialistas sublinham também a importância dos distúrbios psicológicos (angústia, irritabilidade, insónia) que uma intoxicação alcoólica pode provocar no bebé quando este ainda se encontra no ventre materno.

Segundo o relatório da Aktion Sorgenkind, basta uma pequenísima quantidade de álcool (60 gramas de álcool puro por semana, contidos por exemplo, em um litro e meio de cerveja) para pôr a saúde do embrião em perigo. Os médicos alemães-federais citam, nomeadamente, um estudo americano, segundo o qual uma em cada três mulheres grávidas que tenham consumido uma bebida alcoólica, seja ela qual for, pelo menos duas vezes por semana, durante a gravidez, arrisca-se a dar à luz um nadomorto.

Em contrapartida, as mulheres alcoólicas que renunciem totalmente à mínima gota de álcool durante a gravidez têm possibilidade de dar à luz um bebé completamente normal.

Clip

• Os interessados em elaborarem uma antologia da asneira terão esta semana uma oportunidade única: dois dias passados na Assembleia da República onde na quarta e quinta-feira serão discutidos os projectos do PS e do PCP sobre o aborto. Na Europa Ocidental, Portugal é um dos três países onde o aborto permanece ilegal. Mas, no Parlamento, ainda há (e não são poucos) quem o conteste em nome dos «bons costumes» medievais. A não perder.

• A não perder também a conferência que amanhã, pelas 21 horas, terá lugar no Anfiteatro da Biblioteca Nacional. O orador é Hubert Reeve, autor de «Um Pouco Mais de Azul», que falará sobre as Origens e a Evolução do Universo.

• Mas hoje ainda pode ter um bom fim de tarde se orientar os seus passos para a Gulbenkian. Aí, às 18 e 30, está o grupo do IRCAM de Pierre Boulez (música contemporânea). Dirigido por Jean-Claude Pennetier com Antoine Cure e Pierre-Laurente Aimard como solistas em trompete e piano, o grupo interpreta peças de Stockhausen, Guerrero, Luís de Pablo, Reverdy e Messiam. Música ao fim da noite. Eis o que o bar da livraria Nova Opinião tem para lhe oferecer na quarta-feira. Às 23.30 Fernando Calazans e Luís Branco Correia, interpretam obras para dois violinosde Bach, Telemann, Mozart e Bartok. Se não gosta, guarde-se para quinta-feira: no Rock Rendez-Vous, Rui Veloso apresenta o seu último álbum «Guardador de Margens».

• Quanto a cinema, o melhor é optar pelas sessões especiais da meia-noite e os ciclos. Nestes, o destaque para o dedicado a John Ford que na sexta-feira terá um dos seus momentos fortes. O filme é «A Desaparecida» com Johny Wayne e Natalie Wood. Na Gulbenkian. No S. Luiz continuam as sessões dedicadas ao cinema canadiano; na quarta-feira, às 18 e 30, é a vez de «Mon Oncle Antoine» de Claude Jutra. Amanhã, às 18 horas, na Cinemateca, uma «fita» diferente, de um vietnamita que vive em França, e que se chama Lam-Lê. O filme é «La Poussiére d'Empire». Entre hoje e quinta-feira passe também pelo Quarteto para ver (ou rever) O Padrinho — parte II de Copolla e a Terceira Geração de Fassbinder. Para os amantes do «filme negro» então a opção de hoje é a televisão. No segundo canal, às 20.30, «Du Rififi chez les hommes» de Jules Dassin.

• A finalizar um aviso: a Vampiro já reeditou um novo Chandler. Chama-se «O Bode Expiatório» ou do seu nome original «Playbak.» ■